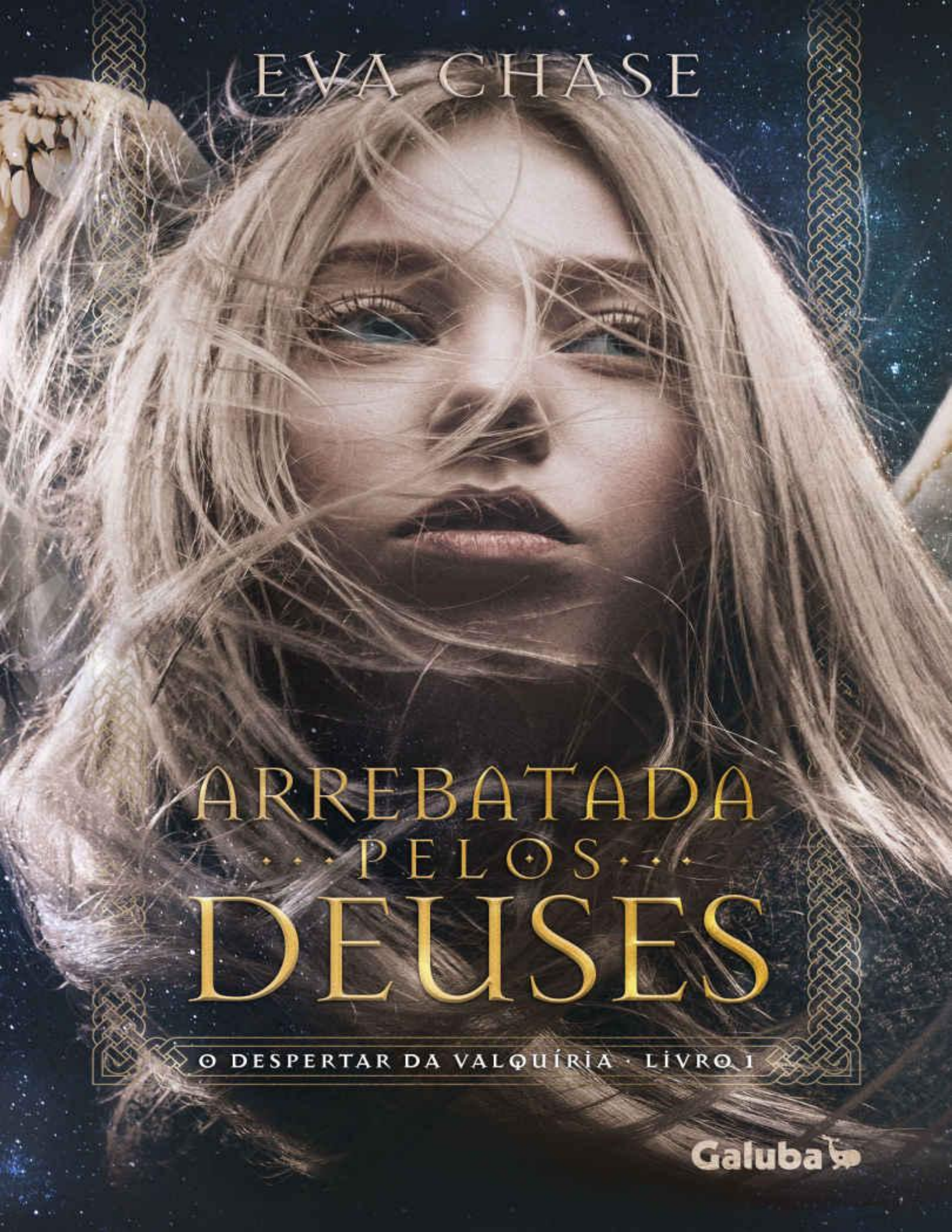




EVA CHASE

ARREBATADA
... PELOS ...
DEUSES

○ DESPERTAR DA VALQUÍRIA · LIVRO I

Galuba 



ARREBATADA
...PELOS...
DEUSES

O DESPERTAR DA VALQUIRIA · LIVRO 1

EVA CHASE

Tradução de Juliana Carneiro

Galuba 

Sumário

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [1.](#)
4. [2.](#)
5. [3.](#)
6. [4.](#)
7. [5.](#)
8. [6.](#)
9. [7.](#)
10. [8.](#)
11. [9.](#)
12. [10.](#)
13. [11.](#)
14. [12.](#)
15. [13.](#)
16. [14.](#)
17. [15.](#)
18. [16.](#)
19. [17.](#)
20. [18.](#)
21. [19.](#)
22. [20.](#)
23. [21.](#)
24. [22.](#)
25. [23.](#)
26. [24.](#)
27. [25.](#)
28. [26.](#)
29. [Nota](#)
30. [Sobre a autora](#)
31. [Conheça a Galuba Editorial](#)
32. [Créditos e copyright](#)

1.

Aria

Eu adoraria dizer que morri de forma épica, entrando na frente de uma arma para defender a pessoa que eu amo em uma rua extremamente movimentada, ou ao menos de uma forma escandalosamente indecente, como caindo da sacada durante o sexo mais incrível da minha vida. Mas, na verdade, a minha morte foi terrivelmente simplória.

Saltei da minha motoneta em uma rua barra pesada da Filadélfia e caminhei em direção a creche canina onde meu cliente me esperava. O sol escaldante do verão fazia o asfalto feder e eu apostaria que de cada dez caras parados ali na esquina, nove estariam armados e carregando algum tipo de droga por baixo de suas camisetas largas. Era difícil dizer o que era mais perigoso: a vizinhança ou o pacote que eu levava em minha bolsa carteiro. Oras, uma entregadora muito bem paga não fica questionando o que está carregando; só se certifica de entregar a mercadoria no prazo.

Um dos brutamontes, cujo nome nunca soube, estava de pé atrás do balcão da recepção, e Gene se recostava na parede ao lado. Que benção! Ele se endireitou e me lançou um sorriso nojento, quando saquei o pacote embrulhado por fita adesiva de minha bolsa.

— Ari, é sempre um prazer vê-la.

— Gostaria de poder dizer o mesmo, Gene — respondi animada

ao entregar o pacote para o brutamonte. Ele examinou em um aceno rápido e se inclinou para pegar meu dinheiro embaixo da mesa.

Gemidos e ganidos viam da sala atrás dele, onde alguns poucos cãezinhos eram mantidos como fachada para seja lá o que de fato acontecia ali. Só sei que era melhor não perguntar.

Gene piscou para mim. Aprendi há muito tempo que era possível ofender de forma bem sincera e direta, deixando o insulto subentendido, desde que o fizesse em um tom de voz leve e alegre. Cérebros como o dele não conseguiam discernir inteiramente entre o tom e o significado do que estava sendo dito.

Infelizmente, a imbecilidade em seu cérebro também indicava que ele nunca se cansava de me cantar, mesmo sendo velho o bastante para ser o meu pai e tão puxa-saco que nem na sua melhor fase eu me interessaria por ele. Pro meu azar, ele também era primo de um dos meus maiores clientes, logo não poderia enfiar uma faca nele para que compreendesse a situação, mesmo querendo muito.

Claro que não seria nada fatal. Só o acertaria em algum ponto bem dolorido para que entendesse a mensagem.

Em vez disso, quando ele se insinuou em minha direção e tentou colocar o braço ao redor da minha cintura, o máximo que pude fazer foi desviar para o lado com um sorriso forçado no rosto. Minha mão alcançou o bolso traseiro do jeans, tirando conforto na pequena saliência provocada pelo canivete que eu *não hesitaria* em usar, caso realmente precisasse.

— Ah, qual é, docinho — disse ele. — Você não pode aparecer por aqui desse jeito e recusar fogo. Vem que eu te mostro como se divertir.

Tudo que eu vestia eram os meus jeans justos, não apertados, e uma camiseta branca larguinha com uma gola que mal beirava meu colo. Estava sem maquiagem, e meu cabelo loiro na altura dos ombros um pouco desgrenhado devido à motoneta. “*Aparecer desse jeito*” para o Gene era o mesmo que ser mulher e jovem.

— Não duvido que consiga, Gene — respondi mantendo o sorriso.
— Assim como também posso te mostrar meu punho quebrando o seu nariz. Mas acho que podemos evitar isso e continuarmos amigos, não é?

Gene franziu o cenho e me olhou de forma questionadora. Ele tentou se aproximar novamente de mim e levantei meu punho, arqueando uma sobrancelha.

— Fui por três vezes campeã de boxe na escola — acrescentei, ainda com a voz doce, mas lançando um olhar mais intenso. — Você realmente está a fim de me testar?

Gene me avaliou e decidiu se afastar para manter a ilusão de que eu, algum dia, iria ceder a seus avanços.

Nunca na minha vida lutei boxe, mas já dei uns bons murros por aí, então o que eu disse não era tecnicamente uma mentira.

O brutamonte enfim me entregou o maldito envelope. Contei as notas por alto, lancei meu “muito obrigada” e enfiei o dinheiro na minha bolsa quando me dirigi à porta.

Fora uma boa quantia, e no decorrer da semana tinha feito uma grana decente. No final de semana, talvez eu conseguisse comprar alguma coisa para o Petey. Claro que era impossível dar a ele metade das coisas que eu desejava, pois deveria ser algo bem pequeno para que nossa mãe não notasse. Quem sabe um pacote daquele jogo de cartas que ele se viciou e alguns docinhos; ou

talvez um novo par de tênis, para substituir aqueles surrados, que ela deveria ter percebido que não cabiam mais nos seus pés? Se eu os encardisse um pouco, talvez ela nem notasse que eram novos...

Imaginar o sorriso do meu irmão mais novo era o antídoto perfeito para a atenção indesejada do Gene. Um sorriso genuíno surgiu em meu rosto, ao mesmo tempo que meu peito se apertava.

Joguinho de cartas e sapatos novos não eram o suficiente. Nada nunca seria o bastante se minha mãe seguisse... bem... do jeito que ela era. Se a vida do Petey se transformar na metade do pesadelo que a minha um dia fora...

Chacoalhei tais pensamentos para longe. Eu fazia tudo ao meu alcance, apesar dela. Eu jamais *permitirei* que alguém o machuque. E, quando eu conseguir juntar dinheiro o suficiente para ter uma casa legal e enfim contratar o melhor advogado da cidade, eu batalharei até o fim para tê-lo comigo.

A batida chiclete de uma música pop invadia a rua, quando passei pela porta aberta do mercadinho ao lado. O leve gingar ritmou meu caminhar, enquanto me dirigia à lambreta. Talvez eu devesse sair para dançar hoje à noite, espairecer um pouco a cabeça antes de começar tudo de novo. Já fazia um tempo.

Ao atravessar a rua, eu não olhei para a esquerda, pois era uma via de mão única. Mas, quando eu já estava no meio da rua, um jipe amarelo surgiu por detrás da esquina, mais rápido do que qualquer pessoa em sã consciência seria capaz de dirigir, mesmo indo na mão correta.

O motorista gritou. Os pneus cantaram. Eu me joguei para calçada do lado oposto.

O que teria me salvado, se o cara atrás do volante não estivesse

tão drogado a ponto de tentar não me acertar, jogando o carro na minha direção.

Eu ouvi, tanto quanto senti, o estalo nauseante da grade acertando a minha lateral. A agonia explodindo por todo o meu corpo. Minhas pernas cedendo. O canto do para-choque acertando a minha cabeça com um estalido de rachar o crânio.

O barulho confuso e cacofônico ao meu redor fora engolido pela onda de dor que me invadia. Quando minha visão começou a escurecer, e a luz ao meu entorno desaparecer, consegui me prender no pouco de consciência que me restava para pensar: *“Cuzão filho da puta com seu jipe de merda.”* E então, *“Quem vai cuidar do Petey? Ele nem vai saber por que eu morri.”*

Uma pontada firme e penetrante de angústia cortou a dor crescente. Mas ela não bastou para me manter ali.

A onda me atingiu de novo e se arrebentou, me arrastando para as profundezas, cada vez mais fundo, até simplesmente não restar mais nada.

#

As pálpebras tremeram.

As *minhas* pálpebras tremeram.

A consciência começou a varrer meu corpo naquele momento. Uma sensação de formigamento, através da dormência, em minhas bochechas e minha testa, descendo pelo pescoço, por meu peito e meus membros.

Eu *tinha* membros. Eu tinha um peito. Um peito que não queimava mais com a dor excruciante.

A minha cabeça ainda estava confusa. Pisquei e as cores

dançaram em meus olhos. Um arrepio provocou minha pele e senti minhas costas pesarem de modo estranho, mas fora isso, nada parecia errado. Será que alguém me levou para o hospital? Talvez os medicamentos estivessem deixando minha mente e olhos confusos.

Pisquei mais uma vez e as cores se fundiram em formas. As formas se moveram. Consegui focalizar duas, as mais próximas.

Dois homens, ambos altos e fortes, apesar de um ser mais parrudo do que qualquer outra coisa, com cabelos castanhos-avermelhados, e o outro ser mais esbelto, o cabelo com um ruivo mais claro. Aqueles rostos perfeitamente esculpidos, maxilar protuberante e mais quadrado em um, e no outro elegantemente mais pontudo... Se isso aqui era um hospital, estava mais para a versão Hollywoodiana dele.

Os dois me encaravam atentamente. O parrudo deu outro passo à frente, segurando um lençol branco como se o oferecendo a mim. Para *mim*? Porque...

A minha consciência se aguçou, conforme a minha mente se focava mais em meu corpo. Na minha pele ligeiramente arrepiada, justamente, por eu não estar vestindo nada. Estava deitada, completamente nua, sobre alguma superfície acolchoada no centro dessa enorme sala amarela, com dois homens estranhos e com o dobro do meu tamanho se aproximando.

Uma pontada gélida de pânico disparou por meus nervos. Meus braços e pernas se convulsionaram, quando enfim retomei o controle através de meu estupor. Eu me arrastei pelo chão, forçando uma certa distância dos dois homens.

Não, não eram apenas dois. Havia dois outros em pé, apoiados

no fundo da sala, e uma mulher, todos me observando. O peso estranho nas minhas costas me fez vacilar, quando posicionei minhas pernas sob meu corpo e, com os braços apoiados no chão, tentei me levantar.

— Ei, calma aí! — disse o parrudo com sua voz grave de barítono, balançando o lençol na minha frente como se chamando minha atenção. Como se eu fosse um cachorro atrás de um biscoitinho. — Está tudo bem. Ninguém aqui vai te machucar.

Ahã, certo. Porque sempre dá para confiar em *alguém* que faz uma promessa dessa.

— Que porra está acontecendo? — questionei, me abaixando para me cobrir. — Onde eu estou?

— Bem diferente dos demais experimentos, não é? — indagou sarcasticamente o mais esbelto, olhando para os outros ao redor da sala. Seu olhar caiu sobre mim e ele inclinou a cabeça. — Um pouco menor do que eu esperava. Quase uma fadinha.

Eu não tinha a mínima ideia do que ele estava falando, mas não gostei do comentário dele. Cerrei meus dentes e os músculos dos meus ombros se flexionaram com a tensão.

— Não me provoque.

— Quanta disposição! — sorriu ele, esperando que eu me rendesse à brincadeira.

— Dê um tempo para ela se ajustar — cortou o parrudo. — Nós temos que deixá-la mais confortável.

Franzindo o cenho, ele pegou o lençol e ofereceu novamente para mim.

— Tem certeza de que não vai querer isso?

— O que eu quero é que me falem como em vim parar aqui, e que

porra toda é essa que está rolando!

Meu olhar recaiu sobre a porta no final da sala. Eu poderia correr até lá. Claro que eles eram maiores e mais fortes que eu, mas eu era rápida. E eles não pareciam esperar que eu tentasse fugir assim, logo teria o elemento surpresa a meu favor.

— É um pouco complicado — respondeu o Esbelto. — Por que você não tira um minutinho para relaxar e se recompor, e depois a gente entra nos detalhes mais sórdidos?

Um riso áspero explodiu de minha garganta. Relaxar? Ele estava zoando?

Olhei novamente para a mulher, quase tão alta quanto os rapazes e tão bela em sua aparência. O rosto dela era impecável como o de uma *top model*, adornado pelas ondas cor de mel de seu cabelo. Que tipo de pessoas *eram* essas?

Será que ela me ajudaria ou estaria apenas planejando me deixar à mercê desses homens? Ou até se juntar a eles no que eles tinham planejado?

Ela devolveu meu olhar, apertando mais a boca. Pensei ter visto um pouco de simpatia em sua expressão, mas ela não falou nada, tampouco se mexeu.

Então, estava à mercê da minha própria sorte.

Os demais estavam ainda de pé nos fundos da sala, perto de grandes janelas em arco. Não muito perto da porta. O parrudo deu mais um passo em minha direção.

Quanto tempo mais até ele tentar se impor? Eu tinha que sair daqui, e tinha que ser *agora*. Eu me lancei para frente pelo piso de madeira encerado.

Se o meu corpo estivesse funcionando como de costume, o

esforço teria me impulsionado e eu teria cruzado metade da sala em algumas breve passadas. No entanto, minhas escápulas doeram como se algo as estivesse puxando e aquele peso nas minhas costas me fez tombar para o lado. Que porra era essa pendurada em mim?

Meu ombro trombou com a parede. Em um piscar de olhos, o Esbelto estava à minha frente, impedindo minha passagem. E o maldito ainda estava sorrindo.

Meu punho voou, mais por instinto de sobrevivência, do que por achar que eu teria alguma chance lutando contra ele; e ele riu descaradamente. Vacilei um pouco para trás e tateei minhas costas na tentativa de desenganchar o que quer que estivesse me atrapalhando. Meus dedos roçaram de leve a superfície suave e enrugada de algo que minha mente não conseguia assimilar.

O Parrudo se aproximou de mim pelo outro lado, ainda segurando a porra do lençol.

— Vai se foder! — Eu disse quase rosnando. Desvencilhei-me para o lado e o Esbelto me seguiu, seus olhos brilhando animados.

— Muito diferente das outras — murmurou ele. — Gostei. — Relanceando por sobre o ombro complementou — Ei, sobrinho, acho que é melhor dar uma apagada nela por um tempo, para que possamos deixar as apresentações para depois.

Me apagar? Um dos outros caras, um pouco mais baixo que o Parrudo e o Esbelto, mas ainda bem constituído fisicamente, cruzou o cômodo em nossa direção. Sob a cascata desalinhada de seus cabelos platinados, os olhos azuis eram vívidos e, estranhamente, sonhadores. Seus olhos encontraram os meus, mas sua expressão não indicava que tinha notado meu desespero. Um arrepio

percorreu meu corpo.

Não. Eu não poderia deixá-los me prenderem aqui. Eu não me permitiria ficar indefesa.

Novamente, tentei me lançar em direção à porta, lidando melhor agora com o peso ao qual estava começando a me acostumar em minhas costas. O Esbelto estendeu a mão para me agarrar. No entanto, ele não me tocou, pelo menos não tocou em nenhuma parte do meu corpo que eu conhecia. Um choque me atingiu pelas minhas costas, como se ele tivesse agarrado um membro que eu não sabia que possuía. Isso me fez estancar ali mesmo.

Minha cabeça virou. Nada daquilo fazia sentido.

— Que porra você está fazendo comigo? — questionei tentando lhe dar outro soco.

O Esbelto desviou elegantemente dando um passo para o lado, ainda segurando aquela parte do meu corpo que não deveria existir, que não estava ali antes. Ele me deu um breve sorriso.

— Nós lhe trouxemos à vida novamente, fadinha — respondeu ele. — Fizemos de você uma Valquíria.

Ele puxou levemente o membro inusitado e, então, vi pelo canto do olho: o irromper de uma enorme asa com penas branco-prateadas. Uma asa que os dedos dele envolviam com uma pressão que eu conseguia sentir por toda extensão até sua carne encontrar a de minhas costas.

Um grito abafado deixou meus lábios e, então, o homem com olhos sonhadores adentrou meu campo de visão. Suas mãos seguraram minha cabeça. Antes que eu pudesse tentar me defender, um leve entorpecimento enevoou a minha mente, levando consigo os homens, aquele cômodo e todos os meus

estorrecimentos para um vazio acolhedor e brilhante.

2.

Thor

A garota desmoronou com o toque do Baldur, suas pálpebras fechando e sua cabeça pendendo para o lado. Me joguei à frente para pegá-la, antes que seu corpo atingisse o chão.

Ela parecia tão durona um momento atrás; pequena, sim, mas forte com seus pequenos músculos e flamejando com sua fúria; que a maciez de seus braços relaxados me surpreendeu. Eu a coloquei no chão e a envolvi com o lençol que tentei oferecer antes. Ela não tinha gostado de aparecer nua na nossa frente. E não precisou falar nada, era possível deduzir.

Suas asas estavam se encolhendo com o leve farfalhar das penas, contraindo-se para dentro do seu corpo, até ela forçá-las novamente para fora. Se ela conseguisse chegar até lá. Minha boca se retorceu, conforme afastei um cacho de seu cabelo loiro de seus olhos fechados.

Ela agora parecia tão tranquila, mas uns minutos atrás estava completamente aterrorizada e, acima de tudo, furiosa. *Nós* tínhamos aterrorizado ela. Por que, em nome de Asgard, eu não tinha me preparado para isso? Talvez as anteriores tivessem sido de fato as estranhas, ainda presas àquela confusão inicial, pacientes o bastante para ouvir nossa história e presenciar quem e o que nós éramos.

Mas os humanos, todos eles, eram *minha* responsabilidade, mais do que de qualquer outro aqui. Eu sou o guardião da humanidade. E

os últimos cinco minutos mostraram como falhei miseravelmente nesse dever.

Loki se aproximou ao meu lado, esfregando a ponta do queixo enquanto estudava a garota. Seus olhos brilhavam.

— Bem, eu realmente prometi que essa seria diferente, não foi? Essa é uma lutadora, daquelas.

— Uma boa por sinal — admiti. Estive em inúmeras batalhas para reconhecer experiência e habilidade quando visse, mesmo na forma de uma mortal. — Foi promissor vê-la. Mas é claro que seria melhor se ela atacasse nossos inimigos, não *a gente*.

— Estou certo de que assim que explicarmos de forma apropriada sobre nós e nossos inimigos, enfim poderemos deixá-la do lado certo.

— Oras, e está tão certo disso, é? — destilou Hod de onde ele estava parado com os braços cruzados perto das janelas. Sua expressão tão sombria, quanto o preto de seu cabelo curto. — Do mesmo jeito que você tinha tanta certeza de que essa sua nova ideia “brilhante” ia dar certo? No momento em que ela acordou, pude ver o começo de um enorme problema.

A luz nos olhos de Loki faiscaram um pouco mais brilhantes por um instante, mas ele lhe respondeu com seu tom sarcástico de sempre.

— E desde quando você consegue *ver* o que está bem na sua frente?

O semblante de Hod endureceu. Depois de séculos de prática, ele conseguia mirar seu olhar cego, de acordo com a voz do Loki, de modo tão preciso que qualquer um acreditaria que ele era capaz de ver o trapaceiro.

— Você entendeu o que eu quis dizer. O uso da semântica não muda o fato.

— Se o sucesso de cada grande empreitada fosse julgado nos cinco primeiros minutos, a civilização seria algo completamente desolador.

— Ela está bem, por ora — disse Baldur ao meu lado, sua voz tão lenta e melódica como de costume. Tão brilhante quanto o seu gêmeo era taciturno. — Eu acalmei a mente dela.

— Está bem — afirmei ao afastar meus pensamentos dos meus irmãos mais novos e de nosso companheiro trapaceiro, para poder retomar o assunto em questão. — Precisamos achar um jeito de deixá-la mais confortável, assim ela estará com um humor melhor ao acordar de novo.

Freya se aproximou e gesticulou graciosamente com o braço.

— Leve-a para um quarto normal. Depois, vamos arranjar algumas roupas para ela. Algo para comer também. E, talvez, dar um tempinho para ela ficar sozinha, antes de ter que enfrentar vocês todos de novo?

Loki riu, mas não contestou. Hod parecia contente o bastante por ter se livrado do problema, e Baldur... Bem, era difícil dizer o que se passava em sua cabeça nesses últimos dias. Nada parecia penetrar aquele brilho onírico à sua volta. De qualquer maneira, ele não pareceu incomodado com a sugestão.

Relaxei meus braços ao redor da garota e a levantei. Dormindo, ela não parecia sentir nada. Mantendo o lençol bem preso ao seu corpo, pousei sua cabeça e ombros em meu ombro largo, e a carreguei pelas escadas.

Freya me seguiu. Enquanto colocava a garota na cama do quarto

em que as demais valquírias tinham usado pelo brevíssimo momento que estiveram conosco, a deusa abriu o guarda-roupa e analisou o que estava à disposição. Ela pegou uma blusa de seda branca e um par de calças de linho cinza, dobrou-os e os colocou em uma pilha arrumada com algumas roupas íntimas ao pé da cama. Então, ela se levantou e contemplou a garota.

— Você acha que devíamos ter escutado ele? — perguntei. Ela sabia de *quem* eu estava falando.

— Loki já nos livrou de mais problemas do que nos meteu — começou ela. — Por mais... questionáveis, que sejam os seus métodos. Tudo bem que as primeiras tentativas não vingaram.

— Pois é. — Meu maxilar retesou quando recordei as outras jovens que haviam dormido naquela cama. Que estiveram em nossa presença por alguns dias e então...

Nem conseguimos saber o que de fato aconteceu com elas. Jamais retornaram. E isso já dizia tudo.

— Se aquele trapaceiro é leal a alguém, com certeza é ao Odin — complementou Freya. — Ele quer encontrá-lo tanto quanto a gente. De qualquer modo, estou certa de que ele não teria sugerido algo que fosse piorar a nossa situação.

— Verdade seja dita. — Depois de todo o tempo que passei junto ao Loki, depois de todas aquelas enrascadas que ele me enfiou no decorrer de nossas vidas, eu ainda não conseguia ter ideia alguma de como aquela mente bizarra, mas inteligente, funcionava. As Nornas^[1] sabem que eu, por exemplo, não consegui pensar em nada melhor.

A deusa soltou um suspiro. Olhei para ela, tirando um pouco meu foco da nossa valquíria. Eu poderia chamar aquela mulher de

madrasta, se não fosse tão ridículo para um marmanjo que já tinha séculos de vida quando o casamento aconteceu, chamar a esposa de seu pai de madrasta. Às vezes, era difícil até mesmo considerar Odin como meu pai. Principalmente, quando não estava em sua imponente presença.

Eu deveria estender a cortesia à ela. Pelo menos, como membros da mesma família e, bem, como deuses encaixados nesse plano terreno. Não é que eu não gostasse da Freya. A gente só não tinha muita coisa em comum.

— Está tudo bem com você? — perguntei.

O olhar de Freya me percorreu e seus lábios torceram em um breve sorriso, como se ela tivesse notado meu esforço ao conseguir chegar àquela pergunta.

— Suponho que eu esteja bem, apesar de tudo. Não é como se eu não estivesse acostumada aos sumiços do seu pai.

— Mas ele nunca ficou tanto tempo assim longe.

— Nunca mesmo. — Ela balançou a cabeça e se dirigiu à porta mostrando sua irritação. — Eu vou buscar alguma coisa para ela, já que, aparentemente, os outros três nesta casa não querem ser incomodados.

Eu não sabia mais o que fazer, além de aguardar ao lado da cama. As sobrancelhas da garota franziram em seu sono. De repente, ela não parecia mais tão tranquila. O que mais eu poderia fazer para que ela se sentisse mais segura ao acordar?

Peguei a pilha de roupas e a deixei mais perto dela na cama, para que fosse a primeira coisa que visse. Não parecia ser o suficiente, mas foi a única coisa que me passou pela cabeça.

Freya retornou logo depois com um copo d'água e um prato com

uma maçã e alguns biscoitos.

— Trouxe umas coisinhas para ela se alimentar — comentou ela quando ergui minhas sobrancelhas. — Nem todo mundo consegue comer um assado inteiro, a qualquer momento, como o insaciável Thor.

— Fique sabendo que o máximo de assados que consegui comer em um dia foram cinco — respondi. Claro que não entraríamos em detalhes sobre as *demais* coisas que comi naquele dia. Minha barriga roncou. Acho que era melhor beliscar alguma coisa para me segurar até a janta.

Freya soltou uma breve risadinha e a jovem se remexeu na cama. Os lábios dela se abriram em um murmurar, os dedos apertando o travesseiro, o qual eu pousei sua cabeça. A deusa e eu ficamos imóveis.

— É melhor deixarmos ela sozinha — sussurrou Freya. — Não acho que ela ficará feliz em nos ver ainda.

E deixar a garota sozinha nesse quarto estranho em uma casa estranha a ela? Meu corpo estancou no lugar. Mas, por outro lado, ver uma pessoa estranha no quarto iria ajudar em alguma coisa?

— Está bem — concordei —, mas precisamos ter certeza de que vamos fazer tudo certo dessa vez.

— Com todas as outras nós *tentamos* fazer tudo certo — murmurou Freya, conforme deixávamos o aposento. E um bolo, que nada tinha a ver com a fome que sentia, começou a se formar em minha garganta.

3.

Aria

A luz do sol brilhou por entre minhas pálpebras. Era hora de acordar. Abri meus olhos cuidadosamente. Meu coração bateu forte e uma súbita sensação de desamparo me acometeu, como se algo estivesse errado.

Essa sensação me inundou com algumas memórias: os homens estranhos à minha volta e o vislumbre que tive de uma asa, o cantar dos pneus antes disso, o impacto, a dor...

Nada daquilo estava aqui agora. Retesei-me contra o edredom macio que amortecia meu corpo, mas permaneci imóvel enquanto observava o aposento.

Um papel de parede azul com um padrão delicado de folhas adornava as paredes. Uma janela grande ficava em frente ao pé da cama, fechada, com cortinas translúcidas de cada lado flutuando contra a corrente de ar que deveria vir do sistema de ar-condicionado. Um lençol me envolvia frouxamente, mas o ar em contato com o meu rosto estava frio demais para um dia de verão.

Se é que ainda estávamos no verão. Quem poderia saber depois de tanta coisa bizarra que me aconteceu nas últimas horas... ou dias... ou sei lá quanto tempo? Será que fui dançar e alguém jogou alguma coisa na minha bebida que provocou tamanhas alucinações?

Mas geralmente sou bem cautelosa com minhas bebidas. E não era como se um noiado conseguiria me explicar o que eu estava

fazendo aqui, ou *onde* eu estava.

Eu tentei lentamente me sentar na beirada da cama. Minha pulsação acelerou por um momento quando o lençol agarrou um pouco em meu ombro, mas aquele estranho peso nas minhas costas havia sumido. Estiquei o braço e alcancei minha escápula e não encontrei nada além da minha pele nua. Soltei levemente o ar que tinha prendido.

Tudo bem. Então, a asa, no mínimo, tinha sido fruto de uma alucinação. Ou algo do tipo.

Mas, e o jipe me atingindo? A agonia e os ossos que eu podia jurar que haviam se quebrado?

Eu tentei mexer os braços e toquei as minhas costelas. Não havia nenhum arranhão na minha pele. Nenhum machucado. Que inferno, sinceramente, nunca tinha me sentido tão bem assim ao acordar.

Também não vi nenhum sinal dos ralados que tinha no pulso, resultado de uma briga na semana anterior. Eu o analisei, franzindo o cenho. Talvez eu tenha apagado por mais do que um ou dois dias.

A ideia me deixou nervosa. Meu olhar recaiu sobre a pilha de roupas ao meu lado na cama. Pareciam roupas formais demais, nada que eu normalmente usaria, mas era melhor do que andar pelada. Esse detalhe e o lençol eram bem reais. Os caras devem ter sido reais também. Quem sabe quando eles poderiam aparecer de novo?

Vesti as roupas apressadamente. A blusa de seda era um pouco larga, mas as calças, por sorte, não caíram de meu quadril estreito. Um leve aroma de rosas, vindo das roupas, preencheu o ambiente. Isso tampouco era meu estilo. Porém me senti bem melhor vestindo aquilo do que com a minha pele exposta.

O que será que aconteceu com as roupas que eu estava vestindo quando o jipe... me atingiu... ou não... ou sei lá? O que aconteceu com as coisas que eu levava junto às minhas roupas? Meu coração palpitou novamente e, desta vez, não consegui me acalmar. Até onde pude ver, meus pertences não estavam em lugar algum naquele quarto.

Cerrei meu punho. Meu canivete. Eu precisava recuperá-lo. Era a única coisa que eu tinha...

Ari, leve isso sempre com você e use se precisar. Principalmente, quando eu não estiver por perto.

Fechei os olhos devido ao arrepio congelante e me forcei a respirar profundamente. Inspirei, expirei, até conseguir me acalmar.

Eu pegarei minha lâmina de volta e depois lidarei com quem me trouxe para cá. Mas, primeiro, preciso estar preparada.

A vista da janela revelou uma altura de uns três andares e um gramado amplo cercado por árvores. Não consegui ver nenhuma casa vizinha, o que indicava que ninguém lá fora poderia me ver. Se eu tentasse pular, caso a janela abrisse, com certeza quebraria todos os ossos do corpo.

Certo, então o que eu tenho aqui que posso usar?

Um copo com um líquido que parecia água e um prato com uma maçã verde e alguns biscoitos cream-cracker repousavam sobre a mesa de cabeceira. Meus olhos se demoraram um pouco mais sobre eles. Uma pontada de dor subiu por minha garganta me fazendo lembrar quão seca ela estava. Meu estômago estava muito embrulhado com toda aquela tensão para eu pensar em botar alguma coisa nele, ainda mais por não confiar naquela comida. As pessoas daqui poderiam muito bem ter colocado algo.

A estrutura sólida de carvalho da cama também não seria de ajuda. No interior do enorme guarda-roupa combinando, só encontrei mais roupas, todas brancas ou em tons de cinza.

O quarto possuía duas portas, uma trancada um pouco distante do armário gigantesco e a outra entreaberta, do outro lado da cama, revelando azulejos e piso brancos e a beirada de uma pia. Cruzei a cama e me dirigi ao banheiro.

O reflexo no espelho sobre a pia parecia o mesmo de sempre. Os olhos cinzas, no entanto, pareciam um pouco mais frenéticos e as ondas do cabelo loiro estavam mais embaraçadas, mas, sem dúvidas, ainda era eu: Aria Watson, vinte e dois anos, baixinha, briguenta e sem asas.

Abri a torneira e com as mãos peguei um pouco de água para beber. Eu confiava mais naquela água do que naquele líquido no copo. Olhei novamente para o espelho. Era um armariozinho que, ao abrir, revelou alguns sabonetes, um tubo de pasta de dente e um pente de prata.

O cabo pontudo do pente poderia causar algum estrago se bem utilizado. Agarrei ele e o enfiei dentro do bolso direito da calça.

Ouvi uma batida vindo da outra porta, a que devia levar ao resto da casa. Meus ombros tensionaram no mesmo instante. Puxei o pente de volta e o agarrei pelos dentes, para que pudesse me defender com a parte pontuda, caso necessário.

Uma voz refinada e feminina soou do outro lado da porta.

— Oi! Tudo bem aí dentro? Você se importa se eu entrar? Acredito que você esteja muito confusa, então farei o meu melhor para responder quaisquer dúvidas.

Uma mulher e não um dos homens. Seria a mesma mulher que vi

com eles e que não tinha feito nada para me ajudar? Mas, talvez, ela não tivesse como fazer nada com eles por perto. Mesmo se ela estivesse no esquema com eles, ao menos, eu teria mais chances de escapar se soubesse o que estava acontecendo.

— Está bem — respondi timidamente. — Mas definitivamente vou querer essas respostas antes de qualquer outra coisa.

Quando comecei a sair do banheiro, a porta do quarto se abriu. Era *realmente* a mulher de antes, a figura alta e graciosa com cabelos castanhos cor de mel cascadeando em leves ondas, que parecia ter saído diretamente das páginas de uma revista de moda, inclusive com os retoques de Photoshop. Seu vestido lilás contornando sua silhueta só aumentava essa impressão.

Ela fechou a porta atrás de si e me lançou um breve sorriso inseguro. Seu olhar recaiu para o pente que eu segurava e uma sobrancelha elegante se ergueu.

— Isso não será necessário — comentou ela.

— Pode deixar que eu mesma decido se será ou não necessário — interpelei. — Vou ficar aqui, e você aí já pode começar a se explicar.

Ela praticamente flutuou até a cama, onde se sentou cautelosamente na beirada, o corpo em minha direção. Dei um passo para trás, mas sem me aproximar demais da parede. Se irrompesse uma briga, eu precisaria de espaço para me virar.

Mesmo essa mina não parecendo uma lutadora, nunca se sabe. As mais bonitas e delicadinhas podiam ter nervos de aço sob todo aquele refino.

— Peço desculpas — começou ela. — Os rapazes fizeram uma confusão, não é? E pensar que depois de todos esses séculos de

existência eles ainda não aprenderam o mínimo de educação.

Séculos de existência?

— Olha, você não está ajudando muito a esclarecer as coisas.

— Serei franca — disse ela, inclinando um pouco a cabeça. — Você morreu. E todos aqui se uniram para evocar a sua essência e lhe reconstruir. Com... uma forma ligeiramente diferente da que você estava acostumada. É por isso que está se sentido um pouco estranha. Foi assim que você veio parar aqui.

Ela parou. Segui olhando para ela, aguardando uma explicação que soasse como algo mais factual, mas, aparentemente, ela havia terminado. Aparentemente, essa era toda a explicação que eu precisava para entender tudo.

Uma gargalhada ruidosa me escapou.

— Você está me dizendo que me trouxeram de volta à vida?

— Não é tão difícil assim, quando você é um deus — completou, me encarando firmemente. — Ou uma deusa, no meu caso.

Ok, eu ainda não sabia como tinha parado aqui, nem como se encaixava o acidente de carro que eu achava que tinha me matado, mas, claramente, eu era refém de um bando de loucos psicóticos. Eles achavam que eram *deuses*? Isso não era bom. Pessoas que surtavam a ponto de achar serem invencíveis eram as mais perigosas.

No entanto, para escapar deles, precisava fingir que acreditava no que me diziam por ora.

— E o que um bando de deuses e deusas iriam querer de mim? — questionei-lhe.

A mulher abriu a boca para responder, mas na mesma hora a porta do quarto se escancarou. Vacilei um pouco e aumentei o

aperto sobre o pente em minha mão.

A figura na soleira da porta era de um dos homens que vi ao acordar pela primeira vez: o Esbelto. Tão alto e elegante quanto antes, seus olhos cor de âmbar brilhando, tanto quanto o cabelo ruivo claro. A túnica verde, que vestia, parecia realçar ainda mais seus cabelos.

Ele sorriu para nós duas, o sorriso tão afiado quanto os ângulos do seu rosto bonito, mas sua voz soou suave e calorosa.

— Não acho que você deveria ser a única a dizer as coisas aqui, Freya. Eu sei que vai nos deixar mal na fita.

— Vocês não precisam da minha ajuda para isso — respondeu ela, revirando os olhos.

Ele soltou um som de escárnio e focou sua atenção em mim, com uma leve inclinação de cabeça, como se me fizesse uma reverência.

— Minhas mais sinceras desculpas por atordoá-la mais cedo quando acordou. Eu sou Loki e estou a seu dispor.

O nome da mulher ainda não tinha feito sentido para mim, mas eu sabia aquele nome sem pestanejar.

— Loki... como o deus nórdico que queria destruir o mundo inteiro?

Os olhos dele faiscaram ainda mais. Ele, com certeza, parecia louco o bastante para isso.

— Não acho que eu deveria levar todo o crédito — comentou ele.
— Afinal, é mais um trabalho em equipe.

Eu não sabia se era o estresse da situação ou a absurdidade em que me encontrava, talvez ambos, mas do nada uma gargalhada borbulhou de meu interior, tão rápido que não consegui controlar. Apertei o pente-faca com mais afinco e com a mão livre tentei tapar

a boca, embora os risos tenham escapado de qualquer maneira.

O cara, que achava ser Loki, olhou para a mulher que, supostamente, era Freya e disse suavemente:

— Sabe, acho que ela não acredita na gente.

Então, ele estalou os dedos e uma chama surgiu em sua mão, grande como a sua cabeça e lambendo até o teto. Uma onda de calor varreu o aposento refrigerado e alcançou meu rosto.

Parei de rir na mesma hora.

— Truque legal, não é? — disse ele. Com outro estalar de dedos, as chamas desapareceram. Sua mão pálida e magra parecia intacta, mas o fogo deixou uma leve marca chamuscada no forro branco do teto.

— Isso era mesmo necessário? — sondou Freya, relanceando para cima e torcendo o nariz.

— Parecia o jeito mais eficaz de irmos direto ao ponto — respondeu ele. — Então, o que achou, fadinha? Já é o bastante, ou você precisa de mais? Eu posso mudar um pouco de forma...

Dito isso, ele passou a mão sobre o próprio rosto e suas feições foram mudando perante meus olhos. Seu queixo pontudo arredondou, os contornos angulosos de seu rosto suavizaram e o cabelo ruivo claro que antes caía até sua testa, agora cascadeava por seus ombros rivalizando com o de Freya. Podia jurar que até os cílios dele cresceram. Em um piscar de olhos, uma mulher adorável e incrivelmente alta me encarava.

Pisquei aturdidamente por alguns momentos. Fiquei completamente sem chão. Isso era loucura demais. Impossível.

Mas também era real.

Esse cara... poderia ser o Loki dos mitos que eu lia quando

criança? Eu iria realmente por esse caminho? Ele chacoalhou a mão e suas feições retomaram ao estado belo e definido de antes.

— E aí, já está convencida? — Perguntou-me ele.

— Eu, hum... — O meu aperto sobre o pente se afrouxou. Reajustei minha postura e a pressão em minha mão para evitar que meu corpo vacilasse. Eu não sabia o que era verdade, mas não podia mais negar que o que estava acontecendo aqui era de foder a cabeça.

Eu não iria sair dessa se não conseguisse manter minha cabeça no lugar.

Endireitei ainda mais minha postura e olhei para o Loki, depois para a Freya e vice-versa.

— Eu ainda quero saber por que um dos dois me trouxe para cá.

— Olha, a história é um pouco longa — começou Loki —, mas a questão é que nós precisávamos de uma valquíria e, de todas as jovens que morreram recentemente na região que estava a nosso alcance, você era a que mais se encaixava no perfil. No meu perfil, na verdade. Com as primeiras, usamos critérios diferentes, mas não deu muito certo.

— Uma valquíria — repeti. Ele tinha dito a mesma coisa, um pouco antes daquele outro cara me apagar. Quando vi aquela asa...

A lembrança provocou um arrepio desconfortável pelos meus nervos.

— Sim, você sabe: as paladinas valorosas de Odin, as guardiãs do campo de batalha e assim por diante — acenou ele levemente. — Veja bem, a gente meio que perdeu o Pai de Todos^[2], e ter uma valquíria do lado viria a calhar para conseguirmos rastreá-lo mais rapidamente.

Eu já estava balançando a cabeça. Isso era demais.

— Eu não faço ideia do que você está falando. Não sou uma valquíria e não estou *morta* e isso... Isso é loucura. Você tem ideia da loucura que está me dizendo?

— Nós trouxemos você de volta. — Loki disse com tamanha naturalidade que me assustou. — E nós te trouxemos como uma valquíria. Um truque e tanto esse. Seus poderes só se manifestam quando você precisa ou quando você mesma os aciona... É bem fácil de demonstrar.

Ele estalou os dedos e uma faca pequena apareceu em sua mão. Sem hesitação alguma, ele cortou sua outra palma. Sangue começou a escorrer por aquele corte raivoso, espesso e mais vermelho do que seu próprio cabelo. Freya fez uma careta e desviou o olhar.

E senti algo despertar em meu interior.

Minha pulsação se acelerou e se intensificou a ponto de ecoar em minha cabeça. Meus músculos formigaram. Cada nervo parecia se avivar com a súbita percepção. O espaço entre as minhas escápulas tremeu, com um pinicar cada vez mais profundo.

— Você pode sentir, não pode? — perguntou Loki. Ele e Freya passaram a me estudar com atenção. — O chamado para a batalha. *Por onde o sangue é derramado, as valquírias voam.* Tudo o que você tem que fazer é abrir as asas.

— Eu, eu não tenho nenhuma asa — retorqui, mas minha voz soou fraca devido ao palpitar de meu coração.

— É claro que tem — sorriu ele —, você só tem que libertá-las.

O pinicar nas minhas costas se entranhou ainda mais fundo. Ofeguei apreensiva. Asas. Eu não poderia ter *asas*. Libertá-las?

Mas como...

No fundo da minha mente, sem nem ao menos querer, imaginei asas longas e arqueadas, como a que tinha vislumbrado antes, saindo de minha pele. O pinicar entre minhas omoplatas se transformou numa dor agonizante. Alguma coisa, alguma parte de mim que eu podia sentir ecoar por todo meu corpo, começou a se esticar contra o fino tecido da blusa, alongando e esgarçando até rasgá-la completamente.

Eu tropecei para frente com o peso repentino em minhas costas e agarrei a estrutura da cama para me apoiar. A blusa rasgada pendurada em meu peito e em minhas costas...

Engoli em seco e me obriguei a olhar para trás.

Uma asa enorme, com penas brancas com tons levemente prateados, agigantava-se sobre mim.

Meu corpo se agitou e a asa se contraiu em reação. Porque agora meus nervos passavam por ali também. Porque aquilo era parte de mim, assim como a outra que eu sentia pesando do outro lado das minhas costas.

Fechei os olhos com força. O pente caiu da minha mão.

— Não. Isso não pode ser...

Mas era. Aquilo era real. Eu podia vê-las. Eu podia senti-las, não apenas sobre mim, mas dentro de mim.

A voz de Loki me alcançou, ainda suave, embora mais afável.

— Você pode se livrar delas também, se quiser. Elas são suas. Elas obedecem às suas ordens. Basta puxá-las de volta para você.

Isso. Faça elas sumirem. Tire elas daqui. Trinquei os dentes e desejei com todas as forças que aquele peso voltasse para meu corpo, fosse novamente absorvido e *sumisse*.

Senti as asas encolherem, até não sentir nada além de um repuxar nas minhas costas. Quando até isso sumiu, enfim abri meus olhos e suspirei.

Freya já tinha aberto o guarda-roupa. Tirou de lá uma outra blusa, agora sem mangas e de cor marfim e a ofereceu para mim, enquanto lançava a Loki um olhar reprovador.

— Melhor evitar destruir tanta roupa assim.

Aceitei a camiseta para substituir a que estava em frangalhos em minhas costas. Finquei meus dedos contra o tecido frio. Minhas mãos tremiam. Eu me abaixei para pegar o pente caído no chão, como se fosse servir para alguma coisa agora.

Deuses. Valquírias. E, de alguma forma, eu estava envolvida nisso.

Resignada, olhei para os deuses que haviam testemunhado minha transformação.

— Podem me contar a história toda de novo, desde o começo? Desta vez, a versão longa, por favor.

4.

Aria

Conforme eu adentrava o aposento onde tinha acordado pela primeira vez, fui prestando atenção em todos os detalhes que eu não tinha notado antes por estar tão atarantada: o padrão dourado salpicado sobre o amarelo mais claro do papel de parede, os dois sofás e poltronas espalhados com suas armações de teca delicadamente esculpidas. Um ramo de lírios repousava em um vaso de porcelana em uma das mesinhas laterais combinando e perfumava o ambiente com seu odor pungente.

Nunca gostei de lírios. Eles me faziam lembrar de funerais. No do Francis...

Eu me interrompi antes de ser levada por aquelas memórias e vaguei pelo ambiente como que aleatoriamente atrás de uma cadeira. Claro que nada que eu fazia era aleatório. Escolhi a cadeira mais próxima a uma porta afastada. Uma porta, que segundo meus cálculos, poderia me indicar a saída.

Os dentes do pente se cravaram contra a palma da mão, quando me sentei sobre as almofadas firmes. De qualquer forma, mantive meu aperto em torno dele. As pessoas que me trouxeram aqui podem não ser bem pessoas, eles podem ser deuses de verdade, ou algo do tipo; mesmo que isso fosse verdade, não significava que eu ia me sentir segura. Ou que fosse ficar.

Freya e Loki chamaram os demais da casa para se juntarem a nós. Os cinco sentaram-se formando um semicírculo à minha frente,

Loki no meio. O homem com o cabelo loiro platinado desgrehado, aquele que tinha me apagado com um toque, estava à esquerda junto ao cara que tinha ficado parado no canto durante aquele primeiro encontro.

Os dois eram como um jogo dos sete erros: assustadoramente iguais, com pequenas diferenças que precisam de atenção para serem notadas. O segundo rapaz tinha o cabelo preto bem curto, e seus olhos verdes-escuros estavam semicerrados, enquanto os olhos azuis brilhantes do seu vizinho vagavam tão sonhadores quanto antes. Os dois eram um pouco mais baixos que Loki, com rostos mais jovens, sem pelos, e com músculos suficientes para preencher as roupas, no entanto, enquanto tais características pareciam delicadas no sonhador, no outro homem pareciam brutas. Ele nem se incomodou em olhar na minha direção.

Sem dúvidas, os dois eram extremamente atraentes, cada qual a sua maneira. Aparentemente, ser uma divindade lhe proporcionava aparência divina. O que também era verdade para o rapaz sentado ao lado direito de Loki, o cara parrudo com um rabo de cavalo castanho-avermelhado e que tentou me domar com um lençol. Quando olhei para ele, recebi um sorriso meio sombrio, mas seu rosto de feições marcadas e queixo quadrado não deixava de ser um colírio para os olhos.

Eu não tinha ideia de quem o loiro e o moreno deveriam ser, mas, olhando em volta, eu me atreveria a nomear quem era o Sr. Músculos aqui.

— Deixe-me adivinhar — comecei enquanto puxava minhas pernas para cima, afinal era melhor que achassem que eu estava mais à vontade. — Você deve ser o Thor.

O sorriso sombrio se transformou em um sorriso largo.

— Isso mesmo — disse ele em sua voz melodiosa de barítono. — Você pega rápido. Se importa em nos dizer seu nome?

Eles não sabiam? Lembro do Loki dizendo algo sobre me encaixar em certos critérios. Acho que meu nome nunca esteve em consideração.

Por um instante, senti um aperto no peito, como se meu nome fosse algo ao qual eu devesse me agarrar. Mas não conseguia entender realmente o motivo.

— Aria Watson — respondi. — Mas prefiro que me chamem de Ari.

— É um prazer lhe conhecer, Ari — disse Thor. Para um deus com a reputação de sair quebrando e destruindo as coisas com um martelo gigante, ele parecia bem tranquilo. A sensação acolhedora que ele emanava me fez relaxar, apesar de tudo.

Meu olhar recaiu sobre os dois na outra ponta.

— E vocês são?!

— Permita-me lhe apresentar os gêmeos opostos — respondeu Loki gesticulando para os dois. — Esses são Baldur e Hod.

— Oi! — cumprimentou-me o homem pálido. A voz dele era melódica, mas, ao mesmo tempo, era um pouco distante.

O *gêmeo*?... taciturno dele lançou uma carranca em direção a Loki e depois virou seus olhos semicerrados para mim.

— É bom ver que você se acalmou — murmurou ele.

Hod, aparentemente, era um cuzão. Ele não poderia estar me culpando por ter surtado, né? Ou ele estava de picuinha por eu não os ter reconhecido? Oras, me desculpa se não li nada de mitologia nórdica nos últimos dez anos. Eu tinha mais o que fazer.

O nome Baldur até que soava familiar, como o nome de alguém importante. O jogo retrô que o Francis adorava não era Baldur alguma coisa? Aquilo, provavelmente, não tinha nada a ver com a mitologia... Na verdade, se é que a mitologia tinha algo a ver com os supostos deuses e deusa sentados à minha frente.

— Então — tentei dizer focando minha atenção em Loki, já que ele parecia o mais falante do grupo todo. — Você disse que me explicaria tudo. O que eu estou fazendo aqui. O que vocês todos estão fazendo aqui. Desde o início.

— Isso. Bem. — Ele deu um sorriso torto e passou a mão pelos cabelos ruivos. — Você sabe quem nós somos. Agora, o quanto você sabe sobre as histórias que contam da gente?

— Pouco — confessei. — Apreendi alguma coisa na escola quando era bem pequena. Acho que devo ter lido alguns livros da biblioteca, ou algo do tipo. Mas estou longe de ser especialista no assunto.

— Ótimo. Praticamente não sabe nada. — Os olhos cor de âmbar dele cintilaram. — As histórias mais básicas são, em sua essência, verdadeiras. E, também, aconteceram há muito tempo. Desde então, estivemos bem menos ocupados. Então, de vez em quando, tiramos um tempinho para relaxar aqui na Terra e ver o que podemos fazer para ajudar os adoráveis mortais.

— Ou analisar quais catástrofes você pode criar — interrompeu Hod.

Loki preferiu ignorá-lo.

— Nós viemos de Asgard, o mundo em que habitamos, em uma de nossas jornadas, os cinco de nós e Odin. Odin, o Pai de Todos, meu irmão jurado de sangue, marido dela — disse apontando para Freya — e, literalmente, pai de todos os outros aqui. Na verdade,

somos os únicos que permanecemos juntos por tanto tempo. Heimdall, Frigg e os outros estão em algum lugar nos nove mundos, mas não faço ideia de onde, nem fazendo o quê.

— Será que estão em algum lugar onde não conseguem ouvir as suas baboseiras? — sugeriu Thor com um tom divertido na voz e uma candura ao olhar para Loki. Ele se virou para mim. — A questão é que Odin tem uma sede insaciável por conhecimento. Ele tem a mania de perambular por aí sem destino. Então, quando ele partiu não nos preocupamos. Contudo, os anos se passaram e nem sinal do retorno dele.

Freya cruzou as mãos graciosamente sobre o colo. Desviando seu olhar das mãos, disse:

— Já se passou quase o dobro de tempo de sua última “perambulada”.

Olhei de um para o outro, tentando entender suas reações.

— Tá bem — disse. — Isso soa como um motivo para preocupação. Mas ele é, bem, um *deus*, não é? E um extremamente poderoso se metade das histórias forem verdadeiras. Que tipo de problema ele poderia ter?

— Há mais seres poderosos nos outros mundos além dos deuses — respondeu Loki dando de ombros. — As Nornas sabem que até mesmo os deuses podem se virar contra outros deuses. E não estamos preocupados apenas porque somos bonzinhos e queremos o bem dele, apesar de querermos.

Hod bufou. Loki ergueu uma sobrancelha em sua direção, mas o deus mal-humorado não disse nada.

Baldur também olhou para seu irmão sombrio.

— Irmão — disse ele com sua voz cadenciosa, repreendendo-o

gentilmente.

Hod enrijeceu sua postura.

— Pode continuar, trapaceiro — comentou ele, balançando a mão desdenhosamente em sua direção.

E Loki prosseguiu.

— Nós meio que temos nossos poderes limitados, quando estamos aqui no plano mortal de Midgard^[3]. Quanto mais tempo passamos aqui, mais nossos poderes diminuem. No entanto, Odin é o único que pode invocar a ponte que nos leva de volta à Asgard. Antigamente, havia alguns atalhos para a terra dos deuses aqui e acolá entre os outros mundos, mas depois do Ragnarök^[4], todas os portais foram selados.

— Entendi — desaparei. — Vocês precisam que o Odin retorne para conseguir voltar para casa, pois vocês não se sentem mais tão divinos aqui.

— Essa foi uma boa explicação — gargalhou Thor, batendo sobre o braço da cadeira.

Loki abriu os braços como se dissesse *O que isso tem a ver?*

— Mas para que diabos vocês precisam de mim? — questionei me remexendo no assento. — Vocês são deuses. O que alguém como eu pode fazer, que vocês não podem?

— Ora, como vê, nós temos algumas falhas em nosso arsenal de talentos — completou Loki. — E, infelizmente, ninguém nunca pensou em botar um GPS no Odin. Mas descobrimos que entre os quatro de nós com laços sanguíneos, conseguíamos invocar uma valquíria. Como uma valquíria, você tem uma conexão diferente com Odin. De certa forma, uma mais direta. Além de outras habilidades especiais que ajudariam na busca.

— Então, eu só tenho que achar o Odin e isso é tudo?!

— Não é tão simples. Primeiro, você tem que treinar seus poderes — disse Thor. — Mas eles virão naturalmente a você, logo não deve demorar muito.

— E o que vai acontecer quando eu o encontrar? — Será que poderia voltar para minha vidinha de sempre? De preferência sem asas querendo brotar toda vez que alguém se machucasse?

— Não vamos nos precipitar — comentou Loki.

Ah, não! Eu não ia deixá-los se desvencilharem da minha pergunta, ou...

— Vocês mencionaram algumas vezes que houve outras valquírias antes de mim — acusei. — Se nós temos uma conexão tão especial com Odin, elas já não deveriam tê-lo achado? O que aconteceu com elas?

Loki, Thor e Freya se entreolharam. Hod baixou o olhar carrancudo para o chão, a boca retesada. Até a aura sonhadora de Baldur pareceu obscurecer um pouco.

— Não temos certeza — respondeu Thor. — Elas saíram para procurá-lo, mas não retornaram.

— Nosso palpite é que elas se depararam com o que quer que tenha acontecido com o Pai de Todos — ponderou Loki. — O que só mostra que, realmente, alguma coisa aconteceu com ele e que ele não está simplesmente perdido no tempo. Mas você está mais bem equipada que elas.

Hod murmurou algo e balançou a cabeça. Baldur lançou outro olhar afetuoso ao seu irmão, mas seus dedos se retesaram ao redor do braço da sua cadeira.

— Precisamos dar uma chance — comentou ele.

— Dar uma chance para o *quê*? — indaguei, apertando ainda mais o pente. — O que há de tão especial em mim?

O sorriso de canto de boca de Loki ficou mais evidente.

— Meus companheiros aqui achavam que a valquíria ideal deveria ser uma donzela de coração puro e nobres intenções. Na minha opinião, essas de coração puro e intenções nobre são um monte de fracotes. Vendo que a abordagem deles não estava funcionando, propus que procurássemos alguém mais capaz. Talvez até cruel. Sem medo de sujar as próprias mãos para conseguir sobreviver. Você não acha que se encaixa perfeitamente?

Meus ombros enrijeceram. O quanto ele sabia? Ele tinha visto, de alguma forma, o que eu fazia para sobreviver?

Loki olhou brandamente para mim. Eles nem sabiam meu nome, então eles não sabiam todos os detalhes da minha vida, não é? Só uma ideia geral?

Umedeci meus lábios.

— Eu sobrevivi como pude, se é isso que você quis dizer.

— Oras, aí está! As outras não tinham a inteligência necessária para se defenderem de forma adequada. Posso ver que você vai se sair bem.

— Você mesmo admitiu que não sabe o que aconteceu com elas — o repreendi. — Então não faz ideia do que eu terei que fazer. E eu ainda quero saber o que vai acontecer se tudo der certo e conseguir achar Odin para vocês.

— Acho que você deveria retornar para Asgard conosco — disse Freya, se inclinando um pouco para a frente. — Recomeçar sua vida por lá.

— Eu tinha uma vida aqui.

— Como uma humana mortal — interpelou Loki. — Você não é mais tão mortal, tampouco humana. Esse mundo não é mais seu.

Fiquei indignada. Ele não podia decidir isso. Esse era o único mundo que já tive, mesmo que muitas vezes fosse uma merda. Eu tinha alguém que precisava de mim. Eu precisava voltar para Petey antes que fosse tarde demais.

No entanto, eu podia sentir a intenção deles pesando sobre mim, do mesmo modo que as asas pesavam minhas costas. Eles não se importavam. Eles só queriam que eu fosse uma ferramenta à disposição deles, para ser usada como bem entendessem. Por que se importariam com o que aconteceria comigo depois disso? Se eu conseguisse sobreviver ao que as outras meninas invocadas não conseguiram.

Eles podiam enfiar esse plano deles bem onde o sol não bate!

Conferi meu aperto ao redor do pente e o ângulo dos meus pés em relação ao assento da cadeira.

— Deixe-me pensar um pouco sobre isso — declarei.

Então, me lancei para fora da cadeira e corri em direção à porta.

5.

Loki

Essa garota nova certamente era escorregadia. Em um momento estava sentada o mais confortável possível, no outro já estava correndo para porta, como se o próprio Fenrir^[5] estivesse atrás dela. Tive que admirar sua perspicácia e coragem, enquanto disparava pela sala para bloquear o seu caminho. Ela tinha que aprender, mais cedo ou mais tarde, que não conseguiria escapar da gente.

Nossa fadinha estancou abruptamente quando apareci na frente da porta. Seus olhos cinzentos faiscaram. Ela esquivou em um piscar de olhos e correu para a janela mais próxima, as ondas loiras esvoaçando ao redor de seus ombros.

Eu olhei para o Thor. Ele já estava a caminho para interceptá-la. Apesar de nossas diferenças, sempre que a oportunidade pedia, formávamos um bom time.

Mas essa garota, Aria, segundo a própria, não era uma inimiga. Precisávamos subjugá-la, sem machucá-la no processo.

Ela se atrapalhou com a janela, mas a estrutura estava emperrada. Thor se aproximou dela.

— Ari...

Ela fugiu dele, desviando dos seus braços enormes e correndo em direção à outra porta. Eu até que podia admirar a persistência dela, mas essa perseguição já estava ficando cansativa.

— Ari — a chamei calmamente, meus passos cruzando uma

grande distância de cada vez. — O que acha de conversarmos mais e correremos menos?

— Não temos mais nada para conversar — cortou. Ela se virou, quando a interrompi a caminho da porta, e disparou novamente em direção à primeira porta.

Tudo bem, já basta.

— Hod — pedi batendo palmas. — Pode nos fazer um favor e lançar um pouco da sua magia invernal em nossa convidada? É difícil manter uma conversa civilizada assim.

O gêmeo sombrio olhou em minha direção de forma genérica, mas logo virou a cabeça conforme seguia o som dos passos da garota. Ele gesticulou a mão para frente.

Ari parou imediatamente no meio da sala. Ela olhou para as próprias pernas, que estavam congeladas no lugar, por causa de uma sombra conjurada pelo deus. Um som de frustração deixou seus lábios. Ela olhou para todos nós com uma expressão feroz. Aquele maldito pente ainda preso em sua mão direita, como se fosse possível provocar qualquer dano na gente com aquilo.

Mas foi isso que pedimos, quando chamamos por um espírito humano que pudéssemos transformar em uma valquíria: uma guerreira. Uma sobrevivente. O que quer que ela tenha passado, sem dúvidas sobreviveu graças a *não* ter confiado em ninguém.

Ela será perfeita para essa tarefa, se, ao menos, conseguir convencê-la de trabalhar conosco ao invés de contra nós.

Ela ergueu a cabeça conforme me aproximei. Ela me encarou desafiadoramente.

— Eu não quero ficar aqui. Eu não quero ser parte disso... dessa operação de resgate, ou que merda seja essa!

Tanto fogo, mesmo estando indefesa como agora. Parei a alguns metros dela. Se ela fosse alguém diferente, eu teria estendido a mão, tentado tocá-la para estabelecer um laço emocional que precisava ser criado. Mas eu vi como essa garota reagia quando alguém se aproximava dela. Ela tinha se ferido mais por toques assim do que sido consolada.

Eu sempre podia mudar minha estratégia. Um trapaceiro não seria nada se não se adaptasse às circunstâncias.

Thor tentava, sem jeito, se reunir a nós. Acenei para que se afastasse, sem tirar meus olhos de Ari. Um músculo na mandíbula dela se retesou e ela fechou ainda mais a cara. Por baixo daquela coragem, ela sentia medo.

— Ari — disse baixinho tentando ser gentil e, o mais importante, sincero —, eu te entendo. Nós arrancamos você de tudo que lhe era familiar e agora estamos pedindo favores e lhe reprimindo... É claro que você não quer fazer parte disso. Eu também não quero. Mas essa é a melhor ideia que tivemos, e eu lhe prometo que farei o possível para lhe ajudar, fora que é melhor do que estar morta, não é? Porque essa é a alternativa. De qualquer jeito, a vida a qual estava acostumada não existe mais. — Estalei meus dedos. — Já era. Você realmente preferiria não estar aqui de jeito nenhum?

Os ombros de Ari cederam um pouco. O rubor da sua raiva deixou o rosto. Ela claramente não tinha levado isso em consideração. Nós lhe dissemos que havia morrido, mas como uma mente mortal poderia de fato compreender isso, quando ela sentia que estava perfeitamente viva?

— Eu estava mesmo morta? — sondou ela. — Mesmo? Não estava apenas... morrendo, ou em um coma, ou algo do tipo?

Eu assenti.

— A magia que usamos só consegue alcançar os espíritos que já se desprenderam, por mais recente que seja, de um corpo físico. Nós te resgatamos do Vazio, fadinha.

Aquele músculo saltou novamente, mas dessa vez não era devido ao medo.

— Eu não sou sua fadinha! — vociferou ela.

— Você não conheceu muitas fadinhas, se acha isso um insulto — sorri para ela. — Sim, elas são pequenininhas, mas a maioria que conheço são mais duronas do que eu.

Com sorte, ela também se provaria assim. Eu precisava que sim. Os outros, desde o início, hesitaram em seguir meu plano. Se falhássemos agora, não conseguiria convencê-los de mais nada nos próximos séculos.

Porém, se tudo der certo, talvez eu seja recebido com menos queixas quando fizer outra observação completamente lógica e embasada.

Ari pareceu meio perdida com minha resposta. Ela mordiscou o lábio inferior. E, de repente, percebi que apesar de teimosa, corajosa e rápida, ela também era linda no seu jeito fadinha de ser. Como se essa observação fosse nos ajudar de alguma maneira.

— Vocês são deuses — disse ela por fim. — Vocês não conseguem fazer alguma coisa sobre esse negócio de morte? Tipo me tornar humana de novo?

— Baldur conseguiria, se ele estivesse por perto antes de você bater completamente as botas — comentei apontando para o gêmeo pálido. — Mas ele não estava. E agora já foi. Não podemos estalar os dedos e te mandar de volta.

— Então, ou eu fico presa aqui, ou estou morta.

— Você não está exatamente presa aqui — afirmei. — Você terá toda a liberdade do mundo, assim que nos assegurarmos de que não vai fugir daqui, provocando todo tipo de caos no mundo dos humanos. Na verdade, nós lhe demos um dom. Só queremos ter certeza de que vai usá-lo... com responsabilidade.

Ela torceu o nariz para mim, mas seu olhar ficou pensativo. O maxilar trabalhando. E me atrevi a dar um tiro no escuro. Quase todos os humanos, cruéis ou não, tinham um fraco por alguém além deles mesmos.

— Tem alguém nesse mundo que precisa de você, não é? — instiguei. — Alguém que você gosta? Se você estivesse completamente morta, realmente deixaria de fazer parte da vida dessa pessoa. Desse jeito, você ao menos consegue ficar de olho com certa frequência. Consegue vê-la de novo. Pode não ser mais a mesma coisa, mas é melhor do que nada.

Ela ficou calada por um momento, travada naquela postura estranha com as pernas semiflexionadas.

— Tudo bem — decidiu ela. — Verei o que posso fazer para ajudar vocês com esse lance do Odin, se me ensinarem a usar esses poderes. E se você me fizer um favor.

Ainda com exigências, hein? Segurei uma risada, pois ela provavelmente se irritaria ainda mais.

— O que você deseja, fadinha?

Com uma careta, por causa do apelido, mas mais leve que antes, ela respondeu:

— Quando morri, eu estava levando algumas coisas. Eu tinha um canivete no bolso direito dos meus jeans. Fechado, tem apenas uns

dez centímetros, com um cabo de plástico marmorizado azul-escuro. Eu quero de volta. O canivete não morreu, então você consegue me ajudar, não é?

— Tudo bem. Consigo — respondi-lhe. Na verdade, nem deve ser tão difícil assim. — Eu vou atrás dele agora mesmo. Mas vou precisar tocar em você. Hod, já pode liberá-la.

Ela se retraiu, antes mesmo de Hod agitar a mão para dispersar a sombra congelante que a imobilizava. Mas ela permaneceu no mesmo lugar, preparada, quando me aproximei dela. Aproximei-me apenas o bastante para pousar minha mão gentilmente sobre a parte desnuda de seu ombro.

A energia do espírito dela atçou a ponta dos meus dedos. Absorvi aquelas sensações, o percorrer do fluxo daquela força, o padrão peculiar que era só dela. Então, dei um passo para trás me afastando e saí porta afora.

Lá fora, o ar abafado e úmido me sobressaltou. Decolei, deixando o poder impregnado em meus sapatos voadores me levar. Meus passos percorriam cada vez mais longas distâncias até saltar quilômetros por vez, obviamente, enquanto invisível aos olhos humanos. Busquei continuamente pelo cenário borrado para encontrar o rastro tênue do espírito da Ari até sua origem.

Parei sob as luzes fracas e tremeluzentes de um necrotério. Um extremamente desagradável em comparação aos demais. O ambiente fedia a desinfetante e ao odor nauseante de podridão, as portinholas de aço alinhadas na parede estavam manchadas. Eu conseguia dizer em qual delas estava o antigo corpo de nossa valquíria; podia ver em minha cabeça o amontoado de crânio, massa encefálica e cabelos, os ossos quebrados. Eu *realmente* não

precisava ver isso.

Os pertences. Eles haviam retirado todas as roupas e jogado elas em uma cesta, aqui. E lá estava o precioso canivete dela. Um artigo pessoal curioso. Achei que combinava com a garota.

Pesquei o objeto do tecido ensanguentado e lavei-o junto com minhas mãos na pia. O cheiro da morte invadia lentamente meus pulmões e um arrepio me percorreu. Ugh. Seria bom ela me recompensar por isso.

Corri de volta pelo mesmo caminho que tomei, a faca agora aninhada contra a palma da mão. Ao adentrar a sala de estar da nossa casa de campo, encontrei todos na mesma posição que antes, Ari de volta a sua cadeira e meus companheiros divinos espalhados a sua volta. Ninguém dizia nada. Aparentemente, estavam todos me esperando.

Que bando de inúteis que eram, às vezes. Balancei a cabeça com um sorriso e estendi a mão para Ari, mostrando seu canivete. O rosto dela se iluminou. Na mesma hora, pegou o objeto e o abraçou contra o peito.

Os humanos eram seres estranhos. Não me lembrava de ver um mortal tão apegado a uma arma assim, desde Rei Arthur com sua espada lendária.

— Aí está — disse. — Então, temos um trato?

— Eu já disse que vou tentar ajudar, não disse? — comentou ela, mas logo parou. — Tem mais uma coisa que não estou entendendo.

Eu me joguei na cadeira que estava ocupando antes, e estiquei as pernas, um pouco cansadas depois de correr o país todo.

— Por favor, pergunte.

Ela hesitou por um instante, então disse:

— O que vocês fariam comigo se eu tivesse me negado a seguir suas ordens? Se eu tivesse dito que sem chances, não ia rolar?

Oras, ela não esqueceu de considerar esse aspecto, não é? Esperei, mas ninguém se atreveu a responder. Thor olhou para as próprias mãos cruzando-as a sua frente. Eles decidiram que era meu trabalho explicar isso também. Previsível, né? Deixar o Loki fazer o trabalho sujo. Como sempre.

— Nós não somos cruéis, Ari — suspirei. — Nós lhe demos essa vida nova, e não temos pressa nenhuma em tirá-la de você. Se você tivesse escolhido fazer nada além de zanzar pela casa, que seja. Mas não podemos deixar você ser um risco para mais ninguém. Você é nossa responsabilidade. Se percebêssemos que seria um perigo para si e para a sociedade mortal, nós teríamos devolvido você ao estado do qual lhe tiramos.

— Ou seja, morta — completou ela, sem desviar os olhos dos meus.

— Sim.

— Acho que vocês não me deram muita escolha, não é? — finalizou ela com um sorriso torto, tão ressentido que partiu meu coração.

Eu a escolhi. Era por minha causa que ela estava aqui. E agora havia mais uma pessoa que ficaria chateada se, no final, eu estiver errado.

6.

Aria

Para uma casa tão grande, a cozinha era terrivelmente aconchegante. Grande o bastante para ter uma bancada e alguns eletrodomésticos mais comuns, a aparência retrô indicava que alguns ali eram mais velhos do que eu, talvez até mais velhos que minha mãe, além de uma mesa com quatro cadeiras enfiada no canto.

Eu meio que gostei. Sentia-me bem mais segura escondida aqui, comendo um sanduíche que preparei com várias coisas que encontrei na geladeira e no armário, do que se estivesse na mesa de jantar enorme que vislumbrei ao final do corredor.

Planejava começar imediatamente essa coisa de me tornar um ser superpoderoso, mas assim que me levantei, depois da minha última tentativa de fuga, uma tontura me acometeu e meu estômago roncou tão alto que provocou um sorriso em Loki. Então, antes de mais nada, eu iria abastecer minha energia. Acho que não tem corpo que aguarde morrer, renascer e depois correr daquele jeito.

Renascida como uma *valquíria*. Minha pele ainda pinicava, me fazendo lembrar do peso daquelas asas estranhas. Será que dava para voar com elas? A ideia me fez estremecer em um misto de antecipação e horror. Meus dedos apertaram o cabo do canivete, que eu ainda segurava por baixo da mesa. As calças emprestadas até tinham bolsos, mas o toque cálido do plástico contra minha mão me reconfortava.

Essa situação era tão maluca. Deuses. Poderes mágicos. Voltar dos mortos. No entanto, eu tinha visto isso tudo com meus próprios olhos... Eu me *lembro* de ter morrido. Não sei como alguém conseguiria forjar isso, ou os truques que vi os deuses fazerem. Aqueles intermináveis minutos em que minhas pernas estiveram travadas no lugar, formigando com o frio dos ramos daquela sombra em torno delas...

Mas já passou. Não adianta ficar remoendo. Eu tinha que focar no agora. Vou aprender quaisquer poderes que esse bando estranho deveria supostamente me ensinar e, quem sabe, eu consiga burlar suas defesas mágicas e finalmente escapar daqui.

Pelo que entendi, perdi menos de um dia. Petey ainda não estaria preocupado por não me ver ou não receber nenhum presente meu, por ora. Às vezes, ficava uma semana inteira aguardando o melhor momento para aparecer, e há poucos dias o encontrei durante o intervalo na sua escolinha.

A menos que... E se a polícia avisou à minha mãe da minha morte? E se ela contou para o Petey?

A imagem de seu rostinho doce e extremamente inocente com apenas seis anos de vida veio à mente. O aperto de seus bracinhos pequenos me abraçando na última vez. O gesticular animado de suas mãozinhas enquanto me contava sobre o castelo que tinha construído durante a aula.

E os buracos surgindo na ponta de seus sapatos, porque nossa mãe não se importava em comprar novos pares para ele. A sombra que perpassava o rostinho dele, toda vez que mencionava ela e o Ivan, o atual companheiro dela.

Você ao menos consegue ficar de olho, tinha dito o Loki. Eu ia

fazer muito mais do que apenas observar. Poderia me afastar de quase tudo do mundo “mortal”, a maior parte é um verdadeiro livramento, mas jamais poderia abandonar meu irmãozinho. Nunca, nem em um milhão de anos.

Eu tinha de retornar para ele, assim que possível, para ele ao menos saber que eu estava bem e que nunca deixaria de cuidar dele.

Dei outra mordida no sanduíche de presunto, maionese e alface no pão de centeio, quando Thor entrou de forma hesitante na cozinha. Os deuses estavam me dando um tempo para ficar sozinha desde a nossa última conversa, mas acho que o estômago dele acabou vencendo. Ele se abaixou um pouco para espiar a geladeira e tirou de lá um prato de sobras com umas coxas, tão grandes que pareciam de peru ou de ganso.

— Você se importa se me sentar com você?

Dei de ombros.

— A casa é sua. — Ou será que não era? Como funcionava exatamente essa questão imobiliária, quando se era um ser divino e imortal?

De qualquer forma, era mais dele do que minha.

Ele se sentou à minha frente e devorou sua refeição, que até onde notei era apenas um “lanchinho” da manhã. Quando enfim estava chegando no último pedaço do meu sanduíche, ele já havia limpado um osso e estava quase terminando a outra coxa, arrancando a carne com os dentes e, vez ou outra, fazendo estalidos com a boca ao lamber os beiços. Seus olhos castanhos brilhavam calidamente de satisfação.

— Um corpo desse tamanho precisa de bastante comida, hein? —

comentei.

Thor desviou o olhar do osso que havia acabado de limpar. Ele piscou para mim. Então, uma gargalhada reverberou dele.

— O que posso dizer? Um cara grandão, apetite enorme.

— Ahã. Eu conseguiria devorar duas dessas a qualquer momento.

— É mesmo? — instigou, erguendo as sobrancelhas.

— Nem se atreva a fazer uma piadinha sobre eu ser uma fadinha ou algo do gênero — respondi, apontando o indicador para ele. — Eu posso beber mais do que você também.

Com essa declaração, ele gargalhou profundamente, a ponto de balançar a mesa devido às suas pernas que mal cabiam embaixo dela.

— Agora, *isso* eu gostaria de ver. Nunca conheci outro deus que pudesse beber mais do que eu, com exceção de Loki, mas ele não conta, porque só vence quando trapaceia.

— Quem sabe depois — emendei, limpando as migalhas das mãos. — Acho que as aulas sobre como ser uma valquíria serão mais bem apreciadas se eu estiver sóbria.

— Pode começar comigo, se quiser — sugeriu ele. — Já que estou aqui sem fazer nada.

Dos meus cinco salvadores-*barra*-sequestradores, confesso que Thor era o que mais me deixava à vontade. Talvez porque ele parecia muito transparente, com todas as emoções e sentimentos estampados no rosto. Ele, com certeza, não parecia manipulador como o Loki. E quem sabia o que se passava na cabeça dos demais.

A minha impressão era de que o Thor dizia o que pensava e, se você não gostava disso, ora, talvez ele te convencesse usando o

seu poderoso martelo mítico que devia estar por aí.

— Tudo bem — respondi, me levantando e guardando o canivete no bolso. — Que tipo de coisa *valquírica* você vai me ensinar?

— Vamos lá — riu. — Está muito quente para correremos lá fora, então vamos usar o salão.

O salão se mostrava um aposento ainda maior que a sala de estar, em que nos reunimos mais cedo. Uma enorme lareira de tijolos ocupava boa parte de uma parede, mas a lenha queimada ali parecia velha. Uma variedade de cadeiras, sofás e mesas empilhavam-se contra as paredes. Thor invadiu o espaço vago no meio do salão e limpou uma mão na outra. Tive a impressão de que ele, com frequência, usava essa sala para as atividades que estávamos prestes a praticar.

— Geralmente, Odin era quem escolhia e conjurava as valquírias — explicou. — Mas cada um de nós possui um certo tipo de conexão com ele, assim como qualidades compartilhadas que conseguimos passar para você. — Ele me lançou um sorriso largo. — Eu te dei meu trovão.

— Trovão? — questionei, olhando para meus braços. Eu, até então, não me sentia nem um pouco elétrica com isso.

— Reflexos mais aguçados — comentou ele, sorrindo. — Força e agilidade. Você obviamente era bem durona antes, mas agora é mais.

— Hum! — flexionei meus músculos. Será que estavam mais acentuados?

— Seus poderes só vão aparecer quando acionados, ou quando você conscientemente invocá-los — disse Thor. — Do contrário, quebraríamos acidentalmente qualquer copo em nossas mãos ou

deixaríamos buracos no chão conforme andamos.

Ergui a cabeça para encará-lo.

— De alguma forma, parece que você diz isso por experiência própria.

— Quem sabe — gargalhou. — Digamos que é bom ser normal, quando tudo que se precisa é de normalidade. Mas posso lhe ajudar a ter uma noção de como invocar essa força, assim você saberá como usá-la. Só preciso provocar um pouco...

De repente, ele deu um passo em minha direção, fazendo movimento para golpear a minha cabeça com o punho. Meu coração disparou e me abaixei. Pude notar, pela brisa que seu braço provocou sobre a minha cabeça, que o soco não era forte, o que não era nenhum consolo. Não tardou para o outro punho voar logo atrás.

Com dificuldades, consegui me esquivar pelo chão de madeira e Thor me seguiu. Ele ainda sorria, mas o brilho em seus olhos era tão vívido que assustava. Ele *poderia* me reduzir a pó se quisesse, disso não tinha dúvidas.

A ideia enviou uma onda de pânico pelo meu corpo, que pareceu arrebatá-lo por todos meus nervos. Eu ziguezagueei e me esquivei, cada movimento começando a suavizar, vindo cada vez mais rápido e mais fácil. A batida frenética no meu coração se estabeleceu em um ritmo forte e constante. Escapei do alcance do Thor com uma velocidade que me tirou o ar.

Trovão. Então era isso que eu sentia. A eletricidade dançava ao percorrer meu corpo.

— Você pode sentir agora, não é? — disse Thor, soando nem um pouco sem fôlego. Esse exercício todo não era nada para ele. —

Deixa a inspiração lhe guiar. Divirta-se. Você é capaz de fazer muito mais do que pensa.

Ele abaixou a cabeça em uma investida inesperada e pulei para fora do caminho. O impulso das minhas pernas me lançou por cima dele. Eu me vi girando e aterrissando agachada logo atrás. Mal senti o impacto em meus ossos. Deixei escapar uma gargalhada impressionada.

Eu era a porra de uma super-heroína! Espere até alguém tentar me impedir, quando eu enfim pegar o jeito desse corpo bombado.

Thor começou a jogar mais pesado ao perceber que eu estava me acostumando. Passou a se mover mais rápido, golpear mais forte, e tentou me derrubar tanto com seu jogo de pernas como de braços. Continuei fugindo de seu alcance, cada vez mais rápido, o ar zunindo em meus ouvidos.

Nós rodamos o salão pelo menos uma dúzia de vezes. Eu ricochetei pelas paredes, escalei os móveis. Cada movimento vindo com mais facilidade.

Uma queimação de formigamento começou a se espalhar pelos meus músculos, mas era uma queimação *gostosa*. Como se estivesse levando-os ao limite que sempre desejaram alcançar. Não fazia ideia há quanto tempo estávamos ali, no entanto, senti que podia ficar horas fazendo isso.

Um impulso tomou conta de mim para empurrá-lo com mais força. Por que eu tinha que só ficar na defensiva? Qualquer pessoa minimamente inteligente sabe que não vale a pena começar brigas sem necessidade, mas também sabe que, uma vez que a briga vai até você, o melhor a se fazer é partir para o ataque.

Desviei de outro soco e ao invés de ir para trás, fui para frente.

Meu punho foi de encontro ao abdome bem definido de Thor. O braço dele desceu para me bloquear. Os nós dos meus dedos o acertaram por apenas um instante, antes de sua defesa me deixar cambaleante.

Os meus reflexos melhorados por pouco me mantiveram de pé. A lateral do meu braço latejou, logo acima do cotovelo, onde ele me atingiu. Eu me agachei, segurando com cuidado o braço, preparada para outro golpe dele.

Porém, as mãos do Thor caíram ao seu lado. Ele se aproximou, cautelosamente, a boca retorcida com a preocupação. Sua voz soou rouca.

— Merda! Não foi minha intenção... Você me surpreendeu, e não consegui conter minha reação a tempo. Você está bem?

Era estranho ver o homem que até então desferia golpes animadamente em minha direção, agora tão preocupado e contido. Eu me endireitei e lhe mostrei o braço, para que pudesse examiná-lo.

— Você não me atingiu tão forte assim. Provavelmente vai ficar roxo, mas vou sobreviver.

Ele tocou meu braço com cuidado, analisando a vermelhidão onde seu bloqueio tinha feito contato.

— Posso pedir para o Baldur cuidar disso. Não deveria ter te machucado.

Seu óbvio sentimento de culpa me despertou um aperto no peito. Quando *alguém* em minha vida toda havia se preocupado de tal maneira sobre ter me machucado? E, na verdade, ele nem me machucou.

Eu me forcei a vocalizar alguma coisa, tentando soar o mais

natural possível, com um leve sorriso irônico só para garantir.

— Está tudo bem. A culpa é minha por lhe pegar desprevenido. O roxo vai me lembrar de ser mais rápida da próxima vez.

Thor olhou em meus olhos para se certificar de que eu lhe falava a verdade. Sua postura relaxou e ele jogou a cabeça para trás em uma sonora gargalhada.

— Você é surpreendente, Aria Watson. Não há muitos deuses capazes de me dar um soco, sabe? Acho melhor me cuidar com você por perto.

Seus olhos procuraram os meus mais uma vez. Um sorriso caloroso e um brilho em seu olhar indicavam que ele estava, de fato, impressionado. Impressionado *comigo*. Ele manteve uma certa distância entre nós, mas ainda estava perto o bastante para sentir o calor emanando de seu corpo. Sentir o cheiro dele, um pouco picante e inebriante como um licor muito antigo e refinado. O que será que os deuses nórdicos bebiam? Hidromel?

A mão grande de Thor ainda segurava levemente meu cotovelo, os dedos curvados gentilmente contra a pele nua. A sensação daquele toque subiu pelo meu braço e atingiu a parte de baixo do meu ventre. De repente, eu me perguntava se o sabor de sua pele seria tão saboroso quanto seu cheiro. Como seria ser tocada daquele jeito, em todos os lugares, enquanto ele me olhava dessa forma...

O pigarrear vindo do outro lado do salão me tirou do transe. Eu me afastei bruscamente do Thor e me virei para notar Freya de pé ao lado da porta. Uma expressão de divertimento estampada em seu rosto.

— Já conseguiu acertá-la, não é? — indagou ela. — Nós estamos

ouvindo há mais de uma hora vocês trovejando por aqui. Talvez seja hora de dar uma pausa, ou você vai exaurir completamente a nossa valquíria. — Seu olhar recaiu sobre mim. — O que acha de darmos uma voltinha para tomar uma fresca?

Isso, tomar uma fresca viria bem a calhar. Porque, de jeito nenhum, eu estava pensando naquilo que pensei agora a pouco, sem chance.

— Vou terminar de bater em você mais tarde — disse para o Thor, tentando ignorar o saltitar ansioso do meu coração, conforme sua risada me seguia porta afora.

7.

Aria

Quando Freya sugeriu darmos uma voltinha, ela quis dizer na área externa da casa. O brilho forte do sol deveria apagar alguém de pele tão clara como a dela, mas só realçava a cor acobreada de seus cabelos e destacava o tom rosado de suas bochechas. Eu não me lembrava de quase nada do que li sobre ela quando criança, mas vou arriscar e dizer que, seja lá do que ela for deusa, a beleza sem dúvidas estava na lista.

Imaginei que ela não tinha tido um papel importante ao me trazer aqui, pois como valquíria, eu parecia a mesma mulher legalzinha e nada espetacular de antes.

Uma passagem estreita de terra batida cortava o gramado e seguia em direção a uma campina por entre as árvores espalhadas pelo terreno. As sandálias brancas de Freya deslizavam por sobre o chão, quase inaudível em seus passos, em comparação com o sapatear dos meus tênis. A não ser por uma brisa leve farfalhando as folhagens e refrescando um pouco o calor do verão, nada mais se ouvia ao nosso redor. Até então, eu ainda não tinha avistado nenhuma vizinhança.

— Aliás, onde nós estamos? — perguntei, quando uma ideia exasperante me passou pela cabeça. — Nós ainda estamos no... “plano mortal”, ou sei lá como vocês chamam?

Um leve sorriso curvou os lábios de Freya.

— Sim, ainda estamos em Midgard — respondeu ela. — Nós não

podemos sair daqui, ao menos não de volta à Asgard, sem o Odin. Nós estamos no vale do Hudson, não muito longe da cidade de Nova Iorque. Alguns dos meninos gostam de aproveitar os ares da cidade grande quando estamos por aqui.

Eu tinha lá minhas dúvidas do que “não muito longe” significava em relação aos deuses, mas eu não deveria estar tão distante assim de casa. Diante disso, o problema, assim que eu escapasse daqui, seria achar um local para arrumar um transporte que me levasse de volta à Filadélfia.

A grande casa de alvenaria agora estava escondida sob as árvores. Se eu fugisse por aqui, Loki e os outros não estariam por perto para me deter. É claro que eu tampouco sabia quais eram os poderes de Freya. Nem sabia para qual direção correr.

Até agora, disparar por aí sem rumo não tinha funcionado. Eu necessitava ser mais esperta da próxima vez que tentasse escapar. Precisava pensar mais sobre isso. Estar preparada para qualquer coisa.

— É lá que você mora? — questionou Freya, olhando em minha direção. — Nova Iorque?

Pisquei aturdida para ela. Eles realmente não sabiam nada sobre mim, né?

— Não — disse, por fim. — Moro na Filadélfia. Já visitei a grande maçã antes, mas... prefiro a Filadélfia. — Era mais compacta, menos esnobe, a não ser que se aventurasse demais pelos bairros mais afastados do centro da cidade. Além de conhecer tudo como a palma da minha mão.

— Acho que já fomos para lá uma ou duas vezes — cantarolou Freya para si mesma. — Pelo andar da carruagem, nós já estivemos

praticamente em todos os cantos. — Ela soltou uma leve risadinha. — E sua família mora lá? Amigos?

— Ahã. — Não que alguém mais importasse além do Petey. Tampouco eu ia falar sobre isso com ela.

— E como exatamente você passava seu tempo lá, para o Loki achar que você é do tipo que não se preocuparia em sujar as próprias mãos?

A expressão dela se transformou dissimuladamente. Obviamente, essa “voltinha” não era apenas para tomarmos uma fresca e eu me recuperar do treinamento. Ela também queria algo de mim. Queria saber quão bagunçada era a vida da garota que eles escolheram quase ao acaso. Comecei a ferver de raiva, mas mantive o tom de voz controlado.

— Eu saí de casa aos dezessete. Nos últimos cinco anos eu me virei como pude. Quando você começa do nada, faz o que é preciso. Trabalhei para criminosos. Cometi delitos. Já roubei quando a outra opção era morrer de fome, ou quando vi alguém com algo que não merecia. Já machuquei alguém quando precisei me defender.

Porque quando eu realmente mais precisei, não consegui ajudar o suficiente. Senti uma pontada dolorosa na boca do meu estômago.

— Uma sobrevivente — declarou Freya.

Não apreciei o tom petulante com que ela disse isso. O que diabos saberia uma deusa sobre a necessidade de sobreviver?

— Mais do que isso — argui. — Nos últimos anos, eu estava indo muito bem. Tenho um apartamento todo só para mim, sem precisar dividir com ninguém. Clientes com quem posso contar, ainda que sejam criminosos. Pelo menos era uma vida. — De jeito algum eu iria falar do Petey com ela.

— Mas foi um desses criminosos que matou você?

— Não — resmunguei, chutando uma pedrinha no caminho. A minha força *trovejosa* mandou a pedrinha para longe na campina. — Foi um drogado filho da puta em um jipe que me matou.

— Ah, sim — franziu o cenho. — Eu posso ter vivenciado o bastante das conveniências da idade moderna, mas confesso que ainda acho os veículos motorizados feitos pelos humanos perturbadores.

— Bem, eles realmente são “perturbadores” quando vêm em sua direção a 200 quilômetros por hora. — Só esperava que aquele maldito tenha tido uma puta concussão com a batida. Perdido a carteira. Algum tipo de carma.

Freya mudou totalmente de assunto.

— Dezessete anos é muito nova para sair de casa, não é?

— Sim — respondi asperamente. — Mas eu tive meus motivos.

Motivos que eu não iria *contar* para ela. Ecos de gritos, velórios e o fantasma de mãos indesejadas passeando sobre minha pele me assaltaram com a breve menção. Afastei todas essas memórias para o fundo da minha mente, onde elas pertenciam e esperava que ficassem por toda a eternidade.

Eu ia salvar o Petey de tudo isso, de toda a merda que eu passei sob o teto da nossa mãe.

A apreensão me percorreu. Fiquei olhando para o longe novamente, imaginando qual seria a distância até encontrar uma estrada, onde poderia pegar uma carona antes que alguém me alcançasse. Sonhar não custa nada.

Quando retomei meu foco, Freya me estudava com um sorriso tenso em seu rosto. Um arrepio me sobressaltou. Será que ela sabia

o que eu estava pensando?

Talvez ela tenha me trazido aqui para me testar, para ver se eu tentaria fugir de novo. Para se assegurar do meu comprometimento com a causa deles.

Mas olha só, ainda estou aqui. Ela não poderia reclamar disso. Agora, quem sabe, ela poderia soltar a língua e contar mais uns detalhes sobre essa família bizarra dela. Quanto melhor eu entendesse sobre as interações entre eles, mais eu poderia me salvar nessa situação maluca.

— Então, você é casada com o Odin — instiguei. — E os outros deuses são... filhos dele?

— Com exceção do Loki — respondeu, arqueando uma sobrancelha. — Ele não tem nenhum parentesco com nenhum de nós aqui, apesar de ele gostar de brincar com isso. Ele e Odin forjaram um pacto entre eles a muito tempo atrás. Desde então, estamos presos a ele.

— Irmãos de sangue — disse ao me lembrar de como Loki tinha se referido a relação deles.

— Isso. Thor e os gêmeos são filhos de Odin, frutos de uma relação anterior à nossa — comentou ela, dando um leve suspiro. — Muitas coisas aconteceram em nosso mundo desde que a humanidade deixou de nos venerar.

Espera aí.

— Hod e Baldur são realmente gêmeos? — questionei. — Eu achei que o Loki estava brincando.

— Compreensível, mas não era brincadeira — gargalhou ela. — Obviamente, não são gêmeos idênticos, mas nasceram juntos. O dia e a noite. O verão e o inverno. E ainda assim inseparáveis,

apesar de... — a voz dela se esvaiu, conforme calou a boca.

— Apesar de? — insisti.

— Nada. Desculpe, perdi a linha do raciocínio — dispensou ela.

Ahá! Então havia coisas que os deuses também não queriam comentar. Contudo, notei que seguir pressionando não me levaria a lugar algum.

— Então, eles se dão bem? O Hod me pareceu meio, hum, rabugento.

— Isso ele é — respondeu Freya, com um sorriso retornando ao rosto. — Mas o elo entre eles é algo além deste mundo. E como o irmão mais velho, Thor gosta de ficar de olho neles. Mesmo todos eles sendo já adultos há inúmeros anos.

Uma família bem chegada. Apesar de Loki ser de fora, ele, claramente, era o mais esperto do grupo, então não podia vê-lo como um ponto fraco.

O caminho que tomamos deu a volta ao redor da casa e logo comecei a avistá-la mais à frente, os tijolos velhos escuros em relação à folhagem verde e brilhante a sua volta. Se eu não conseguisse identificar nenhum ponto fraco entre os deuses, quem sabe a casa tivesse algum. Desse ângulo, eu podia ver as varandas da frente e de trás, as janelas se estendendo por toda lateral com a qual me deparava. Umas duas dessas eram próximas o bastante do chão para que eu pudesse pular... Até as do terceiro andar seriam úteis, se eu usasse minhas asas. Só de pensar, as minhas costas coçaram.

Não gostava da sensação que elas davam, mas se fosse preciso, iria usá-las. Eu só precisava aprender mais sobre elas primeiro. Eu iria aprender tudo que os outros deuses tinham a me ensinar e,

então, estarei preparada.

— Obrigada pelo passeio — disse, colocando uma mecha de cabelo por trás da orelha, enquanto chegávamos na frente da casa. — Até que ajudou a clarear um pouco a cabeça. Acho que agora é melhor continuar com meu treinamento.

— Eu que agradeço a companhia — respondeu Freya docemente, como se não tivesse usado essa volta pela casa como uma desculpa para me bombardear de perguntas, e sabe-se lá para mais o quê.

Quando entramos, uma linda melodia cadenciada flutuava até nós vinda do andar superior da casa. Como um violino, talvez, porém mais grave. E vagamente familiar.

Indicando com o queixo em direção às escadas, Freya comentou:

— Esse é o Baldur. Se quiser, você pode ir lá vê-lo.

Baldur. O deus iluminado e sonhador que tinha me nocauteado com apenas um toque, mas do jeito mais pacífico que qualquer um poderia desejar. Eu ainda não tinha certeza do que pensar do Loki, e o Hod definitivamente não gostava de mim. Por enquanto, eu poderia muito bem descobrir o que estaria por trás daqueles olhos ligeiramente confusos, embora belíssimos, e de que forma ele contribuiu para minha *valquiriedade*.

A música desvaneceu conforme subi as escadas. Qualquer que fosse a peça, a que ele começou a tocar a seguir era ainda mais familiar: as notas crescentes de *Amazing Grace*. Quando criança, tive umas aulas de canto por um tempo, durante uma das raras fases generosas de minha mãe. Cantei esse hino em meu primeiro e único recital.

A letra fez cócegas na ponta da minha língua ao me aproximar da

porta fechada, por onde a música se originava. Quando a abri, não pude evitar de soltar minha voz suavemente em sincronia com o instrumento.

— *Through many dangers, toils and snare, we have already come. T'was grace that brought us safe thus far, and grace will lead us home*[\[6\]](#).

Inferno, eu poderia usar um pouco dessa graça divina agora mesmo.

8.

Baldur

O arco deslizou sobre as cordas tão suavemente quanto se tivesse vida própria, como se tocasse a música sozinho e a minha mão estivesse apenas se movendo em conjunto. As notas graves e encorpadas da viola de arco [\[7\]](#) preenchiam o ambiente. Eu nem prestava atenção a qual música eu tinha começado a tocar, eu só deixava o instinto me guiar. Deixando-me perder naquele mundo de acalento e música. O único mundo onde tudo estava sempre perfeitamente em harmonia.

Uma voz se intercalou com a melodia. Um pouco áspera, mas doce, vacilando em uma nota aqui e ali, mas de forma geral alcançando a cadência adequadamente. Meus olhos se abriram.

A jovem, que era a nossa nova valquíria, tinha acabado de entrar. Ela paralisou e se calou assim que nossos olhos se encontraram. Relaxei o controle do arco e parei de tocar.

— Você tem uma voz bonita. Parece que você faz jus ao nome que seus pais lhe deram.

A boca de Aria se retorceu um pouco. Ela parecia insegura se deveria sorrir ou não.

— Não canto tão bem quanto você toca — disse ela. — É normal os deuses nórdicos saberem os hinos cristãos?

— Era disso que se tratava a música? Tenho que admitir que nem sempre tenho noção da origem da música que toco. Se eu escuto uma música que gosto, eu a guardo aqui dentro — comentei,

tocando de leve a minha cabeça.

— Você deve ter uma boa coleção, então.

Depois de tantos anos de existência, ela quis dizer. Um estremecimento percorreu meus pensamentos. Desviei o olhar, inspirei profundamente absorvendo o brilho cálido que a música deixou e que se entremeava aos raios de sol adentrando pela janela da sala de música. Não havia nada para me afligir aqui. E não valia a pena pensar sobre o passado, agora que já passou.

Quando me virei para a Aria, ela me olhava cautelosamente.

— Eu não queria interromper — começou. — Achei que você talvez poderia iniciar com a sua parte no meu treinamento de valquíria.

— Claro — respondi. Era bom saber que estava disposta, era bom saber que estava animada. Eu sorri para ela. — Você quer entender o máximo possível sobre o que você é agora. Farei o que estiver ao meu alcance para lhe ajudar.

Eu me levantei e guardei a viola de arco em seu lugar contra a parede, no meio de nossa coleção de instrumentos musicais. No decorrer dos séculos, tentei uma variedade deles, mas a viola de arco era para a qual eu sempre retornava. Nada mais conseguia se equiparar com a profundidade e a pureza de seu som. Tracei os dedos sobre a superfície lisa de madeira de forma afetuosa.

— O que você exatamente vai me ensinar? — sondou Aria. — Eu ainda não sei como vocês todos se encaixam nisso.

Assenti. Era compreensível essa confusão dela, mas eu devia ao menos atenuá-la. Meu olhar recaiu novamente sobre ela.

— Vai levar um tempo até você absorver tudo. Sinto muito que sua chegada aqui tenha sido difícil. Nós tentamos acolher nossas

valquírias da forma mais gentil possível. Mas a situação é deveras complicada. Se tivesse outra maneira, eu gostaria de ter pedido sua permissão primeiro.

— O que está feito, está feito. — Ela então lançou um leve sorriso, um pouco irônico. — E nem posso dizer que preferiria estar morta de novo. Então, acho que tudo deu certo no final.

Ela *era* diferente das demais. Eu não estava seguro em relação às ideias de Loki quando ele nos apresentou sua nova estratégia, mas podia notar as vantagens agora ao vê-la. As outras concordaram em nos ajudar pela bondade em seus corações, que tinham em profusão. Quando seus medos e incertezas as atingiram, foi na bondade que elas se ampararam. Mas a bondade é algo indistinto e fraco.

A determinação na Aria era algo flexível, mas muito forte, como a tensão resistente em um bom arco. Ela queria aprender porque era um desafio que ansiava superar, não apenas porque ela se sentia obrigada a seguir alguma ideia vaga de que era o certo a ser feito. Ela ia *gostar* de dominar seus poderes e não ia somente aceitá-los como parte de seu dever.

Esse tipo de luz pode lhe guiar por muito mais tempo, pelas mais diversas situações.

Ela se recuperara rápido da garota fora de si que havia sido pela manhã. E, ver isso, tinha me acalmado.

— O que você sabe sobre as valquírias? — perguntei a ela.

— Além do que vocês já me falaram: que elas possuem uma conexão com Odin e que a pessoa tem que estar morta para se transformar em uma — respondeu ela, dando de ombros. — Não muito. Elas eram guerreiras, certo? É por isso que foi preciso um

pouco da força do Thor na minha criação?

— De certa forma — respondi. — Mas a posição de uma valquíria é muito mais sagrada. Antigamente, você e suas irmãs vigiavam os campos de batalha em Midgard e determinavam qual lado sairia vitorioso. Escolhiam dentre aqueles que morriam quais iriam ascender ao grande saguão de vitórias de Odin, Valhalla. Eram epítomes da justiça e misericórdia.

— Parece ser uma baita responsabilidade — concluiu ela, erguendo as sobrancelhas.

Não havia nada que passasse batido por essa aqui, não é? Senti-me relaxando ainda mais conforme conversávamos. Eu estava lhe dando algo que desejava. Não havia nenhuma aflição aqui.

— Era — emendei. — Mas você não a carregaria sozinha. Haveria dezenas como você, observando e julgando.

— Mas agora vocês estão presos só comigo. Depois dos problemas que as que vieram antes de mim tiveram, vocês não pensaram em fazer um esquadrão logo de uma vez?

— Bem — respondi, tentando dispensar a ideia com a mão e retomar a conversa. — Para invocar apenas uma valquíria há uma demanda muito grande de nossa energia. Nós fizemos o melhor que podíamos. Agora, deixa eu te mostrar...

— Mas o que aconteceu com as outras? — Interveio ela.

— As três primeiras que invocamos desapareceram quando iniciaram as buscas — respondi intrigado. — Loki mencionou isso, não?

Ela cruzou seus braços tonificados sobre o peito.

— Eu não estou me referindo às que vocês invocaram. Estou me referindo àquelas dezenas de valquírias que Odin tinha antes, lá em

Valhalla ou onde quer que seja. Se elas estavam tão antenadas assim com ele, por que elas não o estão procurando? Por que vocês precisaram criar as suas próprias valquírias?

Antes. Outro estremecimento me percorreu, mas de uma forma mais branda. Muito mais fácil de ignorar.

— Muitas coisas aconteceram desde então — comecei. — As coisas mudaram. Suas guerras aumentaram de proporção. Os métodos antigos não faziam mais sentido. Por fim, Odin libertou as valquírias de seus deveres e dos poderes que os acompanhavam.

— Puxa. Isso realmente fode tudo, não é? — ressaltou, respirando fundo. — Está bem. Então, o que vamos aprender agora, *profe*? Como é esse negócio de justiça e misericórdia para mim?

Isso, vamos voltar ao assunto em questão.

— Ao fazer seus julgamentos, as valquírias precisam ver o que se passa no interior dos guerreiros a serem julgados — completei. — Para sentir seus motivos e suas emoções. Como se trouxesse suas almas à luz.

— Entendi — disse ela. — E você é o deus da luz.

Esbocei outro sorriso. Sim. Todos nós tínhamos um papel a desempenhar, e ela estava encontrando o dela entre nós, não estava?

— Algo do gênero — comentei. — E você também tem essa habilidade. Se você se concentrar direito, poderá constatar o que as pessoas estão sentindo, a harmonia ou falta dela em seus espíritos, até mesmo à distância.

— Como através do campo de batalha.

— Exatamente. Embora esperamos que não se chegue a esse ponto. Mas lhe será de grande valia, caso encontre alguém ao

procurar Odin, isso lhe ajudará a determinar se se trata de uma ameaça ou de um potencial aliado.

Dei uma olhada ao nosso redor, tentando encontrar algo que pudesse ajudá-la a praticar essa habilidade e ouvi o som de um carro se aproximando da casa. Eu não podia desejar por um momento mais oportuno. Acenando para a Aria me seguir, me aproximei da janela.

Uma pequena camionete tinha acabado de estacionar na entrada da nossa casa. Um jovem saltou da parte de trás carregando um cooler e umas duas caixas com as compras de mercado. Uma senhora de meia idade deixou o assento do passageiro e saiu levando consigo uma sacola com utensílios de jardinagem. O homem de cabelos grisalhos, que veio dirigindo, acompanhou o mais novo para dentro da casa.

— Essa é nossa equipe humana de serviços gerais — mencionei para Aria, quando ela se juntou a mim. Ela lançou um olhar para fora através do vidro. — Eles nos trazem suprimentos da cidade e cuidam da propriedade, para que não tenhamos que nos preocupar tanto.

— Vocês não se preocupam deles verem algo divino? — questionou.

— Loki se assegura de que não vejam nada que possa assustá-los.

Ela soltou um som de ceticismo e exasperação.

— Na verdade, tenho a impressão de que aquele ali se divertiria até mais assustando eles.

Tive que rir ao ouvir tal declaração.

— Você provavelmente está certa. Mas ele consegue manter essa

parte da natureza dele controlada. Todos nós aqui queremos manter a harmonia.

— Principalmente porque não sabem quanto mais tempo ficarão por aqui.

Ela não poupava nada e ia direto ao assunto, não é? Fechei os olhos por um momento, me deixando banhar na luz do sol e na fragrância tão familiar deixada pelos instrumentos e pelas velhas partituras.

— É — retomei o assunto. — Tem isso. Mas não vai machucar ninguém tentar usar sua sensibilidade neles. Observe a mulher ali, veja se consegue alcançar a mente dela. Quase como se você fosse acariciar a cabeça dela com seus pensamentos. Veja quais impressões isso vai lhe proporcionar.

Aria se amparou em direção à janela, algumas ondas rebeldes de seu cabelo loiro quase roçando o vidro. Seus olhos se estreitando.

Conforme concentrou sua atenção na jardineira, eu me vi focando cada vez mais em nossa valquíria. No subir e descer de seu peito, tão perto do meu, enquanto sua respiração se ritmava com a concentração. Na luz que faiscava naqueles olhos cinzentos, no sorriso que começara a se formar em seus lábios, quando ela enfim encontrou o que estava buscando.

Eu podia ter uma noção das emoções dela, só de olhá-la. Havia uma determinação ali que eu veria sem usar qualquer poder divino. Por trás dela, uma sensação crescente de satisfação, talvez pelas habilidades que estava aprendendo a controlar. Na realidade, ela não estava *feliz* aqui, mas não acho que deveríamos esperar muito em relação a isso por ora. O contentamento dela já era, por si só, uma vitória.

E então, por trás de tudo isso, bem escondido, vislumbrei um leve e vívido pulsar de amor. Alguém ou alguma coisa que ela levava em seu coração guardado a sete chaves, tão bem protegido que desejei extremamente desvelar esse segredo, mergulhar em cada cantinho desse sentimento. Quando foi a última vez que me deixei levar em uma emoção tão poderosa assim? Meu coração disparou, meio assustado, meio empolgado.

Aria virou a cabeça em minha direção, e retomei a postura de antes. Seus olhos, agora, brilhavam completamente.

— Eu consegui sentir — declarou ela. — Quando eu a alcancei com meus pensamentos, assim como você falou. Não foi muito, mas... Ela está um pouco preocupada. Acho que ela tem um bichinho de estimação em casa que está doente. Mas ela gosta de estar ao ar livre, com o sol na cara, trabalhando com as mãos na terra, vendo como suas plantas estão crescendo bem. Ela quer fazer um bom trabalho, apesar de saber que não está sendo supervisionada de perto.

Aria sorriu triunfante para mim quando acabou. Eu não tinha vasculhado as emoções da jardineira para poder comparar nossas impressões, mas tudo que ela me disse parecia corroborar com o que eu já sabia sobre a mulher.

— Tente agora o garoto da entrega — sugeri, encorajando-a.

Eu apontei para o jovem que acabara de subir na caçamba da camionete. Ele estava separando algumas caixas que ainda estavam por ali, o sol reluzindo em seus cabelos castanho-escuros. Aria se inclinou novamente, estudando-o. Dessa vez, ela comentou enquanto fazia suas próprias observações.

— Ele queria estar em casa — disse ela de forma distante, tanto

de mim quanto dele. — Há alguma coisa acontecendo na cidade hoje e ele está perdendo, por isso está tão irritado. Mas ele também se sente intimidado com a casa. Ele quer garantir que não está se esquecendo de nada que deveria trazer, acho que para ele não ter problemas? — Ela se virou para mim intrigada. — Ele já teve algum problema com vocês antes?

— Não que eu me lembre. Como falei antes, nós tentamos ao máximo manter as coisas em harmonia por aqui. Sem querer ofender, mas as emoções humanas não são muito racionais.

— E como são as emoções dos deuses? — perguntou ela em um tom divertido. Ela me analisou atentamente. — O que eu veria se eu vasculhasse aí em você, deus da luz?

Eu senti sua atenção em mim como a centelha de calor de uma chama. Infiltrando-se por entre o brilho cálido na superfície e se aprofundando em direção ao meu íntimo, onde eu guardava as coisas que não queria dar atenção e que começaram a se agitar com a provocação.

Senti um aperto no peito. Dei um passo para o lado, interrompendo sua concentração em mim.

— Acho que você pegou tudo bem rápido — falei. — Talvez, na próxima vez, possamos achar uma multidão para testarmos essas habilidades. Afinal, você mostrou que está no caminho certo.

Ela fez uma careta e arqueou as sobrancelhas ao me acompanhar com seu olhar, mas evitou insistir no assunto. No entanto, virou-se novamente para a janela.

— Um pouco mais de prática não fará mal, né? — disse ela. — Eu me pergunto o que está se passando na cabeça do outro cara.

Quando ela se inclinou novamente para a janela, me mantive

onde estava, aproveitando nossa distância para acalmar os nervos brevemente agitados.

Essa aqui realmente era diferente, sem dúvidas. De certa forma, eu até preferiria que não fosse.

9.

Aria

Deixei a sala de música com um certo embrulho no estômago. Eu aprendi o que precisava do Baldur. Ele até foi gentil o bastante ao me ensinar, mas eu não conseguia me livrar da sensação de que algo tinha acontecido com ele quando estávamos juntos, algo que acabou com todo o entusiasmo dele. No fim, ele só queria que eu o deixasse sozinho.

Isso não deveria me incomodar. Eu só não podia deixar de me perguntar qual o mistério por detrás daqueles sonhadores olhos azuis. Porque tinha *alguma coisa* ali, além de raios de sol e arco-íris.

Já dizia o ditado, a curiosidade matou o gato. A esperança é a última que morre. Por ora, era melhor ter esses ditos em mente. O que quer que estivesse acontecendo com qualquer um desses caras, deuses, não tinha nada a ver comigo.

Eu mal tinha dado uns dois passos pelo corredor, quando Loki se afastou da parede em que estava encostado próximo às escadas.

— Acredito que esteja fazendo turnos — disse ele, com sua doce voz sardônica.

— Não era isso que eu deveria estar fazendo? Dar um gás em toda essa coisa de valquíria para eu ir atrás do tal Pai de Todos que está sumido?

O deus esbelto esboçou um sorriso.

— E com tamanho entusiasmo. Só estou chateado por não ter me procurado para saber o que posso lhe ensinar. A menos que esteja

guardando o melhor para o final.

Ele não soou nem um pouco chateado.

— Você só não estava convenientemente à minha disposição — respondi, revirando os olhos.

— Mas estou aqui agora — ele abriu os braços como se estivesse se oferecendo. — Vamos nessa?

Eu detestava mostrar qualquer fraqueza, mas apesar disso acabei hesitando. Loki era um trapaceiro. Até os demais deuses o chamavam assim. Eu conseguia me virar de boa com alguns dos criminosos mais durões da Filadélfia, mas nenhum deles tinha a esperteza divina a seu favor. Sem contar que era culpa dele, até mais do que dos outros, eu estar presa aqui.

E, acima de tudo, agora que eu não estava mais tentando escapar, era difícil não notar o quão absurdamente lindos eram todos esses deuses. Com os demais, eu até conseguia me distrair. Mas o Loki... com aquele humor sarcástico, sua língua afiada e o poder que praticamente irradiava de sua estrutura esguia e bem tonificada... ele era exatamente o meu tipo. Exatamente o tipo que eu evitava me atirar na primeira oportunidade quando aquela necessidade batia, porque normalmente eu buscava alguém que eu pudesse esquecer no dia seguinte.

Loki era, sem dúvidas, perigoso, justamente por despertar tal necessidade com o mero brilho de seus olhos, a necessidade louca de surpreendê-lo, impressioná-lo e vencê-lo em seus próprios joguinhos... e sem considerar todas as coisas que certas partes de mim iriam gostar de fazer depois disso.

Contudo, eu não tinha muita escolha sobre passar tempo com ele, então precisarei ficar me lembrando que ele é um deus trapaceiro

etc.

Enquanto eu chegava a essa conclusão, a expressão de Loki suavizou, o que de certa forma só serviu para deixá-lo ainda mais atraente.

— Desculpe-me, mas acho que não começamos com o pé direito — declarou ele, num tom de auto reprovação. — E, principalmente, deve ser culpa minha, assim como quase tudo que acontece aqui. Será que você tem algum outro utensílio de corte para eu buscar e assim me desculpar de forma apropriada?

Eu olhei para ele, me concentrando um pouco como Baldur havia me ensinado e sentindo um formigamento na nuca ao me focar. Era realmente mais difícil fazer uma leitura de um deus do que de um humano comum. Eu não tinha sentido quase nada vindo do Baldur antes dele interromper nossa conexão. Loki, no entanto, me passava a impressão de que ele era feroz e, ao mesmo tempo, comedido, além de me passar um sentimento genuíno de arrependimento. Estava certa de que ele iria correndo para Filadélfia buscar uma faquinha para passar manteiga da minha gaveta da cozinha, ou a tesoura do armário do banheiro da minha mãe, se eu lhe pedisse.

Não nego que fiquei tentada a forçá-lo a isso, só de picuinha. Mas e se isso aumentasse minha dívida com ele? Não, era melhor evitar.

— Acho que estou bem abastecida nesse quesito — comentei. — Se está pronto para me ensinar, então ensine. Que tipo de habilidade de valquíria você tem nas mangas?

— Só as melhores, fadinha — respondeu ele, com o brilho malicioso, cada vez mais vívido, em seus olhos cor de âmbar. — Vem comigo. Vou te ensinar a voar.

Um estremecimento de antecipação percorreu meu peito, conforme o segui até o final do corredor. Eu ia *voar* como a porra de um pássaro. Mas a antecipação veio acompanhada por um embrulho no estômago ao me lembrar daquelas asas pesadas em minhas costas.

Loki abriu a janela trapeira que dava acesso ao telhado e a levantou alto o suficiente para nos dar passagem. O ar quente e o cheiro ocre das telhas aquecidas vinham pela abertura. Ele moveu os braços para o lado com uma leve reverência, para indicar que eu fosse à sua frente.

— Primeiro as damas.

— Eu não diria que sou uma “dama” — respondi —, mas vou aceitar assim mesmo.

Passei pela janela e pisei no telhado inclinado, posicionando com cuidado meus pés quando enfim me equilibrei. A brisa cálida lambia meus cabelos. Estávamos no terceiro andar, com uma vista do gramado e das árvores alinhadas ao redor da campina. O sol estava prestes a se pôr, fazendo com que as sombras das árvores se estendessem pela grama.

A queda abaixo de nós seria absurda se eu me desequilibrasse. Mas, talvez, as valquírias não se arrebatassem assim tão facilmente. No entanto, não estava nem um pouco ansiosa em testar essa teoria.

Loki deslizou pela abertura com tamanha confiança e delicadeza, como se sua estrutura muito mais alta que a minha não fizesse diferença. Virei o rosto antes que eu começasse a babar por ele, ou qualquer coisa do gênero, e passei a olhar o gramado. Os funcionários da manutenção da casa haviam ido embora em sua

camionete há alguns minutos. Não havia mais ninguém por perto. Os deuses tinham encontrado um bom cantinho recluso aqui.

— Então, se eu vou aprender a voar, acho que vou precisar daquelas asas — dei de ombros e a camiseta regata, que Freya escolheu, se mexeu com o movimento. O modelo nadador da regata deixava minhas omoplatas à mostra. Eu seria capaz de desenrolar meus novos apêndices sem estragar outra peça de roupa.

Minhas costas enrijeceram só com a ideia de libertar minhas asas. Da última vez, fui incitada ao ver o sangue do Loki. Agora, eu teria que *decidir* libertá-las com toda a calma do mundo.

— Você não gosta delas — comentou, após me estudar por um tempo.

Era difícil argumentar quando ele tinha afirmado com tal convicção.

— Não — respondi. — Não é exatamente a melhor sensação do mundo, ter essas duas coisas... estranhas e enormes... brotando do seu corpo. Para início de conversa, elas nem deveriam estar aqui.

— Você está pensando de forma equivocada — repreendeu-me ele, apoiando o cotovelo sobre a trapeira da mansarda. — Eu, por exemplo, posso tomar as mais diversas formas, com qualquer parte que eu não esteja acostumado: asas, caudas, cascos, peitos. — Arqueou uma sobrancelha. — Mas não as vejo como algo estranho a mim. Elas são como facetas diferentes do meu próprio corpo que estou trazendo à tona. E é isso que suas asas são. Elas *existem* para estar contigo agora. Elas são suas. Aproprie-se delas. Abrace-as.

Respirei fundo. Ele até que tinha razão. Precisava me acostumar com essas asas se eu ia usá-las para sair daqui, ir atrás do Petey e

conseguir superar o que quer que viesse pela frente. No entanto, pensar nelas à espreita sob minha pele ainda me deixava em pânico.

— Traga elas para fora devagar — sugeriu Loki. — Leve o tempo que precisar para absorver a sensação, se acostumar a elas. Eu posso ajudar na sua postura para poder se equilibrar com elas mais facilmente.

Ele deu um passo em minha direção e meu corpo se retesou com o movimento súbito. A mão dele parou no meio do caminho. Novamente, ele pareceu me estudar.

— Se por você estiver tudo bem, eu posso ajudar?

Engoli em seco. Embora o deus trapaceiro não tivesse o poder de ler as emoções como Baldur, ele ainda percebia tudo. A ideia de que ele pudesse adivinhar os motivos de meu desconforto fez o meu pânico interno crescer. Mas era para isso que ele estava aqui. Para me ensinar. Para me ajudar a entender como me portar como uma valquíria.

As pessoas que só queriam te machucar, ou coisa pior, geralmente não pediam sua permissão primeiro.

— Está bem — concordei. — Devagar e com calma. Vamos nessa.

Loki tocou somente com as pontas dos dedos o local em que minhas asas iriam emergir, um toque tão leve que mal senti.

— Imagine suas asas, assim como fez antes — falou ele suavemente. — Liberando-as de seu interior, se esticando e abrindo aos pouquinhos...

Eu precisava daquelas asas. Precisava voar. Respirei fundo de novo e recordei a sensação das asas emergindo. Senti um pinicar

profundo em minhas costas. Cada vez mais fundo e próximo às cartilagens da espinha dorsal prestes a explodir.

Isso. Venham para fora. Devagar.

Instiguei elas com a mente, forçando e puxando. Uma queimação surgiu por entre minhas escápulas. E então, elas começaram a surgir, se envergando ao meu redor, centímetro a centímetro com suas penas longas, o peso delas me dominando a cada segundo.

— Aí — murmurou Loki. — As asas fazem parte de você, assim como seus braços e pernas de fadinha. Assim como seus músculos. Seus ossos. Os seus nervos. Agora, endireite as costas aqui — disse, aplicando pressão em algumas vértebras. — E gire um pouco os ombros assim, isso.

Conforme endireitava minha postura de acordo com suas instruções, o peso das asas se acomodou em minhas costas. Elas ainda estavam ali, mas já não me incomodavam tanto.

— Dê uma flexionada nelas — recomendou ele, dando um passo para trás e me dando mais espaço. — Ainda parada aí, tente usá-las. Perceba como elas fazem parte de você.

Concentrei minha atenção nas asas e elas reagiram. Sentindo como se estivesse me espreguiçando, as asas se desvelaram e se abriram ao meu redor.

Esses eram os meus músculos. Os meus nervos.

Curvei as pontas delas para dentro em uma tentativa de batê-las e as penas se agitaram com a brisa. O ar movendo-se contra as asas provocou um formigamento nelas. Tal estremecimento reverberou por todo o meu corpo, de uma forma que não era exatamente desagradável.

Minhas asas. *Minhas*. E elas iriam me levar para casa.

— Então, como faço para voar? — indaguei.

Loki abriu um sorriso largo.

— Tudo o que você precisa fazer é se jogar.

Ele deu um salto se jogando para o ar, e ficou lá, pairando um pouco além da beirada do telhado. Olhei abismada para ele.

— Como você fez isso?

— Magia! — declarou ele com um estalar dos dedos, rindo continuou. — Literalmente. Por acaso, tenho um par de sapatos supernaturais altamente poderosos.

— Hum. Talvez eu pegue eles emprestado.

— Você pode tentar. Mas, infelizmente, eles estão ajustados para funcionarem apenas em meus pés. Claro que pode simplesmente usar essas suas asas maravilhosas. Vamos lá. — O tom dele se transformou em um desafio. — Aposto que não consegue me pegar.

— Veremos — resmunguei. A queda da beirada do telhado ainda parecia aterradora. Meu coração acelerou quando abri as asas. O vento passando com cada bater de asas, já quase me levantava das telhas.

Que bom, as asas eram resistentes. Elas iriam me carregar. Eu só tinha que me jogar cegamente e confiar...

Eu me impulsionei para frente, passando por cima da calha e me jogando ao ar livre. Meu corpo cedeu e despencou com um aperto no estômago. Um grito irrompeu de minha garganta. Abanei os braços, assim como também as asas. Abanei, e as asas cortaram o ar interrompendo minha queda. Voei para cima, o vento passando por mim.

Comecei a rir. Eu estava voando. Estava voando de verdade.

Ao perder um pouco o ímpeto, bati as asas novamente, um pouco

freneticamente a princípio, depois mais confiante. Planando um pouco mais para cima. Inclinando um pouco para a esquerda. De alguma forma, um instinto dentro de mim guiava meus movimentos. Eu me forcei a retornar para onde Loki me esperava.

— Oras, olha só para você — elogiou ele. — O que está achando?

— Eu acho — respondi um pouco sem fôlego —, que posso voar ainda mais alto que essa porra.

Estiquei ainda mais minhas asas e me joguei em direção aos céus. Um vento mais forte me atingiu e aproveitei para me elevar ainda mais, seus dedos calorosos instigando minhas asas. A luz vacilante do pôr do sol iluminava minha pele, o ar puro do interior preenchia meus pulmões e, por um momento, me senti invencível. Poderia ir para qualquer lugar, fazer o que quisesse.

Eu mergulhei e então ascendi novamente, a emoção me tonteando. Eu ri deleitando-me com a sensação. Loki veio logo atrás de mim, correndo pelo ar. Nossos olhos se encontraram, e ele sorriu para mim, como se estivesse tão satisfeito quanto eu com essa nova descoberta.

— Essa é minha garota — comentou ele.

Sua voz soava satisfeita e até mesmo com uma pitada de orgulho, mas as palavras me trouxeram à realidade. Eu *não era* dele. Eu não me permitiria ser dele, nem de ninguém. A única pessoa a quem eu pertencia era eu mesma, e não importava quem tinha me trazido de volta à vida nesse corpo modificado, apesar de absurdamente incrível.

Bati as asas mais rápido, para me levar cada vez mais alto, acelerando pelo céu. Cada vez mais alto, até a pressão atmosférica

começar a rarear e uma sensação estranha perfurar meus tímpanos.

Loki subiu comigo. Quando parei, pairando com um bater rítmico das asas, ele fez um floreio com o braço em direção ao cenário ao nosso redor.

— Eu lhe dei mais do que o poder de transformação — começou. — Você verá que os seus sentidos como valquíria são mais aguçados do que de costume. Quando é preciso sobrevoar as guerras, isso vai ajudar a se concentrar nos pequenos detalhes ao tomar suas decisões. Seu olhar agora é mais apurado do que o de um falcão, sua audição mais sensível do que a de um lobo.

— Assim como você? — sondei.

Loki soltou uma risada.

— Ah, ninguém supera meus sentidos. Dê uma olhada. Veja o que pode fazer.

Eu não tinha tido a oportunidade de estender a minha visão antes. Ao olhar para o mundo abaixo de mim, formas e cores indistintas começaram a ganhar contornos conforme me concentrava. Lá estava o rio Hudson serpenteando à minha esquerda. Ao longe, uma grande mancha cinza se avolumava, em um estalar de dedos, meu olhar se estreitou e consegui identificar arranha-céus brilhantes com suas janelas cintilantes. A cidade de Nova Iorque. Será que eu ouvia as buzinas de seus carros a essa distância? Não, tinha que ser de algum lugar mais perto. Ali. Meus olhos se estreitaram de novo, e vi em uma área rural a oeste alguém buzinando para uma vaca parada no meio da estrada, a quilômetros daqui.

Se Nova Iorque estava por ali, então a Filadélfia deveria estar... por aqui. Girei o corpo como se estivesse curtindo o momento, ao

mesmo tempo que registrava a direção de casa para usar assim que possível. Minha cidade natal ainda estava longe demais para poder enxergar com esses olhos aprimorados, mas eu podia sentir seu chamado. O chamado vibrante de todas aquelas vidas humanas para os quais meus sentidos de valquíria foram criados.

— O mundo todo se abriu para você — ressaltou Loki. — É indescritível, não é?

— Sim — tive que admitir. Meu olhar recaiu sobre os campos abaixo, meus ouvidos atentos. Mais carros costurando por entre as estradas a nossa volta. Um trator arando um campo. Coisas que podia ver sem nenhum foco específico. Intrigada, franzi o cenho. — Nós não devíamos nos preocupar com as pessoas normais *nos* vendo?

— Você agora é parte do mundo divino, fadinha. — Loki me lançou um sorriso torto. — Nenhum humano pode lhe ver, a não ser que você conscientemente permita.

Saber disso viria a calhar. Dessa forma, eu poderia voar para qualquer lugar.

Retomando minha atenção para meu corpo novo, eu voei e planei em círculo me deixando levar pelo vento. Nossa, isso era realmente indescritível. Quando estava no chão, eu ainda não tinha comprado a ideia das asas, mas agora, daqui de cima... É, com certeza ficarei com elas.

As sombras das árvores se estendiam agora até a casa. Uma voz rouca veio até nós por uma janela aberta.

— Loki! Desça já daí para jantar. E chame a Ari para vir também.

— Melhor não deixarmos o Thor aguardando para a refeição preferida dele. — Acenou Loki ainda sorrindo. — Quando está com

fome, ele não é uma das melhores companhias. Além disso, acho que você já fez o bastante por hoje.

— Fiz mesmo — concordei enquanto descíamos em direção à casa. E eu ainda faria muito mais, logo na primeira oportunidade.

Esta noite, se os deuses dormissem, eu iria fugir daqui sem ninguém perceber.

10.

Aria

O travesseiro na cama era tão fofo e confortável que quase desejei afundar minha cabeça ali e dormir. Mas os pensamentos turbulentos me mantinham alerta, o corpo tensionando a cada rangido da casa. Após o jantar, contei a todos que estava exausta de todo o treinamento do dia e me recolhi para o quarto. Já era noite lá fora, as estrelas surgindo brilhantes no céu profundamente escuro, que eu nunca vira vivendo na cidade com as luzes incessantes dos postes. Fazia uma hora que não escutava mais nenhum som na casa.

Pelo que parecia, os deuses realmente dormiam. O que significava que era hora de me mandar.

Saí da cama e andei nas pontas dos pés até a porta do quarto. Ao abri-la, as dobradiças rangeram suavemente. Eu me sobressaltei e fiquei paralisada, mas não vi movimentação alguma dos quartos ao meu redor ou do andar de baixo.

Será que eles confiavam tanto assim para achar que eu ia ficar de boas aqui? Talvez eu tenha passado uma boa impressão hoje, tão boa que acreditaram que eu estava completamente de acordo com o plano deles. Não que eu ia dar isso como certo e me descuidar. Tinha meus próprios planos e motivos a considerar.

Deslizei pelo corredor até a janela de trapeira que dava para o telhado. A janela se abriu com um chiado. Eu me espremi por ela e saí de encontro à noite quente.

Os grilos cricrilavam de algum lugar lá embaixo. Uns poucos vagalumes piscavam pelo gramado parcamente iluminado pela lua quase cheia. Era uma vista que consideraria bonita se eu tivesse vindo para admirá-la. Eu me afastei cuidadosamente da janela pelas telhas inclinadas e abaixei levemente a cabeça.

O formigamento e a queimação das asas emergindo ainda deixava meus nervos em frangalhos, mas eu estava começando a me acostumar com elas. Principalmente, quando as abria completamente e sentia o ar soprando contra suas penas, a lembrança de estar nos céus voando ao entardecer me invadiu. Meu coração saltou no peito alegremente.

Em instantes, eu sentiria essa sensação de novo. E, com sorte, logo depois eu veria o Petey.

Corri pelo telhado e me atirei ao ar com uma leve batida das minhas asas. Antes que pudesse cair, elas encontraram uma corrente de ar. Voeei ao redor da casa, inspirando profundamente, a brisa incitando minha pele e agitando minhas roupas.

Por alguns minutos, só sobrevoeei a casa e o quintal, aguardando algo acontecer. Se os deuses tinham algum tipo de mecanismo de defesa, eu poderia simplesmente fingir inocência, dizer que estava com dificuldades para dormir e, portanto, tinha vindo praticar um pouco meu voo. Se, por acaso, eu não deixasse a propriedade, ninguém poderia me acusar de tentar fugir.

Contudo, não vi ninguém saindo da casa para ver o que eu estaria aprontando. Não havia nenhum indício de que tinham percebido alguma coisa. Umedeci meus lábios. Será que seria tão fácil assim?

Eles podem ter meios de me encontrar assim que acordassem. Não tinha ideia da magia que eles eram capazes de usar. No

entanto, talvez nem fosse preciso chegar a isso. Eu não tinha certeza do que ia fazer depois de ir atrás do Petey. Eu sempre poderia voltar para cá e ir para cama como se nada tivesse acontecido, e eles nem saberiam que eu tinha escapado. Pois não adiantaria tentar fugir de verdade, sem antes saber todos os truques necessários para conseguir ludibriá-los depois.

Dei mais uma volta ao redor da casa, inclinei o corpo para a direita e me dirigi para o sudeste. Com algumas batidas das minhas asas, logo eu voava em direção a minha casa.

O vento corria por mim, trinando em meus ouvidos. A paisagem se espalhando lá embaixo como tinha visto somente em fotografias aéreas. Eu sorri me esbaldando com a liberdade.

E, então, uma bolha sombria apareceu na minha frente se chocando contra meu corpo.

Ramos gélidos se enroscaram ao redor dos meus membros e asas me levando para baixo. Gritei e lutei contra eles, mas em vão. A ameaça sombria me arrastou de volta à terra.

De volta até um campo distante da casa, onde um deus de cabelos e olhos escuros estava com o rosto virado para cima me vendo cair.

A sombra não me machucou. Com um leve baque, ela me colocou em pé no chão. Mas a sensação gelada de seus ramos me fazia estremecer. Contorci-me contra eles, tentando me libertar.

— Tira essa coisa de cima de mim!

— Não acho que está em condições de fazer qualquer exigência, valquíria — disse Hod em sua voz inalterada. — Vou te soltar quando me disser para onde você estava indo.

Iria mesmo? De alguma forma, eu duvidava disso. Forcei meu

corpo a não resistir aquele emaranhado de sombras e encarei ele pela parca luz do luar. Ele estava virado em minha direção, mas como antes, seu olhar não encontrava o meu. Como se eu não fosse digna o bastante para sequer reconhecer minha existência.

— Não minta — acrescentou ele. — Eu sei que está indo para *algum lugar*. Eu aguardei até ter certeza de que você estava indo embora antes de te impedir.

— Não é muito de dormir, né? — instiguei.

O olhar dele mudou o foco, deslizando pelo que parecia da minha bochecha para a minha testa.

— Eu sou o deus da escuridão — disse ele. — Essa é a hora que estou mais acordado.

— Então você acabou sendo o cão de guarda. Que sorte.

— Para onde você estava indo, valquíria? — questionou, ignorando meu deboche. — Se quiser, podemos ter essa conversa em casa com os outros. Aposto que o Thor vai *adorar* ser acordado no meio da noite, enquanto digere seu jantar.

Soltei um suspiro. Não conseguia pensar em nenhuma mentira que fosse melhor que a verdade.

— Estava indo para casa. Só para ver como as coisas estão, mas eu ia voltar.

— Claro que ia — disse Hod. — E o que exatamente iria fazer por lá? Mostrar como esses novos poderes poderiam ajudar os criminosos com quem você anda? Talvez roubar uma coisa ou outra?

Fiquei indignada. Claro que a Freya já tinha comentado sobre nossa conversa para todo mundo. Mas, pelo visto, não aliviou em nada meu passado.

— Não! — o rebati irritada. — Eu ficaria feliz da vida se nunca mais visse aqueles filhos da puta novamente, além disso, que porra que eu iria querer roubar? Só quero ver se meu irmãozinho está bem. Isso é tudo. Desculpa se tenho alguém que não posso simplesmente abandonar sem nem ao menos me despedir.

Hod piscou levemente aturdido.

— Seu irmãozinho — repetiu ele.

— Isso — minha raiva cedeu ao pensar no Petey. — Ele só tem seis anos. E sou praticamente a única pessoa com quem ele pode contar. Ele *precisa* de mim. Se ele souber que morri... — Um bolo se formou na minha garganta. Engoli com dificuldade e consegui terminar, um pouco vacilante. — Só preciso de alguns minutos com ele. Com tudo que querem que eu faça para vocês, é realmente pedir muito?

O deus ficou em silêncio por um momento. Era impossível ler a expressão em seu rosto esculpido, mas pelo menos ele não parecia mais emputecido. Seu olhar recaiu um pouco para o lado.

— Não, não é — disse por fim. — Se isso realmente for tudo, você pode ir. Mas eu vou junto.

Ele fez um gesto e a sombra que estava presa ao meu corpo me libertou, desprendendo-se da minha pele. Esfreguei os braços como se pudesse me livrar daquela sensação pegajosa e gelada. Meu corpo se enrijeceu com a ideia dele me acompanhando na minha visita. Mas, claramente, eu não tinha escolha.

— Você ao menos consegue voar? — perguntei. — Como vai me acompanhar?

— Eu me viro — respondeu, abrindo um leve sorriso em sua boca. — Agora, pode indicar o caminho.

Pulei e deixei o chão com um leve impulso nas minhas asas, achando que teria que voar baixo e devagar até chegar à cidade. Abaixo de mim, Hod gesticulou ao seu redor. A escuridão da noite se solidificou sob seus pés, formando um pedacinho denso de sombras como a que usou para me capturar. Ele se ajoelhou sobre as sombras e se ergueu aos céus como se estivesse num tapete mágico bizarro.

— Está bem — consegui dizer. — Meus parabéns por isso. Até que é um poder bem legal. É isso que vai me ensinar em nossas aulas de como ser uma valquíria?

— Não — ele fez uma careta. — Nós vamos ou já mudou de ideia?

— Só tentei puxar assunto. Tá, vamos nessa.

Se ia agir assim, então eu nem ia tentar falar mais nada com ele. Elevei-me mais alto no ar com algumas batidas das asas e voei em direção à Filadélfia, sem me preocupar em ver se o Hod estava conseguindo acompanhar. Ele era um deus. Eu não tinha que ficar me segurando por causa dele.

Acelerei pelas paisagens o mais rápido que minhas asas permitiam, mergulhando vez ou outra para conferir as placas de trânsito e ver se estava no caminho certo. Na minha velocidade máxima, eu poderia voar mais rápido que qualquer carro ou caminhão rugindo pelas estradas lá embaixo. Quando resolvi olhar para trás, Hod mantinha o ritmo e me acompanhava bem seguro empoleirado em seu pedacinho de sombras, o vento só bagunçando levemente seu cabelo preto curto. Ele não olhava para mim, mas para algum lugar mais distante.

Definitivamente, ele não era amigável. Acho que os outros três

ficaram com todo o carisma disponível.

Um horizonte familiar surgiu à frente e senti o alívio preencher meu coração. Parte de mim ainda não estava convencida de que eu conseguiria chegar aqui. Bati minhas asas com mais empenho, deixando a última arrancada me levar o resto do caminho até em casa.

A rua maltratada e suja da casa caindo aos pedaços e desleixada da minha mãe estava silenciosa quando pousei no telhado vizinho. Um ferro-velho ambulante passou estalando pela rua e logo o único ruído era o leve farfalhar das roupas da senhora Jackman no varal dos fundos. Agora, já deveria passar da meia-noite.

Hod parou ao meu lado. Deslizando conforme me aproximei da beirada do telhado de onde conseguia ver a janela do Petey. O quarto estava escuro, mas ele tinha deixado as cortinas abertas e a janela entreaberta uns poucos centímetros. Como de costume.

Nas últimas noites, quando vim visitá-lo às escondidas, tive que pular a cerca da casa vizinha e então escalar toda a lateral usando as saliências do revestimento da casa. Hoje, poderia ser um pouco mais graciosa. Pulei abrindo as asas e planei até o cume, me segurando no parapeito da janela com as mãos.

Petey estava dormindo. Eu sabia que estaria, mas ainda assim senti uma certa decepção. Seu pequeno rostinho pálido estava relaxado apoiado contra o travesseiro, seus cachinhos dourados espalhados para todos os lados. Sua mãozinha fechada agarrando a beirada do lençol.

Seria um dó acordá-lo. Pelo menos ele não parecia triste. Nenhum sinal de que esteve chorando. Quando fui entregar aquele pacote, eu só tinha comigo uma identidade falsa, então o legista, ou

quem estiver por trás da investigação, ainda não tinha descoberto meu nome verdadeiro.

Só esperava que o Petey nunca precisasse realmente saber o que aconteceu comigo. Enquanto eu fosse capaz de aparecer por aqui como antes, não haveria motivos para ele descobrir.

Eu não ia acordá-lo, mas podia deixar um indício de que estive por aqui. De que estaria pensando nele, sempre.

Hod tinha se aproximado de mim com sua sombra voadora.

— Aonde você está indo agora? — questionou ríspidamente, quando me afastei da janela.

Lancei um olhar furioso para ele.

— Vou até a loja da esquina comprar um chocolate para ele saber que estive aqui. — Pausei por um segundo. — Bem, vou roubar um chocolate, a menos que tenha algum trocado. Quando vocês me invocaram, se esqueceram de invocar o dinheiro que eu tinha comigo quando morri.

Hod fez uma careta, mas pescou uma carteira do bolso e me ofereceu uma nota de cinco dólares.

— Obrigada — agradei animada. — Vai ser minha babá até a loja também?

— Você ainda não me convenceu de que não precisa de uma babá — resmungou. — Só pela manhã tentou fugir umas *duas* vezes. Acha que somos tão esquecidos assim?

Mantive minha voz o mais doce possível ao lhe responder:

— Oras, vocês meio que me materializaram do grande vazio da morte sem nenhum aviso ou explicação. Da próxima vez, prometo que ficarei mais tranquila em relação a isso.

Loki tinha dito que eu era invisível aos demais humanos, mas não

tinha acreditado até entrar na lojinha 24 horas a alguns quarteirões, e a senhorinha do turno noturno não tirar os olhos da revista que lia detrás do balcão. Balancei as asas no ar. Nenhuma reação. Ahá! Se ao menos os deuses também não pudessem me ver se eu não quisesse, então muita coisa poderia se resolver.

Peguei uma barrinha de 3 *Musketeers* de uma caixinha do display na parte de baixo do balcão e coloquei o dinheiro no lugar. Pagamento e gorjeta.

Hod se esgueirou atrás de mim todo o caminho até a casa da minha mãe. Voei de volta até a janela do Petey e a empurrei para abri-la mais, com um leve ranger de sua moldura. A tela da janela tinha se desgastado com os anos e minha mãe nunca se preocupou em trocá-la, o que, de certa forma, vinha a calhar. Se ela soubesse a frequência com a qual usei essa janela nos últimos anos, sem dúvidas teria enfiado um cadeado aqui.

Petey estava tão apagado que nem se movia. Nas pontas dos pés, me aproximei e coloquei o chocolate embaixo de seu travesseiro. Era o sabor preferido dele nos últimos dois anos, e eu sempre brincava que eu e ele éramos os dois mosqueteiros. Pois, “*Dois já bastavam!*” Ele saberia que estive aqui.

De volta para a janela, me sentei no parapeito. Eu não queria ir embora. Não agora. O corpo encolhido do meu irmãozinho, pequeno e frágil, sob o cobertor. Ouvi os ruídos de sua respiração sonolenta.

— Já acabamos por aqui? — falou Hod de onde flutuava.

— Só mais um segundinho — pedi. — Você tem sorte de não pedir para ficarmos a noite toda. Olha só para ele.

— Não *consigo*, mesmo se eu quisesse.

Levei um momento para conseguir processar o que me dissera.

Minha cabeça girou em sua direção. Hod me olhava atentamente, só que não em meus olhos. Seu olhar mirava a direção perto do meu nariz. Quase, mas nem tanto.

Como se ele não conseguisse determinar onde meus olhos estavam.

— Você é cego! — Eu podia me bater depois dessa.

— E você não é tão perspicaz quanto acha — retorquiu ele, mas sem irritação em suas palavras. Além de ter sido justa sua observação.

— Em minha defesa, andei um pouco distraída nas últimas vinte e quatro horas — comentei, então fiz uma pausa. — Como você me seguiu até aqui? Como percebeu que eu estava deixando a casa?

Ele pode ter ouvido a janela ou então a movimentação no telhado, caso a audição dele fosse aguçada, mas ele disse que tinha aguardado até eu deixar a propriedade. Nessa hora, eu já estava voando.

Os lábios de Hod se curvaram em algo que não era bem um sorriso.

— Nós trouxemos você de volta à “vida” — declarou ele. — Nós te transformamos em uma valquíria. Isso deixou uma conexão. Se me concentrar, posso dizer onde você está. Qualquer um de nós quatro pode.

Ah. Isso complicaria ainda mais meu plano de fuga. Eu queria perguntar qual seria a distância dessa tal conexão, mas isso só aumentaria suas suspeitas sobre mim. Mais tarde, poderia achar um jeito mais sutil de descobrir isso.

O deus da escuridão, sempre no escuro. Ou só pareceria escuro, caso simplesmente não pudesse enxergar? De alguma forma, senti

que, tampouco, ele me queria entrando nos pormenores de sua cegueira.

Virei-me novamente para o quarto. Um suspiro deixou os lábios de Petey. Ele colocou o braço ainda mais perto do rostinho. Uma dor se espalhou do meu peito e apertou minha garganta.

Eu tinha que ir embora. Mas eu ia voltar. Jurei aos deuses que realmente existiam, se é que havia mais além dos cinco que conhecera.

Minhas asas esvoaçavam levemente me mantendo no lugar, enquanto fechava a janela da maneira que estava antes. Só para o caso de minha mãe estiver prestando mais atenção pela manhã. Pressionei os dedos contra meus lábios e depois contra o vidro da janela, como se Petey pudesse sentir o beijo que quis deixar em sua testa.

Um motor de carro roncou pela rua. Um chevette vermelho todo esculhambado estacionou na frente da casa, e uma figura atarracada deixou o lado do passageiro com um aceno para quem estava ao volante. Meus ombros se retesaram.

Hod se virou em direção ao barulho.

— Quem é?

— O atual namorado da minha mãe — respondi. — E, pelo que parece, drogado até o último fio de cabelo.

Enquanto dizia isso, pude ver que estava equivocada. Ele se movia de forma desajeitada, mas de um jeito ríspido. Paranoico. Ele parecia *chapado*, não completamente drogado. E chapado em algo que não estava lhe fazendo bem.

Fazia uns dois meses desde a última vez que vira Ivan pessoalmente. O quanto seus hábitos tinham mudado desde então?

Ele sacudiu a maçaneta por uns instantes antes de conseguir girar a chave. Então, adentrou a casa. Fiquei por mais um minuto ali aguardando, minhas asas batendo ritmicamente em compasso com as batidas sonoras de meu coração. Não tinha nada que pudesse fazer sobre esse filho da puta.

Impulsionei minhas asas para cima, mas o berro estrondoso de Ivan ecoou pela casa de forma furiosa e grosseira.

— Pete!

Eu retornei. A porta do quarto do Petey se escancarou violentamente. Meu irmãozinho acordou assustado se encostando na cabeceira da cama, a cabecinha pendendo um pouco para o lado conforme tentava se manter acordado.

— O que caralhos você fez com a porra do meu controle, seu merdinha — rosnou Ivan, invadindo o quarto, revirando o cobertor sobre a cama do Petey, tirando os brinquedos da bancada no canto. Uma estrutura de lego espatifou no chão.

— O quê? — disse Petey com a voz entrecortada. — Não peguei nada.

— Você está sempre zanzando com ele por aí — insistiu Ivan. — Só pode ter sido você. Anda, confessa.

Petey se encolheu ainda mais na cama e abraçou as pernas.

— Eu realmente não sei. Não mexi nele hoje. Juro.

— Não vem de mentira para cima de mim, seu lixinho inútil.

Ivan se aproximou de Petey, um braço musculoso levantado. Um grito ficou preso na minha garganta e me atirei de volta até a janela.

Meus dedos estavam quase roçando na estrutura para abri-la, quando Ivan recuou. A mão caída ao seu lado, o peito arfando com a respiração ofegante.

— Não se atreva a mexer nas minhas coisas de novo — ameaçou ele, antes de irromper porta afora.

Uma lágrima começou a escorrer pelas bochechas do Petey. Ele abafou um soluço e se enrolou com o cobertor.

— Petey — murmurei, apesar de ele não conseguir me escutar. Caralho, como essa coisa de visibilidade funcionava? Eu deveria ser capaz de deixá-lo me ver...

Estiquei o braço para empurrar a janela e um aperto firme se fechou ao redor do meu antebraço.

— Não — interveio Hod.

Encarei ele novamente, embora soubesse que aqueles infindáveis olhos verdes-escuros não pudessem me ver.

— Mesmo sem poder enxergar, você ouviu o que aconteceu. Ele está aterrorizado.

— Posso ouvir que já acabou — declarou. — E, também, não acho que aparecer na frente do seu irmão como um ser mágico alado vai ajudá-lo a se acalmar.

— E você me deixaria aparecer para ele, caso isso o ajudasse?

Ele evitou responder.

— Você tem que deixá-lo ir. Você não é mais parte do mundo dele. Não há mais nada que possa fazer. — Ele hesitou por um instante. A voz soando um pouco fraca. — Já mostrou a ele que se importa. Isso deve bastar.

Como se aproveitando a deixa, Petey mexeu no travesseiro e encontrou a barra de chocolate. Ele a pegou e um sorriso enorme iluminou seu rostinho. Seu olhar disparou em direção à janela, como se estivesse olhando diretamente para mim. Mas sem conseguir *me* ver.

E, ainda assim, ele sorria para mim.

Meu peito se apertou e o toque de Hod ficou mais firme. Eu não conseguiria lutar contra ele. Sabia muito bem disso.

Ainda mais desse jeito.

Deixei-o me afastar da janela. Com uma inquietação em meu coração, eu me atirei aos céus.

Os deuses precisavam de mim, por ora. Eles queriam que eu cumprisse uma missão para eles. Está bem. Eu iria encontrar Odin e, depois, eles não precisariam mais da valquíria deles. Talvez até se esquecessem e eu conseguisse fugir. Talvez eles nem se importassem mais.

De qualquer jeito, eu voltarei aqui assim que possível. E, da próxima vez, eu farei muito mais do que trazer uma barrinha de chocolate.

11.

Hod

Posso nunca ter visto um amanhecer, mas sabia quando ocorria. Eu podia sentir o momento em que os primeiros raios de sol surgiam além do horizonte com um tênue, mas crescente, formigar de energia percorrendo minha pele, irrompendo contra a quietude que era a noite.

Não importava quantas vezes eu experimentasse essa sensação, sempre ficava com os nervos à flor da pele nos primeiros minutos seguintes. Uma vibração reverberou pelas paredes e pelo teto, uma movimentação no quarto acima do escritório, o quarto do Baldur. Meu irmão gêmeo estava com o sono inquieto novamente, virando-se de um lado para o outro.

Talvez fossem os pesadelos. Eu não gostava de imaginar como seriam tais pesadelos. Se eu estava neles, ou não.

O caos no mundo humano sempre perturbou sua mente, apesar de nunca reclamar. Nós estávamos aqui há tempo demais. Ele precisava da paz de Asgard.

Uma batida ressoou da porta entreaberta do escritório.

— Hod? — chamou a nossa nova valquíria.

Virei na cadeira para encará-la automaticamente, direcionando meu olhar da melhor forma que conseguia. Eu podia sentir onde estava o rosto dela. Não era difícil determinar de acordo com a direção e o seu tom de voz, de acordo com os sons suaves que qualquer corpo produzia ao se mover: o agitar das roupas, a

expansão e contração da respiração. Eu tinha criado uma imagem mental dela de nossas outras interações, uma pessoa baixinha, com um corpo magro e ágil, preparada para qualquer embate.

Ela tinha recolhido as asas. Seria impossível não notar o farfalhar suave daquelas penas.

— Você não deveria estar dormindo? — perguntei. Fazia poucas horas que tínhamos retornado da inconsequente incursão que ela tinha me convencido a participar. Eu poderia me virar com um cochilo ou outro durante o dia, mas os humanos, ou os que costumavam ser humanos, geralmente precisavam de mais do que isso.

Ela deu de ombros e ouvi outro farfalhar. Ela estava com uma blusa diferente da que vestira ontem, não o sibilar prateado da seda, mas algo mais áspero e grosseiro que deduzi ser algodão.

— Eu dormi um pouco. Mas minha cabeça determinou que já era o suficiente. — Ela parou por um momento. — Você ainda precisa me ensinar o que quer que tenha oferecido ao me transformar em valquíria.

— Então veio para sua aula?

— Acho que já está na hora. Todo mundo conseguiu me encaixar ontem mesmo.

Sua voz se alternava entre o tom inseguro e um mais ríspido, os quais já estava igualmente me acostumando. Poderia até acreditar que a nossa valquíria só funcionava nesses dois tons, se não tivesse escutado a voz doce e repleta de afeto na janela de seu irmão mais novo na noite de ontem.

Eu já estava me arrependendo de deixá-la ir vê-lo. Era verdade que ela não estava tramando nada de errado, desta vez. Porém,

seus laços com a vida antiga ainda estavam estreitos, e, depois de nossa aventura de ontem, eles só se fortaleceram. Tampouco, acreditava que esse anseio todo para aprender era para enfim cumprir a nossa missão. Loki a escolheu por ser parecida com ele, uma pessoa trapaceira, manipuladora. Não tenho dúvidas de que assim que retornamos ontem à noite, ela começou a tramar seus novos planos.

Aquele maldito som engasgado, quando ela mencionou o irmão, tinha, por um momento irracional, comprometido meu juízo.

Ela deu um passo à frente e girou em seu entorno para observar o ambiente.

— Aliás, o que está fazendo aqui? Você não consegue ler todos esses livros, né?

Apoiei um cotovelo contra a mesa e o outro no encosto da cadeira.

— De certa forma, consigo. — Com o estímulo sobrenatural certo, eu podia forçar a tinta a murmurar suas palavras para mim. — Nós sempre encontramos um modo de nos adaptar.

— No entanto, suponho que não é bem isso que você vai me ensinar — sussurrou para si mesma.

— Não. — Eu *teria* que ensiná-la, apesar de suas intenções, mas isso não significava que precisava ser agora. — Acho que é melhor você descansar um pouco mais primeiro. O que eu vou lhe mostrar é... um pouco mais perturbador se compararmos com o que aprendeu com os outros.

Justamente por isso, não me apressei a ensiná-la.

— Nossa, agora mesmo que você despertou minha curiosidade. Com toda a certeza não vou conseguir dormir depois dessa. É

melhor acabarmos logo com isso!

Ela não ia desistir. Por que eu estava perdendo meu tempo tentando dissuadi-la? Se ela queria aprender tanto assim, deixa ela descobrir por si só.

— Se insiste — declarei, me pondo de pé.

Um leve mormaço começara a se avizinhar pela janela. Uma fileira de pequenos vasos com samambaias repousava ao longo do peitoril. Deixei meus dedos roçarem brevemente nas folhagens delicadas da planta que estava mais perto e acenei para a valquíria se juntar a mim.

— Você já falou com os outros sobre os deveres de uma valquíria — comecei.

Ela assentiu com um sussurrar de seus cabelos ao se posicionar ao meu lado. Ela estava perto o bastante agora para poder discernir seu cheiro tão distintamente quanto ouvi-la: um cheiro puro, quente e ligeiramente picante, do mesmo modo que era o cheiro do fogo por baixo da fumaça. Será que era devido a sua transformação como valquíria ou seu cheiro sempre fora assim?

— Só o básico — respondeu. — Observar os campos de batalhas, escolher os vencedores, levar os merecedores para o Valhalla. Isso é tudo, não é?

— De certa forma, sim. Mas só superficialmente. Você não tem apenas que escolher os vencedores, também tem que determinar quem perde. E o que acontece com os perdedores em uma guerra? O que acontece com tais merecedores antes deles ascenderem ao Valhalla?

— Eles morrem — finalizou ela. — Isso é óbvio.

— E quando uma valquíria faz essa escolha, às vezes é ela quem

tem que tirar aquela vida. — Eu acariciei a samambaia com a mão, sentindo um comichar nas pontas dos dedos. — Seus sentidos mais apurados lhe permitem sentir a vibração da energia vital dentro de um corpo. Você a reúne em suas mãos e então a dissipa completamente. Há uma escuridão dentro de você que pode tragar toda essa energia.

A energia vital da samambaia estremeceu ao meu toque. Curvei os dedos como se estivesse fisicamente a reunindo na palma da mão. A folhagem se agitou e ressecou com meu contato. O calor daquela energia esfriou e se solidificou. Fechei minha mão em punho, e a dissipei. A samambaia agora era nada mais do que uma casca vazia de outrora. A náusea se formou em meu estômago.

O plano do Loki ainda parecia arriscado, como os outros de seu cérebro de minhoca, além de ser capaz de dar errado antes mesmo de chegarmos aonde precisávamos. Mas, pelo Pai de Todos, onde quer que ele estivesse, eu esperava que essa valquíria fosse a última a quem fôssemos recorrer. Só para nunca mais ter que ensinar esse passo a passo de novo.

— Eu posso fazer isso? — perguntou Ari, soando um pouco hesitante. Bom.

— Você não seria uma valquíria se não pudesse. Essa é a aula. Agora é sua vez.

Ela se moveu e tocou em uma outra samambaia. Depois de um instante em silêncio, ela soltou:

— Eu não acho que estou conseguindo sentir o que me falou.

— Vou te ajudar — respondi prontamente. Era para isso que estava aqui. Só teria que acabar logo com isso.

Pousei minha mão sobre a dela, a pele sedosa de seus dedos

roçando a palma da mão. A escuridão em meu interior se expandiu, até a parte do vazio remanescente que percorria seu ser. Aticei-a e a trouxe à superfície para que ela pudesse notar. Em contraste, lhe mostrei o palpitar vibrante da energia da planta.

— Ah — suspirou Ari, prendendo a respiração.

Recuei e deixei seus instintos lhe guiarem a partir dali. Em algum lugar dentro dela, ela já sabia o que fazer.

Um tremor percorreu seu corpo. A mão se fechando. Deixei minha mão deslizar pela samambaia, que tinha ressecado como a que eu matara.

— E isso funciona em qualquer coisa viva? — questionou ela. — Do mesmo jeito?

— Qualquer vida pode ser dissipada. Ou lançada de seu corpo em direção ao Valhalla, apesar de tais portas não aceitarem mais as almas humanas.

— Entendi — disse, soltando uma risada destoante. — Esse seria um poder que eu teria adorado usar ontem à noite!

Eu me retesei. Meus dedos correram para se fechar em torno de seu pulso, puxando-a para que me encarasse.

— Jamais brinque com o ato de tirar uma vida. Em uma batalha em que alguém precisa morrer, você tomará a decisão. E somente nesse momento. Você não pode sair por aí tirando as vidas levianamente.

— Está bem, está bem — desculpou-se ela. — Foi só uma brincadeira. De muito mau gosto. — Os fios rebeldes de seu cabelo sussurraram quando inclinou a cabeça. — E pelo visto é um assunto delicado para você.

— Não é da sua conta.

— Não quer dizer que não posso ficar curiosa.

— Isso quer dizer que eu não vou falar — repliquei. Meus pulmões começando a se contrair. — Esquece, valquíria. E nunca mais brinque assim.

— Tudo bem. Desculpa.

Ela, então, ficou em silêncio, por um momento que pareceu durar a eternidade. Percebi que ainda segurava seu pulso e o soltei. Ari respirou fundo e pausadamente, mas não falou nada. O silêncio dela estava me incomodando.

— Qual o problema, valquíria? — perguntei, querendo que ela despejasse quaisquer reclamações que pudesse ter. Eu estava sendo muito duro? Ela não gostava de ser cortada assim? Que ela me testasse para que a colocasse em seu devido lugar. Ela ainda não demonstrou que merecia estar aqui.

— O que te faz achar que tem algo errado? — A voz indicava uma careta.

— Você ficou calada — retorqui. — Geralmente fica insistindo, assim como o Loki.

Ela suspirou.

— Eu só estava me perguntando por que você não olha para mim. Não *olhar para mim* olhando para mim, pois sei que não consegue ver. Mas te vi com os demais. Você ao menos faz parecer que está olhando-os nos olhos. Mas você não faz isso comigo. Como se eu fosse tão insignificante que nem se importa.

A raiva que eu estava nutrindo desapareceu. Eu realmente não esperava isso dela. Ela não tinha dito como isso a afetava, mas o desconforto permeava sua voz.

— A culpa não é sua — informei-lhe. — Bem, é um pouco, mas o

motivo é que eu não estou tão acostumado com você. Eu tive centenas de anos para formar uma imagem de cada um deles na minha cabeça, tantos outros para aperfeiçoá-la. Tive pouco tempo para esboçar alguma imagem em relação a você, então é uma forma mais aproximada.

Sua postura relaxou. Eu não tinha ideia do quanto isso a incomodava.

— Bem — disse ela —, tem um jeito fácil de resolvermos isso.

A mão dela se fechou em torno da minha e a levou até seu rosto. Ela posicionou a palma da minha mão levemente contra a bochecha. As pontas dos meus dedos roçaram as ondas espalhadas de seu cabelo. Seus cílios tocavam a ponta do meu polegar ao piscar. E em um estalar de dedos, a imagem mental que tinha dela se reconfigurou sozinha e infinitamente mais detalhada. Detalhes que agora incluíam a maciez cálida de sua pele na minha. O modo como a sua respiração provocava a parte interna de meu pulso. Toda a energia vital *dela* cantarolando sob aquela superfície.

Em reação, senti uma pontada no peito.

— Ótimo — consegui emitir em um tom que era possível notar a rispidez, direcionando meu olhar vago para onde eu agora sabia que estavam os olhos dela. — Familiaridade aumentada. Aula finalizada. Só espero que nunca precise usá-la.

— Só isso? — questionou intrigada.

— Você já pode ir — acenei para a porta, o movimento tão ríspido quanto meu tom.

Era uma ordem, não um pedido. Ela emitiu um som baixinho de descontentamento, mas ainda assim foi embora. Aguardei até ter certeza de que havia partido e deixado o corredor, e só depois segui

atrás dela. Uma energia inquietante percorria meu corpo e se alimentava na dor lancinante que tal pontada no peito deixara.

Eu conhecia a casa o bastante para depois de tanto tempo conseguir me mover sem hesitação alguma. Meu modelo mental dela era praticamente perfeito. O ranger dos assoalhos e a vibração que reverberava pelas tábuas de madeira me diziam quando um móvel tinha sido trocado de lugar, embora isso raramente ocorresse. Nada atrapalhou meu caminho até o quarto de Loki.

Os sons de uma movimentação do outro lado da porta me indicavam que ele estava acordado. Entrei e fui recebido com seu mau humor.

— Não é porque não pode ver, que pode ir entrando assim. A pessoa não pode ter nem um pouco de privacidade — reclamou ele, com a voz soando um pouco abafada pela camisa que estava vestindo.

Bufei para ele.

— Engraçado que você é que menos pode falar em relação a privacidade de alguém, não é? Enfim, só queria avisar que nossa valquíria já terminou seu treinamento. Então, já podemos seguir com o plano.

— Que pressa é essa, tão repentina? — riu Loki.

— Todos aqui querem voltar para Asgard — comentei. Era a única coisa que eu queria. Baldur se afastava cada vez mais com o passar das semanas preso aqui. De volta àqueles salões aos quais estávamos acostumados, talvez conseguíssemos cessar com essa preocupação constante. E poderíamos enfim nos afastar dos humanos e de toda essa história de valquíria.

E eu poderia me afastar desse estranho desejo que essa

valquíria, em particular, conseguiu de alguma forma incitar.

— Hum — considerou Loki de um jeito, como se soubesse mais do que deixava transparecer. — Apesar de ela estar se saindo bem, acho que ainda é muito cedo para atirá-la aos lobos. No entanto, tenho um teste perfeito para ela.

12.

Aria

Já era finzinho de tarde quando chegamos ao nosso destino: uma cidadezinha industrial minúscula e deteriorada, em algum lugar ao extremo norte de Michigan. Conforme passávamos, as sombras dominavam as fábricas abandonadas com tapumes em suas janelas. Vagamos pelas ruas invisíveis aos olhos humanos, contudo, nesse canto da cidade quase não havia ninguém por perto para *não* nos ver.

Espiei por uma brecha de uma porta dependurada pelas dobradiças enferrujadas de um galpão. A luz poente quase não adentrando seu interior. O cheiro de graxa e giz se misturavam no ar, e a alguns quarteirões motores roncavam enquanto trafegavam pela rodovia. Quando expandi meus sentidos, senti a imensidão de vidas humanas, toda aquela energia vital, que eu poderia tirar com a sombra dentro de mim ao me aproximar, vibrando e zumbindo ao longe.

Um cenário maravilhoso, só que não.

— O que estamos procurando? — perguntei. Tudo que Loki tinha dito sobre essa viagem era que precisávamos aguardar o dia escurecer para agirmos. Descansei o máximo que pude para me preparar para esse teste e ainda treinei um pouco mais: lutei com Thor e forcei os limites de minhas asas por conta própria. Sem saber como seria o teste, era meio difícil saber como me preparar.

— Chegou a meu conhecimento que um *warg* anda

perambulando por esses lados de Midgard — comentou Loki. Com o pé, ele varreu um pedaço de papelão apodrecido para fora do caminho, os lábios curvados em repulsa. — Você vai rastreá-lo, cercá-lo e então subjugá-lo. Se conseguir fazer isso, então estará pronta para o que vier pela frente ao ir atrás de Odin.

— Tranquilo — disse. — Fácil, fácil... mas que caralho é um warg?

— E por que você não comentou com ninguém que tinha um por aqui causando problemas? — Exigiu saber Hod, de onde acompanhava nosso grupo.

— O warg é um monstro que se parece muito com o lobo que vocês têm por aqui — explicou-me Thor. Ele se manteve ao meu lado desde que chegamos à cidade, seu corpo musculoso como um escudo pessoal. — Porém maior, mais rápido, mais feroz e mais esperto.

— Uau. Bem, parece divertido. — Aposto que quando eu fosse atrás desse warg, não poderei levar Thor como meu escudo.

— Não mencionei antes porque só agora ele começou a causar problemas a ponto de precisarmos interferir — informou Loki. — Os olhos humanos só conseguem ver um cão sarnento. Ele invadiu algumas lojas e apartamentos em busca de comida. Nada muito assustador. No entanto, parece que anda desenvolvendo um interesse por carne fresca. Ontem, ele atacou uma menininha. E odiaria pensar o que pode estar acontecendo com os animais domésticos dos arredores.

Minha coluna se empertigou. Uma menininha. Imagino que uma vida não significava muito para os deuses que viam bilhões indo e vindo, mas para mim já bastava para considerar isso mais do que

um mero teste.

— Tudo bem. Pode deixar comigo.

— Calma, fadinha — disse Loki. — Não quero passar a noite toda em uma missão para encontrá-lo. Vou deixá-la perto o bastante para conseguir rapidamente seguir seu rastro.

— Não dá para deixar de se perguntar quando foi que você arrumou tempo para ficar de olho nessa criatura... — disse Freya, de onde caminhava um pouco mais atrás. Embora não estivesse envolvida diretamente com meu treinamento, ela desdenhou da ideia de a deixarmos para trás. *É o meu marido que ela vai sair para procurar. Eu gostaria de ter opinião sobre ela estar preparada ou não.*

— Oras, sou capaz de ficar de olho em várias coisas sem fazer esforço algum — vangloriou-se Loki.

— Afinal, você tem uma afinidade com os lobos — ressaltou Baldur, com seu jeito aéreo.

O deus trapaceiro lançou um olhar cortante para Baldur, seus ombros se retesando, mas o deus da luz mal pareceu notar sua apreensão, então duvidei que tenha provocado de propósito.

— Verdade — disse Loki, por fim. — Tem isso também.

Será que era uma das formas que Loki podia se transformar? Até que combinaria com ele. Eu ia perguntar, mas então ele parou por um beco largo, que se estendia entre dois prédios de alvenaria, e ergueu o queixo para aquela direção.

— Por ali — indicou. — Agora é sua vez de ir na frente. Vamos ver o quanto você aprendeu, fadinha.

Ah, eu ia mostrar a eles. Sinceramente, também queria saber. Essa era a primeira vez que iria usar minhas habilidades para valer.

Queria partir logo atrás do Odin, mas não ia ajudar em nada se eu morresse de novo no processo. Então, não poderia exatamente contestar a preocupação dos deuses em me mandar direto para o que quer que tenha acontecido com as demais valquírias.

Eu me aproximei cautelosamente do beco, enfiando minha mão no bolso e tirando meu canivete. Não tinha ideia do que uma lâmina de dez centímetros faria contra um warg, mas causaria mais danos do que usar apenas as mãos. Sem contar que o cabo plástico em minha mão me acalmava.

Posso não tê-la usado para me proteger tanto quanto gostaria, principalmente quando realmente importou, mas poderia usá-la agora.

Enquanto analisei o beco, meus sentidos aguçados guiaram minhas ações. Meu olhar recaiu sobre um chumaço de pelos grossos agarrado no canto de um tijolo. Quase na altura dos meus ombros, por onde um corpo enorme e peludo deve ter esbarrado por essas paredes. Um cheiro almiscarado e lúgubre assaltou meu nariz.

Engoli em seco e continuei andando. Meus cinco espectadores seguiam atrás de mim a uma certa distância e em completo silêncio.

O beco se bifurcou como um T, para a direita e para a esquerda. Olhei para cada lado, observando, ouvindo e provando o ar. Somente uma leve brisa agitou o ambiente sufocante, mas logo captei traços daquele odor lúgubre vindo da direita, de onde minha audição sensível também havia detectado uma respiração ofegante, vinda de algum lugar adiante naquele caminho cimentado que cruzava o labirinto industrial.

Contornei uma lata de lixo que parecia não ser usada há anos,

apesar de ainda exalar um fedor rançoso, e segui meu caminho por entre os edifícios. Pedacos de madeira apodrecida e sobras empenadas de algum material metálico estavam espalhados por todos os lados no cimento craquelado. As fábricas e galpões se agigantavam por ambos os lados, cortando completamente a luz do sol. Olhando para cima, era possível vislumbrar apenas uma estreita linha do céu azul acinzentado.

Outra inspiração entrecortada me guiou por uma segunda entrada. O cheiro se intensificando para meu olfato extremamente sensível.

Mais à frente, algumas poucas e grandiosas máquinas de metal foram deixadas para se deteriorarem no pátio cimentado protegido por uma cerca de arame telado. Alguma coisa tinha cortado um buraco na cerca próxima ao beco, um buraco tão alto quanto eu e duas vezes mais largo.

A sombra por baixo de uma das máquinas se moveu. Aquilo não era uma sombra. Uma forma enorme e escura estava deitada ali. Tirando um cochilo antes de sua ronda noturna?

Minha boca secou. Meus dedos se firmaram ao redor do cabo de meu canivete. Passei pelo buraco na cerca, sem me atrever a olhar para trás e checar se os deuses continuavam me seguindo. Meu olhar fixo na fera camuflada nas sombras.

Eu não conseguia dizer para que servia a máquina que projetava tamanha sombra. Era uma estrutura confusa com seus painéis metálicos enferrujados, canos espiralados e cilindros que um dia giraram, mas que agora estavam presos no lugar, enferrujados e corroídos. A gerigonça mais distante parecia uma máquina de costura gigantesca, muito maior do que eu, com uma “agulha” de

aço mais grossa do que meu punho.

A forma que repousava nas sombras devia ter ao menos o dobro do meu tamanho. Meus olhos aguçados só conseguiam distinguir as pontas de sua pelagem curta e grossa ao redor do corpo. Como eu deveria “subjugar” esse cacete?

O que é que eu tinha e ele não? Minhas asas. Estendi minhas asas com um leve estímulo, ignorando a queimação lancinante que as acompanhava, quando as desenrolava rápido demais. Eu sempre poderia voar para fora do caminho, se necessário. Rodeá-lo por cima. *Cercá-lo*, como Loki mesmo sugeriu. E então... prendê-lo de alguma forma?

Ou matá-lo com o poder que Hod demonstrara pela manhã?

Esse negócio estava atacando crianças. Um monstro desses precisava ser destruído, isso se eu fosse capaz de usar o poder em uma criatura veloz e enorme, diferente de uma plantinha repousando em seu vaso.

Eu estava a meio caminho até a sombra, quando o monstro levantou a cabeça: uma imensa cabeça de lobo com orelhas pontudas e um cintilar de dentes afiados em seu focinho. Um rosnado baixou reverberou por sua garganta.

Então, ele me atacou.

Eu pulei para fora do caminho, com um impulso de minhas pernas e um bater das asas. Graças a minha força aumentada de valquíria, consegui evitar o golpe das garras do warg. Ele se virou e pulou novamente. Voei mais alto, com o coração cada vez mais acelerado. Sua mandíbula se fechou, quase alcançando meu calcanhar.

Caralho. Se ainda tinha dúvidas se essa coisa precisava ou não ser destruída, garanto que não tinha mais. A questão agora não é se

eu iria matá-la, mas sim como ia fazer isso sem que ela me devorasse.

A fera circulou ao redor do pátio abaixo de mim, conforme eu me elevava ainda mais, me afastando de seu alcance para poder analisar melhor a situação. Eu era forte, rápida, além de poder voar e ter os sentidos mais aguçados. Também tinha a habilidade de sentir as emoções e intenções, graças ao Baldur.

Inspirando fundo, foquei minha concentração no monstro. No pulsar da energia atroz dentro de sua cabeça.

Ele tinha sentido o motivo pelo qual eu estava aqui. Ele planejava acabar comigo antes que eu acabasse com ele. Até mesmo agora, ele estava se preparando para pular em mim.

Eu podia ler qual movimento ele faria a seguir. Se eu conseguia discernir, poderia me manter um passo à frente dele e, na primeira oportunidade, atacaria seus pontos fracos.

O que significava que eu precisava me aproximar dele novamente.

Sobrevoei mais uma vez para longe de seu salto e então voltei ao chão. O warg girou em seu eixo, pulou para esquerda e depois para a direita, simulando um ataque e então vindo me golpear. Mas eu já esperava por isso. Desviei de seu golpe e o ataquei com meu canivete. A lâmina se afundando na carne logo atrás da pata dianteira da criatura, antes de puxar minha arma de volta.

O warg grunhiu e arrancou em minha direção. Sangue salpicando o chão. As batidas do meu coração cada vez mais rápidas e ensurdecedoras. Eu tinha que manter o ritmo, seguir enfraquecendo-o até ter uma abertura melhor. Eu ia conseguir. Por mim mesma. Pelo Petey. Pela garotinha que esse monstro feriu.

Ele correu de encontro a mim com um rangido em seus dentes, no instante em que esperava por isso. Desviei novamente e o cortei no outro lado. A fera se virou tão rápido que meus dedos roçaram sua lateral, antes de conseguir me afastar completamente. Meus olhos se encontraram com os do warg por um breve momento. Um momento longo o bastante para me perder naquele reflexo amarelo e no cintilar gélido de sua inteligência por detrás.

Como se houvesse um ser humano por trás daquelas feições monstruosas me encarando.

Meu estômago embrulhou. Minhas asas bateram instintivamente me levando para cima e para longe. Na mesma hora, outro corpo sombrio e peludo se arremessou contra mim do alto de uma das máquinas abandonadas.

Um grito irrompeu de minha garganta e, então, garras me atiraram ao chão de concreto. Eu me debati e rolei, me esquivando por pouco dos dentes arranhando minha bochecha, cravando meus calcanhares em uma barriga peluda e empurrando com toda a força que Thor tinha me dado. Dor percorreu meu rosto assim como os calafrios percorrendo meu corpo, mas o warg sobre mim se afastou o suficiente para que eu pudesse sair de seu alcance. E direto para a investida de um terceiro.

Três. Havia três deles.

Girei e rodopiei, enquanto tentava me reequilibrar, minha palma pegajosa contra o cabo do canivete. Soquei a lateral do focinho do último atacante, mas sem muito efeito. E os outros dois começaram a me cercar novamente.

Eu não ia conseguir. Não ia conseguir derrotar todos eles. Só para lutar com o primeiro precisei de toda a força e concentração que

tinha. Eu me lancei aos céus abrindo as asas, e uma mandíbula monstruosa se fechou com força ao redor da ponta de uma.

Os dentes rasgaram as penas e a carne, me arrastando de volta ao chão. A dor explodiu por aqueles nervos recém-adquiridos até a minha espinha dorsal. Gritei, e com a adrenalina oriunda do pânico percorrendo meu corpo, estendi a mão tentando socar o que tivesse à minha frente, com toda a força que consegui reunir.

O estalo de um trovão ribombou pela extensão do meu braço e pela minha lâmina, até explodir na lateral do monstro o enviando para o outro lado do pátio. Seu corpo se estatelando contra uma das máquinas e caindo ao chão, sem vida.

Que *porra* foi essa? Eu não tinha tempo para deliberar ou fazer outro experimento. Um outro warg me flanqueou. Eu caí para o lado e chiei, quando suas garras cortaram minha panturrilha. Movi a mão com o canivete freneticamente, mas por mais que tentasse, não consegui invocar o trovão que sabe-se lá de onde surgiu.

Eu não ia morrer aqui. Não de novo. Não ia morrer. Isso não era uma opção.

Girei a perna ao meu redor, acertando meu calcanhar no focinho do warg, que estava se aproximando. Minha força *valquírica* se agitava em meus músculos, queimando cada vez mais quente com o sangue que escorria de meus ferimentos e o de meus inimigos.

O warg me atacou novamente, e eu mergulhei sob sua mordida com uma velocidade que até uns dias atrás achava ser impossível. Minha lâmina dilacerando a garganta da fera.

Contudo, não fora fundo o bastante. Mais sangue jorrou sobre mim, mas a criatura cambaleou um pouco para o lado ainda rosnando. Onde estava o outro?

Antes que pudesse me virar para procurar, o que eu tinha ferido me atacou novamente. Uma dor inebriante emanava de sua cabeça. Eu tinha enfraquecido ele. Precisava aproveitar essa vantagem, enquanto ainda podia.

Esquivei e empurrei a fera pelo ombro com todas as minhas forças. Ele capengou e caiu para o lado. Eu me atirei em cima dele, desejando que toda a força de meu corpo o segurasse ali, enquanto enfiava a ponta do meu canivete na parte mais delicada de sua garganta.

A energia vital do monstro me invadiu, mais densa e vibrante do que as samambaias do Hod, ou as pessoas na cidade a nossa volta, embora a sensação fosse similar. Ele balançou os membros, então forcei meu cotovelo nos ligamentos de sua pata dianteira a ponto de o osso quebrar. Depois, com uma respiração resfolegante, finquei meus dedos em sua pelagem áspera e fui atrás daquela energia com a escuridão que se desembrulhava em meu peito.

Os olhos do warg se reviraram, mas a luz neles ainda se mantinha parcamente presente. Nossos olhos se encontraram e, de súbito, percebi que era a mesma criatura que encarara antes. A primeira com quem tinha lutado. Aquela sensação gélida e pura de sua inteligência me invadiu novamente, pensamentos tão claros quanto os que eu tinha em minha própria cabeça. Uma consciência que se equiparava à minha, e que eu estava prestes a extinguir.

Um arrepiou varreu meu corpo. Meu aperto sobre a pelagem da criatura e sua vida vacilaram, apenas por um instante.

O monstro reconheceu aquela breve hesitação e reagiu, tentando me abocanhar.

Meu corpo sobressaltou. Escorreguei e quase perdi controle.

Minha mão recuando imediatamente antes de, por pouco, desaparecer por aquela bocarra. A outra mão firmando ainda mais seu aperto ao redor do pelo. Com um último e frenético puxão, tirei a vida do corpo daquele warg.

A escuridão em meu interior tragou completamente aquela energia. A criatura embaixo de mim desabou. Meu corpo desabou também, um soluço preso em minha garganta.

O terceiro warg tinha virado e fugido. Tive um vislumbre de seu rabo ao vê-lo correr para longe no beco do lado contrário ao pátio e, assim estava lá sozinha, com os corpos dos dois que eu matei.

Dois monstros. Contudo, o sabor da vitória era mais do que amargo.

13.

Aria

Desde quando retornamos à casa no meio da noite, os deuses não pararam de discutir à minha volta.

— A questão é que você falou para ela que só tinha um — vociferou Thor, gesticulando com os braços. — Você a deixou em desvantagem de propósito. Nós deveríamos testá-la e não a atirar, literalmente, aos lobos.

— Mas nós a testamos — disse Loki inabalável. — E ela mostrou que consegue se virar, até mesmo quando o jogo não está a seu favor. Até mesmo quando seus inimigos se multiplicaram ou a atacaram inesperadamente. Pelo que vi, foram os lobos que se deram mal.

— Como sempre — murmurou Hod. — Você arma uma situação precária e depois age como se tudo não fosse apenas um golpe de sorte.

Loki balançou a cabeça em negativa.

— Oras, desse jeito você ofende a nossa valquíria por sua aparente falta de confiança nela.

— O que está feito está feito — interrompeu Baldur. Ele me lançou um sorriso distante, embora acalentador. Percebi que seu sorriso ficara mais tênue, conforme a discussão prosseguia. — Vamos deixar isso para lá. Por que não nos focamos nas coisas boas? Aria teve sucesso e saiu vitoriosa. Nós deveríamos celebrar.

Eu não estava a fim de celebrações. Todos os machucados, com

exceção dos piores que foram provocados pelos wargs, tinham se curado completamente graças a meu outro poder de valquíria, os demais foram sanados pelo toque gentil de Baldur junto com qualquer dor remanescente. No entanto, eu estava esgotada. Meu corpo estava preparado para o sono dos deuses..., mas minha cabeça seguia bombardeada por tantos pensamentos perturbadores, que provavelmente não me deixariam dormir.

Freya deslizou ao meu lado e enganchou o braço ao redor do meu cotovelo.

— Acho que nossa valquíria precisa de um tempinho longe de todos vocês — comentou ela em um tom doce, mas firme. — Foi uma noite longa e agitada, Ari. Uma voltinha vai lhe ajudar a relaxar.

Eu estava muito distraída pela confusão em minha cabeça para sequer recusar o convite quando, por fim, ela me afastou dos outros deuses e me guiou pelo mesmo caminho que percorremos da outra vez. Quando enfim percebi o que estava acontecendo, fiquei apreensiva. Será que iria me bombardear novamente de perguntas? Será que queria se assegurar de que minha motivação era pura, ou sei lá mais o quê?

Eu tentava achar o melhor jeito de me desculpar e ir embora, quando ela parou logo após o primeiro amontoado de árvores e se virou para me olhar. Seus olhos azuis estudaram profundamente os meus, mas seu olhar era mais doce do que penetrante.

— Isso foi difícil para você — apontou ela. — E não apenas fisicamente.

A emoção em meu âmago se agitou: havia alívio, porque alguém ao menos compreendia um pouco o que eu sentia, misturado com pânico, por achar que ela poderia me considerar, de alguma forma,

inadequada. O que eles fariam comigo se achassem que eu não seria capaz de concluir essa missão?

— Eu nunca matei algo assim antes — respondi, procurando as palavras certas. — Algo como eles... Os wargs não são apenas animais, não é? Não como os que temos aqui. Eu senti como se estivesse matando uma pessoa.

A boca de Freya se contorceu. Minha percepção sobre seu estado mental era fraca e vaga, mas a preocupação que senti dela era verdadeira. Ela realmente estava *preocupada* comigo? E se estava, era por mim ou por como isso afetaria seus planos?

— Eles são feras — declarou. — São feras selvagens guiadas pelo instinto animalesco de dominar e devorar. Mas sim, eles podem pensar mais do que os animais aos quais está acostumada. Isso não quer dizer que eles possam seguir fazendo o que querem.

— Não. — Mas isso também não queria dizer que ia pular de alegria por ser a pessoa que tirou a vida deles.

— Você precisa estar preparada — recomendou ela. — Se os inimigos de Asgard aprisionaram Odin, então você se deparará com monstros semelhantes. Alguns de aparência ainda mais humana. Não se esqueça também que eles já mataram outras três antes de você. Eles não lhe mostrarão misericórdia.

— Ah, eu não serei piedosa se alguém estiver tentando me matar. Pode acreditar, não vou sentir culpa por isso. — Só um sentimento vagamente desconfortável que ainda não tinha conseguido me livrar.

Um sentimento que tinha despertado uma caralhada de pensamentos igualmente desconfortáveis. Freya retomou a caminhada, agora em um ritmo mais lento, e uma pergunta que estava me incomodando saiu.

— Você... bem, os deuses podem morrer? Vocês chamam os humanos de mortais, mas... eu não lembro muita coisa que aprendi sobre a mitologia, mas sei que havia umas profecias sobre mortes e tal.

— Nós podemos. Inclusive muitos de nós morremos durante o Ragnarök, embora não possa dizer se foi mais agradável do que para os que apenas testemunharam tudo acontecer. Mas aqueles que morreram, retornaram à vida assim que a destruição se findou.

— Então, mesmo se morrer, você volta à vida.

— Bem, não temos tanta certeza sobre o que poderia acontecer se qualquer um de nós tentar isso novamente. Nós sabíamos que o Ragnarök era iminente. E estava destinado a ocorrer. O que se segue é algo que nunca ficou claro. — Ela esfregou os lábios. — Alguns de nós já podem até ter desaparecido. Há outros deuses de Asgard que não vemos há séculos.

A outra pergunta eu tinha até receio de lhe fazer, mas era preciso.

— Você tem certeza de que o Odin não foi morto como as demais valquírias? Você tem certeza de que, onde quer que ele esteja, o que quer que tenha acontecido com ele, ele ainda está vivo?

Você tem certeza de que não está procurando por alguém que não pode mais ser encontrado?

O maxilar de Freya se retesou um pouco, a voz, no entanto, doce como antes.

— Eu saberia se isso tivesse ocorrido. Se a essência dele tivesse deixado os mundos... Eu saberia. Assim como os outros. Acho que saberiam com mais precisão do que eu.

Tudo bem. Essa desculpa soava uma baboseira de jovem místico, mas não era como se eu soubesse tudo o que os deuses sentiam,

então acreditei nela.

— E agora vocês estão aqui presos, esperando por ele.

Tentei imaginar a existência de um deus. Como seria, de forma teórica, a minha existência se, por acaso, eu não morresse nessa missão deles.

— Fica... *chato*, viver por tanto tempo assim? O que vocês fazem? Quero dizer, quando não têm uma valquíria por perto para ficar cuidando?

— Oras, estou certa de que todos temos nossos momentos de monotonia — riu Freya, com um divertimento genuíno. — Mas os humanos nos oferecem inúmeros entretenimentos e dramas para nos ocupar, além deste ser apenas um dos nove mundos. Todos aqui têm suas próprias preferências também. Baldur gosta de acompanhar a música, já Thor gosta de esportes. Só as Nornas sabem que tipo de traquinagem Loki está envolvido na maior parte do tempo. Hod coleciona todo conhecimento de filosofia e ciências exatas e biológicas que conseguir encontrar, uma combinação excêntrica a meu ver, mas ele não quer saber minha opinião.

Eu meio que desejei reclamar da ideia das pessoas como eu existirem para proporcionar entretenimento para um bando de deuses, mas talvez não fosse tão diferente do que acompanhar um monte de reality shows, não é? Se nós mesmos fazíamos isso, seria hipocrisia reclamar.

— E você? — indaguei.

— Ah... — O olhar dela ficou distante. — É sempre interessante os caminhos que a moda percorre, sempre indo e voltando. Mas devo dizer que sou perita no amor. O romântico e o maternal. Às vezes costumo intervir, quando um mal-entendido é trágico demais

ou quando posso ajudar uma criança a nascer. — O sorriso agora retornando ao seu rosto, porém um pouco triste. — Eu só tenho que ter muito cuidado para não me envolver demais. Além disso, não sou intrometida como o Loki.

Não parecia certo a deusa do amor ser casada com um marido que gostava de perambular por aí fazendo sabe-se lá o quê por séculos. Será que se sentia solitária? Eu tinha o mínimo de noção para não perguntar isso em voz alta, mas não resisti sondar um pouco.

— Deve ser difícil sem o Odin por perto.

— Bem, não é como se eu não conhecesse esse lado dele antes de forjarmos nossa conexão. — Ela olhou para mim. — Antes de achar que sou uma manteiga derretida, preciso dizer que também sou a deusa da guerra. Foi no meio dos conflitos e batalhas em que eu e Odin nos apaixonamos pela primeira vez. Acredite, se eu pudesse assumir os riscos que estamos pedindo para você tomar, se jogar cegamente para ir atrás dele, iria sem hesitar um segundo sequer. Eu só queria poder fazer isso.

Ao dizer isso, notei que, por debaixo de sua superfície embonecada, ela era uma mulher de fibra. Ela, sem dúvidas, quis dizer *aquilo*. Ela não gostava de me pedir para ir em seu lugar.

Eu já tinha toda a intenção de sobreviver para meu próprio benefício, mas me senti obrigada a lhe dizer e lhe mostrar que eu também era uma mulher de fibra.

— Eu não vou ser derrotada como as outras valquírias. Vou descobrir o que aconteceu com ele e vou retornar. Pode contar com isso.

— Sabe, depois do seu desempenho hoje, acho que posso

mesmo. — Ela parou novamente e tocou a lateral do meu braço. — Muito obrigada por fazer o que eu não consigo. Também sinto muito por você não ter tido muita escolha nessa questão. Você parece um pouco mais tranquila agora. Quer voltar para a casa? Se estiver com fome, talvez seja possível encontrarmos um pouco de comida que tenha escapado do apetite voraz de Thor.

— Eu acho que preciso mais de sono do que de comida — disse, tentando abafar um bocejo.

Nós nos dirigimos à casa em um estranho tipo de silêncio entre nós. Estranho porque eu não me lembrava a última vez em que andei em silêncio com alguém e não senti a necessidade de ficar constantemente em guarda.

Realmente, Freya não era de todo ruim. De qualquer forma, eu tinha certeza de que nunca seria preciso apunhalá-la.

Uma breve movimentação além do telhado da casa chamou minha atenção. Uma agitação sombria contra os cumes igualmente sombrios das árvores. Estreitei os olhos, expandindo meus sentidos aguçados de valquíria. Os detalhes dos galhos e folhas se distinguiram, revelando uma forma pulando de um ramo para o outro. Um gavião.

Um outro despencou do céu noturno para se juntar a ele. Franzi o cenho intrigada. Gaviões eram pássaros diurnos, não eram? O que dois deles estariam fazendo sobrevoando ao redor da casa dos deuses no meio da noite? Sem contar que a energia que sentira deles estava permeada de um propósito que deixou meus nervos à flor da pele. Aquilo provocou um tremor constante e incômodo em meu íntimo. Um instinto que eu não conseguia compreender.

— O que foi? — perguntou Freya preocupada ao notar minha

expressão.

— Há dois gaviões naquela árvore — aponte para ela. — Há alguma coisa errada com eles. Como se estivessem vigiando a casa.

E como se devessem significar alguma coisa importante, e eu simplesmente não sabia dizer.

As feições de Freya se endureceram. Naquele momento, ela parecia a deusa da guerra sem tirar nem por.

— Você já fez o bastante por hoje — comentou ela. — Quando entrar, avise ao Loki que preciso dele. Então, vá para a cama e aproveite o seu descanso. Você merece.

— O que vai fazer com eles? — questionei.

— Eu posso ser muito convincente quando quero. — Os lábios dela se curvaram em um sorriso. — E assim que os convencer até aqui embaixo, estou certa de que nosso trapaceiro vai conseguir determinar o que eles estão tramando. Se for algo interessante, saberá pela manhã.

14.

Thor

Eu estava na minha terceira fatia de presunto quando Loki saçaricou pela cozinha. De alguma forma, até mesmo quando inocentemente se servia de café, ele parecia estar aprontando. Acho que deveria agradecer por ele ter aprontado para o nosso benefício nos últimos anos.

— Conseguiu arrancar alguma coisa daquele gavião? — perguntei.

— Nada além de confirmar minhas suspeitas — começou ele. — Fedia à podridão, apesar do pássaro estar vivo o bastante, porém, impregnado com uma magia hostil. Nada que represente uma catástrofe prestes a ocorrer, no entanto não posso dizer que seja um bom sinal.

— Nenhuma criatura assim jamais apareceu por aqui antes.

— Não — confirmou Loki. — Só me pergunto se nossa pequena batalha ontem à noite chamou a atenção de alguém.

— Quem? — perguntei, tirando os olhos do presunto.

Ele me devolveu um olhar divertido.

— Se eu soubesse, já estaria batendo na porta deles, não discutindo aqui com você.

— Você acha que podem estar atrás da Ari — afirmei.

— Ou, pelo menos, interessados nela. Afinal, surpreendeu até a gente.

Aquela liberação de trovão. As últimas três valquírias não tinham

mostrado tal talento. Não tinha ideia de que poderia passar minha afinidade pelos trovões tão literalmente assim, mas pelo visto, foi o que aconteceu. E com falta de controle semelhante. Ela tinha usado seu poder de forma instintiva, assim como quando o frenesi da batalha me invadia.

Baldur adentrou a cozinha com um leve aceno para nós dois e se encaminhou para a geladeira para pegar um ovo cozido. Acenei em retorno, retomando minha atenção ao Loki.

— E você não tem ideia de como isso pode ter acontecido?

— Não mais do que você — disse ele, abrindo os braços. — Talvez você a tenha passado uma faísca, mas nenhuma das outras teve vontade o suficiente para despertá-la. Convenhamos, o que não falta nela é vontade.

— Concordo — disse Baldur em sua voz suave, juntando-se a mim na mesa. — Ela foi deveras impressionante.

— Isso foi — concordei. Se não estivesse tão preocupado com o destino de Ari na noite passada, eu teria gostado de ser surpreendido pela sua adaptação rápida com sua nova força e velocidade. Adoraria tê-la como minha parceira de luta qualquer dia desses. Se manter firme contra não apenas um, mas *três* wargs...

Senti um pouco da raiva de ontem emergir com a recordação.

— Sua teoria está se provando correta — acrescentou Baldur, sorrindo para Loki. — Talvez caráter não seja tão importante quanto determinação e adequação.

— Acho que Ari tem muito caráter também — falei. — E só darei créditos ao Loki quando ele provar que não vai matá-la antes de ela cumprir a missão para a qual a estamos treinamos.

Loki dispensou minhas consternações com um aceno, enquanto

tomava um gole de seu café. Ele sempre bebia rápido o líquido escaldante.

— Pare de se preocupar. Ela estava bem. Se não estivesse, nós cinco estávamos ali para qualquer coisa. Gosto de pensar que ao menos um de nós seria rápido o bastante para intervir, caso ela realmente precisasse.

Ele pensou isso enquanto acompanhávamos a batalha? Provavelmente, eu teria interferido se tivesse visto um dos monstros prestes a desferir um golpe fatal, mas esperaria a repreensão de Loki por ter arruinado o teste dele.

Fiz uma careta para mim mesmo. Tinha aceitado rápido demais o que achei serem as regras dele, não é? Ele poderia ser o mais sagaz aqui, mas não estava no comando.

Se Hod estivesse aqui, ele teria algum comentário sarcástico na ponta da língua para combinar com meu mau humor. Mas o deus da noite geralmente dormia logo após o amanhecer. Nós não o veríamos andando por aqui nas próximas horas.

— Insisto em dizer que foi um truque sujo.

— E eu lhe garanto que não existe um truque limpo — sorriu Loki.
— Você acha que nossos inimigos vão jogar limpo? Se tivessem, aquelas garotas de coração puro que invocamos teriam se saído muito bem.

Ele estava certo. Mas isso não queria dizer que eu gostava de admitir.

— Ah, cala a boca — murmurei.

— Vocês todos deviam calar a boca — declarou Freya ao entrar na cozinha. O cheiro de madressilvas percorrendo o ar, conforme ela passava, como sempre acontecia quando ela usava seus

poderes. Convencer aquele gavião a descer da árvore foi uma baita tarefa para a deusa do amor.

— E por que deveríamos? — questionou Loki, inclinando a cabeça.

— Porque vocês não param de discutir a mesma coisa — repreendeu ela, apontando em direção ao corredor. — Se estão tão preocupados assim com a garota, por que não prestam mais atenção pelo o que ela está passando agora, em vez do que ela já passou e se safou? Vocês não têm a menor ideia do quão transtornada ela estava após sobreviver a noite passada, não é?

Pisquei.

— É claro que estava um pouco abalada. Mas assim que Baldur cuidou dos ferimentos dela...

— Tive a impressão de que ela preferiria um tempo sozinha para processar o que tinha acontecido — prosseguiu Baldur. — Eu só lhe dei o espaço que precisava.

— Porque está acostumada com isso, não porque é o melhor para ela! — exasperou-se Freya, suspirando e balançando a cabeça. — Me surpreende que homens consigam resolver qualquer coisa. Três dias atrás, ela era apenas um ser humano e, de repente, está lutando contra monstros mortais que ela nunca imaginara existir fora dos livros de mitologia. Eu conversei com ela ontem à noite, mas acho que ainda está em conflito. Sabe, ela já está acordada. Já tem mais de uma hora que está sentada no telhado só olhando para o céu.

Bem. Como eu não a tinha visto, presumi que ainda estaria dormindo. Até Loki pareceu um pouco arrependido, apesar de não estar completamente convencido de ele não ter percebido antes o

que Freya lhe apontou. Talvez ele simplesmente não se importasse. Quem poderia decifrar o criador de artimanhas?

Se alguém aqui sabia como lidar com as consequências de uma batalha, esse alguém era eu. Arrastei minha cadeira.

— Vou ver se ela precisa de alguma coisa.

— Só não esqueça que ela precisa de um toque mais sutil, *Trovejante* — disse Freya com os braços cruzados.

— Eu posso ser sutil — repliquei. Mas, verdade seja dita, sutileza não era a minha praia. Parei no corredor, considerando quais táticas poderia adotar. Então, subi as escadas e fui pegar algo em meu quarto antes de ir lá para fora.

Era o dia de verão mais bonito dos últimos meses. A umidade do ar tinha diminuído, deixando o calor mais suportável e menos sufocante. Os pássaros cantavam e esvoaçavam por entre as árvores. Não pude deixar de notar que todas as árvores estavam cheias de vida, com exceção daquela em que os gaviões tinham se empoleirado. Isso não era um bom sinal.

Rodei a casa, batendo com um estalido seco o objeto que levava contra minha coxa. Aquilo me acalmava, me fazia lembrar de minhas forças. Poderia não ter um dom com as palavras como Loki, nem ter a luz gentil de Baldur, mas eu passei tempo o suficiente com nossa valquíria para ter uma ideia de onde poderia começar, se ela precisasse se acalmar.

Ari estava onde Freya disse que estaria, empoleirada na beirada do telhado perto da janela da trapeira do terceiro andar. Suas ondas loiras voavam para longe do seu rosto e ela mantinha a cabeça inclinada para trás para aproveitar o sol. Era difícil distinguir sua expressão a essa distância.

— Ei, Ari — gritei. — Parece que você precisa se divertir um pouco.

O olhar dela disparou em minha direção. Um sorriso surgiu em seu rosto ao me ver.

— O que tem em mente? — gritou de volta.

— Desce que lhe mostro — respondi, dando de ombros.

Ela se levantou e suas asas se desvelaram de suas costas com um breve farfalhar de suas penas, sem hesitação alguma agora. Tão calma quanto possível, ela deu um passo para fora do telhado. Suas asas encontrando a corrente de ar no instante certo, transformando o que seria uma queda brusca em um leve planar. Ela aterrissou à minha frente com um baque de seus pés no chão e um leve arquear de suas sobrancelhas.

— Prontinho, já estou aqui. Agora conta.

Eu concordava que ela estava impressionante ontem à noite, mas isso não se comparava a vê-la agora parada aqui, tão segura em seu corpo novo e com seus poderes. Os raios de sol brincavam com seu cabelo e avivavam o brilho incandescente de seus olhos acinzentados, e um sentimento que era mais do que admiração invadiu meu íntimo. Parte de mim, aquela parte bem ciente de há quanto tempo eu não trepava, começou a imaginar como seria sentir aquele corpo embaixo do meu.

Interrompi logo aqueles pensamentos. Eu tinha vindo aqui para ajudá-la, à minha maneira, e não para dar em cima dela. Tampouco achava que ela iria aceitar esse tipo de gracinha. Nada iria acabar mais rápido com a confiança que eu conquistei do que tratá-la como um mero casinho em vez de uma guerreira.

Suas feições pareciam tão confiantes como de costume, mas

pensei ter visto a sombra da insegurança que Freya mencionou passar por seus olhos antes de lhe responder. Ela podia ser uma guerreira, mas esse mundo ainda lhe era estranho. Um mundo com perigos inimagináveis, tanto lá fora, quanto à espreita dentro dela.

O que sempre me ajudou a me sentir melhor ao enfrentar os perigos desconhecidos era mostrar a mim mesmo que poderia facilmente derrotá-los, ao menos os perigos lá fora.

— Achei que você ia gostar de praticar um tipo de tiro ao alvo — disse, levantando a arma que estava carregando ao meu lado. — Quer tentar atirar o Mjolnir?

Os olhos de Ari se arregalaram ao ver sua forma grande e brilhante.

— Seu martelo. Ele não é enfeitiçado ou algo do tipo? Será que eu posso segurá-lo?

— Não tem nenhuma magia nele que dita se alguém pode ou não o segurar — respondi. — Mas ainda assim é mágico. Ele sempre acerta o alvo e sempre retorna para você. Além de ser bem divertido brincar com ele.

O brilho animado retornara aos seus olhos. Pelo visto, eu tinha acertado na mosca.

— Tudo bem — ela disse. — Mas você vai primeiro. Quero ver o que preciso fazer para te vencer.

— Veremos. Vou acertar a ponta daquele galho baixo do olmo — instiguei, rindo e girando meus ombros.

Eu mirei, girei o martelo por seu cabo curto, talvez me exibindo um pouco, e então o atirei.

Mjolnir perfurou o ar a sua volta e acertou a ponta do galho estilhaçando a madeira e algumas folhas. O vento trovejou contra o

martelo, quando ele voou de volta ao encontro de minha mão. Uma onda de euforia percorrendo meu corpo.

— Eu tento não destruir coisas muito grandes — falei. — Ou a Freya fica um pouco irritada em relação ao paisagismo do jardim.

— Aposto que sim — riu Ari. — Deixe-me tentar.

Eu lhe entreguei o martelo, com uma pontada de arrependimento quando deixou minhas mãos. Era verdade que qualquer um *podia* usar o Mjolnir, mas ele era como uma parte de mim. Então, raramente, o emprestava.

A mão pequenina e delicada de Ari se fechou ao redor do cabo. Os músculos em seu braço se flexionaram ao conferir seu peso. Ela examinou o quintal e acenou a cabeça ao ver uma estaca velha, que já não pertencia mais a nenhuma cerca.

— Aquilo ali já era.

Ela se inclinou um pouco para trás e lançou a arma, trincando os dentes com o esforço. O Mjolnir girou brilhando contra o sol e acertou a estaca em cheio, criando uma chuva de farpas. Ari bateu palmas com um grito triunfante e, no último segundo, lembrou-se de esticar o braço para o retorno do martelo. O desequilíbrio a trouxe em minha direção, mas ela seguiu gargalhando.

— Tá, isso foi divertido. Vamos fazer de novo?

— Claro, por que não?

Ela me devolveu o martelo, e o apontei para um ninho abandonado de esquilos próximo ao topo de um velho carvalho. O Mjolnir o destruiu, enviando gravetos e folhas para todos os lados.

Ofereci o martelo de volta à Ari. Ela estreitou os olhos em direção a uma pedra na altura dos meus joelhos e com o dobro da largura da minha perna, que se projetava contra a grama na campina atrás

das árvores.

— Vamos ver o quão precisa é essa coisa — disse ela, lançando-o para a frente.

O Mjolnir voou e a pedra explodiu com um estrondo alto o bastante para assustar todos os pássaros à sua volta. Ari celebrava sem fôlego, quando o martelo voltou para suas mãos. Ela olhou para ele como se estudasse as ranhuras de metal desgastado. A sombra cruzando suas feições novamente.

— Parece até errado gostar tanto de destruir as coisas — confessou.

Um nó se formou em meu estômago. Então, ela já tinha se dado conta. Eu custei a colocar tal desconforto em palavras.

— Aquilo era apenas uma pedra — disse. — E isso aqui é apenas um treino para quando formos enfrentar as coisas que podem nos destruir se deixarmos.

— Verdade — disse ela, erguendo a cabeça. — Você deve ter lutado muitas batalhas com isso.

— Ele não foi feito apenas para quebrar galhos — concordei, estudando seu rosto.

— Quantas pessoas, monstros ou que quer que seja, você acha que já matou?

O que será que ela queria de mim? Desejei por um momento ter o poder do Baldur de compreender as emoções e encontrar a melhor forma para consolá-la. O melhor que poderia fazer era ser o mais sincero e franco possível, sem contar que era o que eu fazia de melhor mesmo.

— Nenhum há bastante tempo — disse por fim. — Mas antes disso? Mais do que um bocado. Sempre para proteger o meu povo e

o seu. É isso que faço. — Pausei por um instante. — Os wargs de ontem foram suas primeiras mortes, não foram?

— Além de aranhas e coisas do tipo. — Ela encolheu os ombros. — Mas acho que é isso que faço agora. Como uma valquíria. *Alguma coisa* pegou as valquírias que vocês mandaram antes. *Alguma coisa* aprisionou Odin. E se a escolha é entre eu ou eles...

— Você fará o que for preciso — completei para ela. — Mas isso não significa que vai gostar disso. Não vou mentir para você. Quando estou no frenesi da batalha, sabendo que aqueles que estou defendendo precisam de mim, confesso que pode ser bem emocionante. Eu gosto dessa sensação quando estou batalhando, sentir esse poder. Mas quando acaba, não posso dizer que sinto algum apreço.

Às vezes, desejava que o frenesi não me consumisse tanto. Mas, quem sabe, eu não fosse o defensor que sou sem ele. Eu não sacrificaria tal poder para descobrir.

Ari me encarou. Pude notar que ela enfim tinha encontrado o que queria de mim.

— A muito tempo atrás, eu vi alguém morrer na minha frente — revelou ela. — Alguém que provavelmente não teria morrido se eu *tivesse* feito o que precisava ser feito. Foi horrível.

Ela poderia ter dito mais, se a voz não tivesse embargada. Ela forçou um sorriso e me devolveu o Mjolnir. Eu o peguei de seus dedos finos e, sem pensar, me permiti envolver minha outra mão na sua. *A muito tempo atrás*. Quantos anos será que tinha? Contudo, podia notar como a culpa a atormentava tão claramente, como se fosse uma corda restringindo seus movimentos. Não sabia quais palavras poderia dizer para lhe ajudar, mas poderia tentar.

— Tenho certeza de que você fez o que era possível no momento. Assim como lutou com tudo que tinha ao seu alcance ontem à noite. Não importa o que aconteça, você não vai nos decepcionar, Ari. Só de estar aqui, já é mais do que poderíamos pedir. E posso dizer que você ainda nos surpreenderá muito mais.

Os dedos dela abraçaram a palma da minha mão, suave, mas firmemente e, então, a apertou de volta. Depois, ela afastou a mão com seu sorriso de sempre estampado no rosto. A dor, que vislumbrei, desapareceu por trás daquela expressão feroz e inabalável a qual me acostumara.

— E quando eu voltar, ainda terei que cumprir aquela promessa de beber mais do que você — disse ela. — Então, vamos seguir com isso. Depois de ontem, ninguém pode dizer que não estou preparada para ir atrás do Odin, né? Só me indica a direção, que vou encontrar seu Pai de Todos.

15.

Aria

Nós deveríamos nos reunir na sala de estar, mas encontrei Hod no corredor do andar superior, depois de todos os outros já terem descido. Tomei ar para dizer seu nome, e ele parou como se soubesse, a cabeça se virando em minha direção. Seus olhos verdes-escuros pousaram em meu rosto, quase como se encontrassem meu olhar agora. Se não fosse pelos pequenos detalhes, jamais diria que ele não podia me ver.

— Eu queria falar com você, só por um momento, antes de prosseguirmos com isso — pedi.

— O que quer, valquíria? — disse ele em sua voz implacável. Como se eu ainda acreditasse que ele era tão implacável assim, depois de vê-lo tomado pela emoção no escritório no outro dia. — Quer desistir?

Fiz uma careta, apesar de saber que ele não podia enxergá-la.

— Não. Eu só queria te pedir... — fiz uma breve pausa. Ele pode não ser tão implacável, mas isso também não queria dizer que era complacente. Eu não conseguia achar a melhor forma de lhe propor isso. — As últimas três valquírias não voltaram. Minha intenção é fazer algo diferente dessa vez, mas se eu não conseguir... se algo acontecer e eu não voltar, você poderia olhar meu irmão? Pelo menos uma vez?

Ele sabia onde o Petey morava. Aparentemente, ele era o único que sabia da existência do Petey. O deus sombrio tinha sido

complacente o bastante para não me dedurar aos demais deuses sobre a minha aventura noturna.

Surpresa surgiu no rosto esculpido do Hod.

— Não vou intervir — começou ele.

— Eu sei — o interrompi. — E entendo. Mas a ideia era que, quando tudo isso acabasse, eu pudesse zelar um pouco por ele. Vou me sentir muito melhor se souber que terá alguém com ele, da forma que for possível.

Eu pretendia fazer bem mais do que apenas zelar por ele se tivesse a chance, mas não precisávamos entrar nesses pormenores.

Hod virou o rosto para longe, seus olhos ficando ainda mais distantes.

— O que acha que pode acontecer com ele? — questionou. — Aquele homem que gritou com ele... já machucou seu irmão alguma vez?

— Não — consegui responder —, mas isso não quer dizer... Olha, é muita coisa, tá? Todo o tipo de coisa já aconteceu e pode acontecer de novo.

As memórias de minha própria infância me invadiram: os discursos roucos de minha mãe, os insultos que machucavam, o bater de portas, a fome roncando na minha barriga. E a pior de todas, a única coisa que desejava que nunca acontecesse com o Petey: o ranger da porta do quarto se abrindo no meio da noite, o peso de um corpo que não aceitaria um não como resposta.

Minha pele se arrepiou. Empurrei aquelas lembranças para longe, onde as mantive escondidas.

— E a verdade é que eu nunca consegui mudar essas coisas enquanto estava viva, pelo menos não de maneira definitiva. Ele só

não deveria ficar sozinho. Tudo bem?

Senti um aperto na garganta. Hod deslizou seu olhar cego em minha direção novamente.

— Tudo bem — disse secamente. — Ele não vai ficar sozinho.

— Muito obrigada — agradei, sentindo o alívio me percorrer. — Sério. Isso significa muito para mim.

— Eu sei — comentou —, por isso concordei. Agora vamos nessa. O Valhalla lhe aguarda.

Eu tinha certeza absoluta de que o Valhalla não tinha nenhum interesse em mim. Os deuses tinham deixado claro o bastante de que eu não era o espécime moral que merecia todos os poderes que recebi. Mas não importa. O Saguão dos Heróis teria que lidar com a minha presença, maculando o local que eu precisava visitar.

Quando chegamos à enorme sala de estar, a mesma da primeira vez que pisei naquela casa, os outros deuses já estavam prontos. Eles tinham aberto um espaço no chão de madeira. Loki me chamou para o meio deles, e as cinco figuras divinas formaram um círculo ao meu redor.

— Ao contrário de nós, uma valquíria consegue viajar diretamente do mundo humano ao Valhalla em Asgard sem qualquer problema — disse o deus trapaceiro. — Por sorte, essa capacidade é intrínseca à sua natureza, então você não precisa de nenhum atalho, ou ponte.

— Mas eu não posso levar nenhum de vocês comigo? — indaguei. Isso deixaria a missão muito mais fácil.

— Infelizmente, não — respondeu Loki, seu tom se tornando mais sarcástico. — A menos, suponho, que colete nossas almas como guerreiros merecedores. Porém, esse poder foi feito exclusivamente

para os seres humanos mortais, e precisaríamos morrer para isso. Então, não estamos realmente dispostos em dar uma chance, já que o resultado pode ser permanente.

— Justo. Vamos lá, como isso funciona?

— Como você nunca esteve lá, materializar-se pode ser um pouco complicado. Então, vamos lhe mostrar o que vimos funcionar. Nós todos aqui vamos imaginar o grande saguão em nossas cabeças. Você tem que usar sua sensibilidade especial de valquíria para absorver essa sensação. Isso deve despertar um certo instinto aí dentro, que lhe mostrará o caminho. Tudo que precisa fazer é seguir esse instinto.

— E quando estiver lá em cima, eu tenho que procurar um sinal de onde o Odin se enfiou?

Loki assentiu.

— Sua essência de valquíria está atrelada a ele, assim como ao Valhalla. Quando estiver no saguão dele, você sentirá uma espécie de chamado lhe guiando até a porta para o mundo em que ele está. Passe por ela, observe o suficiente para que possamos ter uma noção de onde é esse lugar, mas volte assim que perceber que estiver em perigo. O que não deve tardar, dado o desaparecimento das outras, então mantenha-se em guarda o tempo todo.

— E leve uma arma — acrescentou Thor. — O saguão está cheio delas. Basta escolher uma.

— E para voltar para cá...? — sondei.

— Imagine essa casa e abra uma das portas para Midgard — falou Baldur em sua voz alegre, acalmando a agitação dos meus nervos. — Isso lhe trará de volta para a gente.

Ele parecia ter certeza de que eu conseguiria.

Respirei fundo. Uma coisa era descobrir que tinha me tornado um ser mitológico com asas brotando de minhas costas. Outra coisa era deixar a Terra, ao menos a parte humana, para trás e me jogar sabe-se lá onde. Minha mão voou para o bolso, onde tracei o contorno do meu canivete.

Eu tinha que estar pronta para tudo.

— Boa sorte — desejou Freya, com a voz um pouco estranha, mas quando a olhei vi seu sorriso muito mais cáldo. Era óbvio que me desejava sorte. Todos queriam que eu tivesse sucesso. Afinal, foi para isso que me invocaram.

Para a sorte deles, eu também estava esperançosa quanto a cumprir essa missão. Eles queriam voltar para casa e tinham alguém com quem se importavam, e eu também. Não fazia diferença que os meus motivos fossem completamente diferentes, não é?

Endireitei meus ombros e corriji minha postura.

— Tudo bem. Vamos com isso.

Em seu círculo à minha volta, os deuses fecharam os olhos, lembrando-se do saguão de Odin por trás de suas pálpebras. Respirei fundo mais uma vez e fechei os olhos para que pudesse me concentrar completamente nas impressões emitidas além da visão e dos sons.

Senti um afeto e um calor crepitante me consumirem, e a imagem de uma lareira se formou em minha cabeça. Gritos alegres e um ambiente vibrante permeado de hidromel e bom humor. Uma luz brilhante refletia o ouro de suas paredes. A vastidão turbulenta cheia de companheirismo e...

O fio da conexão reverberou em meu âmago como a corda de um

violão. Lá era o meu lugar. Eu devia estar lá. Meu coração disparou, mas agarrei aquele fio sem hesitar por um segundo sequer. Agarrei e me impulsionei para segui-lo.

Meu corpo chacoalhou e o ar zumbiu ao meu redor. Meu estômago se revirou. E, então, me vi tropeçando e caindo de joelhos em um chão de carvalho encerado.

Uma luz brilhante irradiava ao meu redor. O chão estava limpo e seco, mas um leve odor de álcool emanava dele. Suspeitei ser devido há anos absorvendo o hidromel ali derramado.

Eu me endireitei. A tremedeira esvaiu de meu corpo, deixando apenas a sensação reconfortante de estar em casa, apesar de nunca ter estado aqui antes.

O Valhalla havia mudado muito em relação às memórias que os deuses usaram para me guiar até aqui. A enorme lareira ainda estava no mesmo lugar ao longe, mas nenhum fogo crepitava nela. Fileiras de grandes mesas de carvalho preenchiam o ambiente abaixo do teto abobado, mas todos os bancos estavam vazios. O lugar estava completamente silencioso, com exceção do sussurrar dos meus pés no chão conforme me movia. O revestimento de ouro nas paredes ainda brilhava vividamente, mas até tal brilho era melancólico.

Sem guerreiros merecedores. Sem valquírias. Sem mais ninguém, pelo visto. Esfreguei os braços, tentando me aquecer contra o frio daquela vaga imensidão, embora o ar estivesse quente.

As armas mencionadas por Thor estavam penduradas nas paredes mais baixas. Lanças, espadas e machadinhas de todos os tamanhos, algumas manchadas e outras cintilando como se tivessem sido recentemente polidas. Quando as analisei, senti algo

se contrair dentro de mim.

Essas armas não eram o meu estilo. Eu não me sentiria confortável em usar nenhuma delas. Não como eu ficava com meu canivete. E isso já tinha me bastado, quando lutei contra aqueles wargs.

Loki tinha me escolhido porque eu era de alguma forma diferente, eu era alguém que não se encaixava nos padrões de uma valquíria. Então, vou seguir sendo eu mesma. Tirei o canivete do bolso e me virei.

A luz se derramava por diversas janelas, mas também por uma porta enorme do lado contrário à lareira. O resto de Asgard, o mundo dos deuses, teria que esperar. Embora estivesse curiosa, eu não estava aqui para isso. Estava aqui para encontrar o Odin.

Meu olhar recaiu em um imenso trono dourado ao lado da lareira. Nunca tinha visto o deus que era senhor das valquírias antes, mas eu conseguia imaginá-lo sentado ali, se inclinando um pouco, conforme observava a multidão com um sorriso resolutivo em seu rosto enrugado, mechas prateadas brilhando contra o castanho de seus cabelos e de sua barba.

A imagem ressoou dentro de mim, um chamado mais tênue, porém infinitamente mais profundo do que o chamado ao Valhalla. Odin estava por aí, em algum lugar além dessas paredes. E eu estava destinada a ser sua paladina.

Segui aquele puxão por todo o saguão até o trono e a lareira. Disposta ao lado da enorme fornalha, consegui distinguir uma porta por debaixo dos borralhos. Abri caminho por entre as cinzas e escancarei a porta.

Prendi a respiração por um momento. Do outro lado, uma

passagem ramificada se estendia sobre um abismo tão profundo que seu fundo estava coberto por sombras. O silêncio naquela penumbra parecia ainda mais sinistro do que o saguão atrás de mim.

Dei um passo cauteloso à frente, até o início da passagem, e notei que a ramificação era bem literal. Sua superfície era grosseiramente rugosa, como o caule de uma árvore. Aquela coisa toda era uma árvore gigantesca tombada para o lado, e seus galhos se repartiam para além da mais profunda escuridão.

Aquele fio tremeluzente em meu ser me instigou a continuar. Um desses galhos levaria ao Odin.

Eu pisei cuidadosamente no tronco da árvore, sem me permitir olhar para o abismo abaixo. A passagem principal, pelo menos, era larga o suficiente para andar. Eu segui no meio dela e mantive o equilíbrio. Minhas asas poderiam me salvar, caso caísse da beirada, mas quem sabe se funcionaria nesse lugar maluco? Pensando nisso, as desenrolei em minhas costas.

Passei por um, dois, três, quatro galhos antes do chamado ao Odin me indicar para virar à esquerda. O galho só tinha alguns centímetros de largura, o abismo ainda mais escuro conforme me equilibrava por ele. Uma porta surgiu ao final do galho. Até ficaria aliviada, se não estivesse tão insegura com o que poderia estar à espreita por detrás daquela porta. Contudo, eu também não estava exatamente triste em deixar esse lugar assustador para trás.

Puxei a lâmina do canivete para fora e me preparei para girar a maçaneta com a outra mão. Eu a girei devagar, todos os meus sentidos em alerta.

Nada se revelou do outro lado da porta, além de uma escuridão

tão densa que só se via um grande infinito preto. Eu não tinha escolha. Tinha que seguir adiante.

Dobrando as asas contra minhas costas, passei pela soleira da porta.

A escuridão atingiu meu corpo como as ondas de um mar gelado. E então tinha acabado. Meus pés tocaram o chão rochoso. O ar úmido e gélido se fechava ao meu redor junto a uma escuridão mais erma que era interrompida pelo brilho fraco de uma parca luz ao longe. O cheiro da putrefação assaltando meu nariz.

Consegui identificar isso tudo em um piscar de olhos, pois não tardou para ser atacada por um amontoado de criaturas que pulavam em cima de mim, por todos os lados.

Meus instintos aguçados pela rua, provavelmente, foram os responsáveis por me tirarem dessa. Em me abaixei e rolei na mesma hora, golpeando com minha lâmina e meus pés ao mesmo tempo. Corpos começaram a colidir com o meu, com respirações ofegantes, cotovelos afiados e uma lâmina perfurando meu ombro até o osso. A dor lancinante crepitando em todos os meus sentidos.

Em uma luta assim não havia como jogar limpo. Era eu ou eles. Eu me impulsionei para cima com minhas asas, meu joelho atingindo o que parecia ser uma virilha no caminho, meu canivete perfurando o ar. Quando pensei ter visto olhos, finquei meus dedos neles. Eu estava atacando todas as partes mais macias. Acertava onde pudesse causar mais dor.

Minha lâmina acertou o alvo e sangue quente jorrou sobre minha mão. Voei para longe quando algum tipo de porrete espinhado me acertou na barriga. A dor se espalhou por todo meu abdome. Um grunhido explodiu de meus lábios. Outro atacante se lançou atrás de

mim, depois mais outro.

Eu desviei, chutei e golpeei, usando todas as forças que os deuses tinham me dado. Meu cotovelo acertou algo redondo... um crânio?... com um estilhaçar medonho. Algo afiado arranhou minha panturrilha. Minha perna vacilou, e me afastei um pouco mais em direção à luz. Eles me perseguiram tão rápido, que era quase impossível conseguir imobilizar um deles para conseguir lhe tirar a vida com a escuridão em meu interior, ou com a minha lâmina. Se, ao menos, eu conseguisse enxergar...

O cheiro de putrefação ficou mais forte. Naquela penumbra, meu olhar frenético conseguiu distinguir uma fileira de símbolos encravados na parede de pedra, linhas entrelaçadas e fundidas em formas deformadas. Em seguida, meu olhar recaiu sobre dois corpos jogados contra a parede mais à frente, sem dúvidas não eram dos inimigos que eu tinha derrotado. Eram corpos humanos aparentemente jogados de qualquer jeito, a linha vermelha ao redor do pescoço de um deles sugeria um estrangulamento. Meu estômago se revirou quando os gritos, que soavam igualmente humanos, ecoaram da curva por onde a luz se irradiava.

Eu não tinha tempo para decidir se continuar seria uma boa ideia. Meus atacantes mais uma vez se aproximaram, os gritos continuando em um idioma irreconhecível por mim, mas que me dava uma ideia do que poderia significar: era um pedido de ajuda.

Eu me esquivei deles, mas um acertou uma das minhas asas em cheio com seu porrete, prestes a desferir outro golpe. Uma segunda criatura deu uma cabeçada na minha barriga já machucada. Gritei quando o primeiro atacou minhas asas, mas consegui me chacoalhar o bastante para que o golpe em meu abdome não fosse

tão direto. Bastou uma joelhada minha, para quebrar a clavícula do ser.

Outros cinco atacantes vieram correndo por aquela curva, todos como aqueles com quais eu lutava: um cabelo preto emplastrado grudado contra uma pele lívida, olhos tão pálidos que suas pupilas se misturavam às córneas, corpos pequenos e atarracados trajando túnicas manchadas e calças curtas.

A dor já irradiava por todas as partes do meu corpo. Odin estava em algum lugar por aqui, mas eu não conseguiria chegar a ele. Eu nem sabia se conseguiria me livrar dos atacantes à minha volta sozinha.

Valhalla. Precisava voltar ao Valhalla.

Soquei o carinha que se agarrara à minha asa direita, através das penas e da carne, me causando ainda mais agonia, mas o nocauteando de encontro à parede. Meu canivete cortou o rosto de um outro. Eu me lancei para trás o mais rápido que pude, me afastando deles e dos outros que corriam para se reunir à algazarra.

Valhalla. Valhalla. Por entre a névoa em minha mente, me concentrei na lembrança daquele saguão dourado e solitário. O fio de seu chamado reverberou em meu âmago. Eu me agarrei a ele e puxei com todas as minhas forças.

As cavernas e meus atacantes ficaram para trás. Eu tinha deixado a escuridão e me esparramado no chão encerado. O sangue manchando as tábuas de madeira, conforme me forçava a sentar. A dor rasgando minhas entranhas. Cortes latejavam em todos os meus membros. Não acho que poderia contar com minhas habilidades de valquíria para me curar de lesões tão profundas assim.

Eu olhei para o teto abobado. Valhalla não bastava. Eu não precisava apenas estar aqui. Precisava estar em casa.

Midgard. Baldur havia mencionado algo sobre portas.

Meu tornozelo vacilou sob mim quando tentei me pôr de pé. Com sorte, seria apenas uma torção. Eu me arrastei até me aproximar das paredes.

Ali. Portas. Algumas estavam espalhadas por entre as janelas e as armas. Se ao menos conseguisse chegar até a mais próxima...

Impulsionei meu corpo surrado, cerrando os dentes com as pontadas agonizantes de dor, ignorando o rastro de sangue que deixava pelo caminho. Disse que voltaria. Eu disse e eu com certeza ia voltar. Não seria um bando de demônios sem almas que iria derrotar Ari Watson.

Tive que tatear por duas vezes com os braços esticados, até meus dedos encontrarem a maçaneta. Eles se fecharam ao redor dela e a giraram.

A porta se abriu, revelando uma imensidão luminosa tão azul quanto um céu de brigadeiro no verão. Fechei os olhos, pensei no gramado verde e macio ao redor da casa dos deuses e me atirei pela soleira.

Meu corpo caiu com um baque na grama, que não era tão macia quanto eu esperava. Um grito sufocado irrompeu de minha garganta. Rolei para o lado e depois não consegui mais me mover de jeito nenhum. A dor pesando sobre o meu corpo, como se pedras gigantescas tivessem rolado por cima de mim. E me soterrado.

— Ari — ouvi alguém gritar. Thor, presumi. Passos ecoando pelo quintal. Fiz uma careta para o brilhante céu azul.

— Eles não me pegaram — declarei, roucamente, para quem

quer que estivesse ouvindo. — Eu não deixei que me pegassem.

Então, a escuridão obscureceu minha visão e me deixei levar pelo vazio dentro da minha cabeça.

16.

Aria

O toque gentil de Baldur permanecia sobre meu ventre. Sua magia divina havia sanado os ferimentos mais profundos enquanto eu estava desmaiada, mas a dor seguia me incomodando em alguns pontos. Ao que parece, consegui me machucar tão profundamente que nem mesmo o poder dele conseguiria me curar com facilidade. Seu rosto suave e belo pareceu brevemente sério, enquanto se concentrava.

Por onde ele me tocava, conseguia vislumbrar o que seria sua energia vital, quente e brilhante como ouro iluminado pelo sol. Assim como as emoções dos deuses eram praticamente indecifráveis com meus novos sentidos, eu jamais tinha notado suas essências vitais antes, embora conseguisse captar as das pessoas à quilômetros de distância. Mesmo quando estávamos perto assim, o vazio faminto em meu íntimo não se manifestava. Aparentemente, nenhuma valquíria seria capaz de tirar a vida de um deus. Eu só esperava nunca encontrar um que precisasse temer.

Na verdade, tudo que eu podia fazer por ora era seguir deitada na cama, onde tinha acordado há mais ou menos uma hora, e deixar o Baldur fazer o que ele sabia fazer. E, sabe, tentar não pensar no fato de que eu estava seminua em uma cama com um dos homens mais lindos que já tinha visto na vida, colocando suas mãos em cima de mim. Eu, geralmente, não era uma dessas loucas atrás de homem, nem um pouco, mas todo mundo tinha um limite.

Baldur se inclinou um pouco mais para inspecionar meu ombro, trazendo o calor e um cheiro que me fazia lembrar da brisa dos campos primaveris. Comecei a estudar o teto, embora, de qualquer forma, tenha sentido um latejar lá embaixo.

Tudo bem, assim que eu terminasse toda essa história de valquíria com uma missão, eu teria que cuidar de algumas coisinhas. A primeira: iria ver o Petey de novo. A segunda: iria dar um jeito nessa necessidade com o primeiro homem não divino, praticamente decente, que me aparecesse.

Uma vozinha lá no fundo da minha cabeça me lembrou de todos aqueles mitos dos deuses cobiçando os humanos. Não era impossível um dos quatro estar disponível, mas eu não via como isso seria uma boa ideia. Eu já estava bem enrolada com eles, era melhor não complicar mais as coisas.

De qualquer forma, antes de me preocupar com isso, nós tínhamos outros problemas para resolver.

— Então, o que acontece agora? — perguntei. — Aquelas... pessoas, ou o que quer que fossem, que me atacaram. O que vamos fazer com elas?

— Elfos sombrios — disse Baldur. — Pelo que disse, você foi parar em Nidavellir^[8], o mundo deles.

Elfos? Esperava que fossem mais baixinhos e com orelhas mais pontudas, mas não é como se eu fosse especialista no assunto.

— Está bem, elfos sombrios. Eles devem ter aprisionado Odin, se meus sentidos me guiaram até lá, não é? E do jeito que me atacaram, eles deviam estar vigiando a entrada. Acho que agora sabemos o que aconteceu com as outras valquírias. Eu também vi aqueles humanos mortos por lá, e parecia que os elfos sombrios

estavam machucando outras pessoas, torturando-as ou algo do tipo. Nós vamos atrás deles, não é? — Para me vingar de toda a merda que fizeram comigo e sabe-se lá com quem mais.

— Agora temos uma melhor ideia de qual caminho seguir — assentiu Baldur se endireitando. — Nós não podemos alcançar o Nidavellir por Asgard, como você fez, mas os mundos inferiores por vezes se conectam das mais variadas formas. Devem haver algumas entradas que podemos acessar daqui de Midgard. Por ora, vamos ficar de olho nos elfos sombrios entrando e saindo deste mundo, e com o tempo eles nos levarão até uma dessas entradas.

Com o tempo. Fiz uma careta. Eu gostaria de arrebentar aqueles malditos agora mesmo com o martelo do Thor, ou vê-lo fazer isso seria igualmente prazeroso. Eles me matariam se tivessem outra chance. Se eu não fosse capaz de deduzir isso pela agonia excruciante que senti, com certeza teria notado ao ver o rosto de Thor quando acordei. Nem ele estava certo de que eu *acordaria*.

Ele estava preocupado comigo. Talvez todos estivessem. Até Hod pareceu um pouco aliviado quando enfim consegui falar alguma coisa, embora possa ser por não ter que cumprir a promessa que me fez.

— Eu posso ajudar — disse, lutando para me sentar. Meu corpo estava rígido, como se tivesse extrapolado nos exercícios físicos no dia anterior, mas as dores mais incisivas tinham sumido. — Como encontramos os elfos sombrios?

— Ei — os lábios de Baldur se curvaram em um sorriso —, você já fez o que lhe pedimos, embora tenha sido uma luta bem complicada. Você merece descansar um pouco, Aria.

Eu não queria descansar. Toda vez que fechava os olhos, via

aqueles corpos jogados na caverna, ouvia aqueles gritos desesperados. O que quer que os elfos estavam tramando, Odin não era o único em perigo.

— Como posso descansar com essas aberrações soltas por aí no *meu* mundo? — indaguei. — Nós temos que pará-los.

— Nós vamos — insistiu Baldur. — Nós vamos tomar todas as medidas necessárias. Você já fez o mais importante.

Parecia que nada o abalava. Ele acabara de descobrir que o líder dos deuses, seu pai, era refém de um bando de elfos estranhos que estavam matando por aí qualquer um que interferisse, e ele poderia muito bem estar falando sobre um dia relaxante na praia. Franzi o cenho ao estudar seu rosto, quando ele se levantou ao lado da cama.

— Você realmente fica calmo o tempo todo? Será que *nada* te incomoda?

Pensei ter visto um breve saltar do músculo de sua testa. Aquilo bastou para eu desejar descascar toda aquela superfície sonhadora dele e descobrir como era o homem por debaixo dela. Eu *sabia* que ele era mais do que aparentava ser.

Baldur, então, deu de ombros e me lançou o mesmo sorriso caloroso.

— É a minha natureza. Não importa o que aconteça, o sol sempre continua iluminando nosso caminho. Nós vamos dar um jeito nisso. Estou certo, então, não precisa se preocupar.

— É mesmo? Você não ficou preocupado nem mesmo quando todo mundo estava morrendo e o mundo parecia que seria destruído durante o Ragnarök? — insisti, jogando um verde, mas eu tinha uma ideia do que tinha acontecido pelo que os demais deuses me

contaram.

A expressão sonhadora do deus da luz por fim se alterou. Por um único e breve segundo, as suas feições se retesaram e sua voz soou um pouco áspera também.

— Eu não presenciei o Ragnarök. Logo, não senti nada em relação a ele.

Ele deslizou para fora do quarto, como se fora um feixe de luz, antes que eu lhe pudesse dizer qualquer outra coisa. Pisquei aturdida para a porta por onde ele desapareceu. A culpa corroendo meu estômago por ter provocado tal reação nele, apesar de vir acompanhada por uma pitada de curiosidade.

Ele não estava presente? Então, onde é que estava?

Pelo que percebi, não era um lugar que gostava de se lembrar.

Bem, mais um mistério para outra hora, se ele, um dia, voltasse a falar comigo. Por hoje, eu tinha alguns elfos sombrios para derrotar. De jeito nenhum eu ia ficar aqui de pernas pro ar, esperando alguém fazer alguma coisa.

Com cuidado, rolei até a beirada do colchão e me levantei da cama. Ao ficar de pé, senti apenas alguns repuxões como se farpas pinicassem meus músculos, e não facas ou coisas do tipo. Já tive dias piores. Ser atingida por um jipe em alta velocidade realmente colocava muitas coisas em perspectiva.

Quando enfim alcancei o corredor, as farpas já não incomodavam mais do que um mero roçar. Uma grande melhora. Vozes ecoavam do segundo andar. Desci o mais rápido que pude.

Quando abri a porta para o escritório, Loki, Thor, Hod e Freya ficaram em silêncio de onde se reuniam ao redor da mesa. Thor abriu a boca, provavelmente para me perguntar se eu já devia estar

de pé, mas me intrometi logo.

— Viram? — consegui dizer. — Estou inteirinha de novo. Agora, por onde vamos começar a procurar esses elfos sombrios?

#

O cheiro de pinho da floresta mais próxima perfumava o ar até mesmo na área central daquela cidade da West Virgínia que eu estava conferindo. Alto nas montanhas, o tempo era frio até mesmo durante o verão. Arrepios subiam pelos meus braços, conforme a brisa noturna me arrebatava.

Devia ter trazido um casaco. Mas é claro que isso só atrapalharia as minhas asas, quando fosse preciso usá-las.

Umas décadas atrás, de acordo com os deuses, houve uma certa atividade de elfos sombrios nessa área. No entanto, eles não sabiam dizer se ainda havia algum por perto, mas era um ótimo lugar para começar. Supus que eles tinham ido conferir outros locais, enquanto eu vasculhava por aqui.

Agucei meus olhos enquanto observava a estrada. Até então, nada tinha chamado minha atenção, porém, quase no final da estrada principal, avistei um pôster pendurado em um orelhão com uma foto e os dizeres DESAPARECIDA na parte de cima. Atravessei a rua para olhar mais de perto.

A foto era de uma mulher de meia-idade, que parecia ter vivido uma vida mais tribulada do que fácil. Seu cabelo castanho estava desgrenhado e os dentes eram tortos por trás de seu sorriso. Aparentemente, ela tinha sido vista pela última vez em uma das cidades próximas, a quase um ano atrás. Pelo estado amarelado do papel, deduzi estar pendurado aqui há bastante tempo também.

Respirei fundo tentando provar o ar, conforme fazia desde que cheguei. Por duas vezes, achei ter captado um rastro daquele cheiro de putrefação que notei na caverna, mas assim que tentava segui-lo, ele logo desaparecia com o vento. Talvez fosse apenas minha imaginação. Ou a lixeira de um açougue. Hod mencionou que aquele cheiro, de qualquer maneira, não costumava estar associado aos elfos sombrios.

Ao passo que prossegui andando por lojas e restaurantes, uma sombra entrelaçada na lateral de um edifício despertou minha atenção. Eu me aproximei e franzi o cenho. Três linhas tortas e entrelaçadas estavam cravadas em um dos tijolos do... dei um passo para trás para ver a placa. Era um albergue para mochileiros.

Uma inquietação começou a me percorrer, quando olhei de novo para o símbolo. Eu não tive tempo o suficiente para memorizá-los, mas tinha certeza de que tinha visto uma marcação como essa na parede da caverna dos elfos sombrios. Ou, no mínimo, uma muito parecida.

Mas também, mesmo se tivessem sido feitas pelos elfos, não havia como dizer há quanto tempo tal marca tinha sido feita, ou se eles ainda estariam por perto. As bordas da gravura estavam desgastadas pelas intempéries, logo não era recente.

A sensação inquietante permaneceu comigo por todo o caminho, até o final da rua principal. Olhei por sobre o ombro abruptamente algumas vezes, mas não percebi nenhuma movimentação suspeita. Meus dedos curvados ao redor do canivete fechado, mas a postos, caso precisasse.

Em uma esquina nos arredores da área central, encontrei outro daqueles símbolos, este com quatro linhas ao invés de três. Parei

por um segundo, inclinando a cabeça para analisá-lo. Nada disso fazia sentido para mim, além da associação com os elfos sombrios. Sem contar que eu não gostava nem um pouco.

Esse símbolo estava gravado em um pequeno prédio de assistência social. Camas e alimentação para os “necessitados”. Mordi os lábios insegura. Não, eu realmente não estava gostando nada disso.

Algo farfalhou ao longe, ao limite de minha audição. Eu me enrijei, minhas suspeitas aumentando. O som parou também.

Com cautela, continuei andando pisando da forma mais leve possível. Carros e demais pedestres passavam por mim, mas a rua não era de todo movimentada em um dia de semana nesta cidade no meio do nada. Sempre que dava, ficava atenta aos sons à minha volta.

Não consegui discernir muito, mas ouvi o farfalhar mais umas duas vezes, bem fraco e apenas por um breve instante. Isso era o bastante.

Alguém, ou alguma *coisa*, estava me perseguindo.

17.

Loki

Eu me esgueirei de uma sombra para outra. Minha forma lupina se mesclando às sombras escuras, com um misto de furtividade e magia. De vez em quando, tinha alguns vislumbres da Ari pelas brechas entre os edifícios, mas eu não precisava mais do que isso. Minhas orelhas levantadas podiam captar o suave roçar de seus sapatos contra a calçada, até mesmo o sussurro de sua respiração.

Embora eu realmente apreciasse os vislumbres que tinha. Nossa valquíria com certeza estava preparada para tudo. Ela andava pela calçada com uma confiança resoluta, nem um pouco descuidada, que era impossível não admirar.

Toda vez que a via, me lembrava daquele momento ao vê-la reaparecer no quintal na tarde de ontem. Mesmo surrada e sangrando, ela perseverou até retornar para a gente, e ainda celebrou sua vitória, antes dos ferimentos a dominarem por completo. E então, logo no dia seguinte, mesmo com dificuldades, já estava de pé e pronta para agir...

Tinha esquecido que alguns humanos tinham aquela força e fogo dentro de si. Era raro até mesmo entre os deuses. Eu ficava tentado a forçar todos os limites dela e então escondê-la para que ninguém pudesse derrotar seu espírito, tudo ao mesmo tempo.

Tudo bem. Estava acostumado a ter impulsos contraditórios. Veremos qual deles sairá vencedor.

A forma feérica de Ari adentrou um beco, entre uma loja de

roupas e um banco. Será que ela tinha visto algo por ali? Fiquei parado, provando o ar através de minhas presas. Não consegui sentir nada de estranho. Eu me escondi atrás de uma lixeira, antes dela surgir do beco maior pelo qual eu vagava.

Seus sapatos arrastaram-se pelo concreto úmido como se estivesse indo na direção contrária. Aguardei alguns segundos, antes de pular de meu esconderijo para ir atrás dela.

Consegui dar apenas dois passos, quando ela se virou e saltou em minha direção com sua velocidade sobrenatural.

Seu canivete lampejou à minha frente. Seus olhos se arregalaram ao me ver. Eu me esquivei na hora que ela tentou me alcançar, retornando para minha forma de sempre para que não me matasse ao me confundir com um warg.

— Imagina só encontrar você por aqui — eu disse. — Que coincidência maravilhosa.

— Coincidência o caralho — respondeu ela, com as pernas estancadas no chão. Seus olhos se estreitaram. — O que está fazendo aqui?

— Ah, só estou observando a configuração do terreno, investigando alguns locais — declarei, gesticulando preguiçosamente com uma das mãos.

Ela cruzou os braços.

— Era *eu* quem devia estar investigando esta cidade. Você poderia ter dito que estava vindo também. Mas não queria que eu soubesse. Você estava me seguindo. Você *ainda* acha que eu não consigo me virar depois do que aconteceu ontem?

Sua voz era incisiva, mas sob seu sarcasmo notei o quanto ficou magoada. Eu não tinha percebido que poderia lhe ferir assim. Ferir

até mesmo o seu orgulho, que ela mais do que merecia ostentar.

Minha mente percorreu as mais de centenas possíveis desculpas que eu poderia lhe dizer, até escolher a mais adequada.

— Não é isso, fadinha. Acredite, não tem ninguém que eu confie mais do que em você e sua capacidade. — A verdade daquela declaração reverberou por todo meu ser quando a disse. Eu realmente não estava preocupado com ela, ou estava? Tinha dito a mim mesmo que era por isso que estava de olho nela, mas na verdade...

Eu lhe dei um sorriso autodepreciativo. Um pouco de sinceridade não faria mal.

— Na verdade, estava curioso para ver quais outros truques você tiraria da sua manga imaginária. Observar você é infinitamente mais divertido do que passar tempo com qualquer um daqueles cabeças-ocas que me acompanham por eras.

Ari continuou com uma carranca, mas seus ombros se relaxaram.

— Você não tinha nem que estar se divertindo — repreendeu-me ela. — Nós devíamos estar atrás daqueles elfos sombrios.

— Estou mais do que acostumado a multitarefa — comentei. Diante de seu olhar cético, acenei para o beco. — Eles estiveram por aqui mais recentemente, sem nossa ciência. Consegui detectar alguns indícios de suas passagens, no entanto, nenhuma nos últimos anos, e ainda assim, por pouco tempo. Os sinais sugerem que eles iam e vinham a oeste daqui.

— Ei. Você viu algum outro símbolo deles?

— Símbolo? — Ergui a sobrancelha.

Ela me estudou por um momento. Quando enfim chegou à conclusão de que eu sinceramente não fazia ideia do que ela estava

falando, um brilho triunfante iluminou seus olhos.

— Vem comigo — pediu. — Aparentemente, é uma coisa boa não estar investigando por conta própria.

Eu a segui de volta à rua e descemos o quarteirão. Os transeuntes passavam ao nosso redor sem nos ver, mas instintivamente abriam espaço para prosseguirmos. Eu adoraria ver a expressão deles ao testemunharem a nossa valquíria em sua magnífica glória alada. Meu olhar recaiu nos músculos tensos de suas costas, na pele macia que, naquele momento, escondia as asas.

Macia até certo ponto. Baldur tinha sarado as lesões de suas duas últimas batalhas ao nosso lado, no entanto ela tinha cicatrizes anteriores que trouxe consigo. Uma cicatriz fina e curva partia do alto de seu ombro esquerdo e descia pela parte de trás de seu braço, até quase chegar ao cotovelo, como um caminho apenas aguardando ser traçado.

— Ali — apontou Ari para um tijolo na lateral de um edifício de aspecto lúgubre. Algum tipo de símbolo realmente tinha sido cravado ali: quatro linhas tortuosas se entrelaçando em um emaranhado farpado. Fiz uma careta ao franzir o cenho.

— O que te faz pensar que isso tem alguma coisa a ver com os elfos sombrios?

— Eu te disse que vi algumas marcações nas paredes da caverna. Tenho certeza de que essa aí é uma delas. Ou, no mínimo, é muito parecida. — Ela parou por um instante, olhando para mim. — Você nunca tinha visto isso antes.

Neguei com a cabeça.

— Eu conheço o idioma dos elfos sombrios, tanto sua forma oral

quanto escrita, mas isso aqui é outra coisa. Contudo, se você viu algo assim no domínio deles... Faz tempo que não nos deparamos com eles. Se estão tramando algo nefasto, ao que tudo indica, eu não me surpreenderia que tivessem desenvolvido um novo código visual para justamente evitarem chamar nossa atenção.

O que não era nem um pouco encorajador. Esse prédio não tinha nenhuma relação com Odin. Quais outros planos estariam os habitantes das cavernas trabalhando tão incessantemente para esconder da gente?

Talvez a intenção nem fosse capturar Odin. Talvez ele tivesse sido pego por acidente ao, sei lá, se deparar com uma trama maior?

— Esse prédio é uma instituição de caridade para pessoas sem-teto — comentou Ari, indicando o edifício com a cabeça. — Eu vi um outro símbolo em um albergue a umas duas ruas daqui. Nenhum outro até agora.

Eu matutei aquela informação na cabeça.

— São refúgios para pessoas que estão longe de casa, ou que não tem nenhuma casa. Pessoas que dificilmente seriam consideradas desaparecidas.

— Foi o que pensei também — complementou Ari, com seu maxilar se retesando. — Mas o que eles iriam querer com essas pessoas? Por que estariam machucando, matando, os humanos? O que eles têm contra *nós*?

Ela ainda dizia “nós” com tamanha facilidade, embora não fosse mais tão humana agora. Ela se eriçava prestes a tomar para si a responsabilidade de defender toda a raça humana.

— Eu não sei — respondi. — Eles não costumam agir assim. Mas quaisquer negócios escusos que eles tenham se metido, nós vamos

descobrir e vamos pará-los, esteja certa disso.

Ela assentiu e, girando em seu calcanhar, desviou o olhar para o lado. Eu também captei uma leve agitação sombria em um dos telhados.

— O que é aquilo? — murmurou Ari e, antes que eu pudesse responder, ela já estava correndo para avançar.

— Opa, calma. — A agarrei pela cintura, sem machucá-la, mas com força suficiente para impedi-la. Ela tinha posto tanta força em sua arrancada que o impulso interrompido a fez tropeçar contra meu corpo. Os ombros dela colidindo com meu peito. Meu braço instintivamente se afrouxou a sua volta, minha cabeça se aproximando da dela. — Sempre com pressa, fadinha.

Ela se desvencilhou de meu abraço frouxo e girou com a respiração resfolegada, ainda perto o bastante para sentir seu calor roçando em minha garganta. Por trás do lampejo de pânico que começara a se esvaír de suas pupilas dilatadas, vi uma sombra de desejo. Tal visão foi direto para meu pau.

Nossa valquíria não gostava de ser agarrada, mas uma parte dela desejava meu toque.

— Por que você me parou? — Exigiu saber.

Eu controlei meus próprios desejos, aqueles que tentava ignorar e que agora se agitavam ainda mais em meu íntimo.

— Você não perde tempo e se joga para ação sem nenhuma hesitação — declarei. — É louvável. Ninguém poderá um dia dizer que você se acovarda, mas às vezes ir com calma e com cuidado é o melhor a ser feito.

— Eu posso ter *cuidado* — destilou ela. Seus olhos ainda estavam tempestuosos. Ela os fechou por um segundo e respirou

fundo. — Talvez esteja um pouco agitada por conta do que vi ontem nas cavernas. Pensar no que aquelas coisas podem estar fazendo com as pessoas, pessoas que não têm ninguém para defendê-las... — Ela olhou novamente para mim. — Mas você disse que acreditava que eu conseguia me virar sozinha. Não vou fazer uma burrada.

— Eu sei — lhe reafirmei. — E eu acredito em você.

Encarar seu olhar decidido provocou um nó que invadiu meu estômago e apertou meu peito.

Eu era o responsável por trazê-la aqui, até mais do que os demais. Eu a arranquei da paz serena da morte para lutar batalhas pelos deuses que ela nem sequer sabia que existiam. Mais do que qualquer um, eu sabia como era ser forçado a jogar pelas regras impostas por outros e com às quais não concordava. Talvez, eu lhe devesse um pouco mais.

— Se eu interferir, não será por culpa sua — comecei. — É por mim mesmo, e por estarmos arriscando tudo para encontrar Odin. Para voltarmos a Asgard.

— O que você quer dizer com isso?

— Meu poder está se esvaindo mais rápido do que os dos demais — suspirei. — E toda vez que uma tentativa de encontrar o Pai de Todos falha, você pode ter certeza de que eles ficam cada vez mais propensos a me culpar. E prefiro não lidar com isso. Está bem? Se estou muito em cima de você, pode atribuir a isso. Não é culpa sua.

Ari umedeceu os lábios, mantendo o olhar fixo no meu.

— Por que eles te culpariam? Você pode ter me escolhido, mas as outras valquírias...

— O que posso dizer? — Dei de ombros e deixei um sorriso surgir

em meu rosto. — Eu sou um encenqueiro. Portanto, é mais fácil jogar a culpa de qualquer problema do mundo em cima de mim.

As feições dela se tensionaram por um breve momento, como se pudesse compreender mais do que eu poderia imaginar.

— Então, você escolheu outra encenqueira para ter ao seu lado.

— Acho que dá para ver as coisas dessa maneira. — Meu sorriso aumentou. — Embora, ainda precisamos saber se você vai realmente escolher ficar ao meu lado.

Ela parecia prestes a me rebater com alguma resposta sarcástica quando, na mesma hora, o leve agitar sombrio que vira antes se solidificou na forma de um pássaro. Um corvo. Que deslizou do telhado em que estava empoleirado e assumiu a forma de uma jovem mulher, seus cabelos e olhos, assim como o vestido largo, tão escuros quanto as penas de antes. Nenhum dos humanos ao nosso redor sequer piscou quando ela andou em nossa direção. Eles também não podiam vê-la.

Ora, ora, ora. Que surpresa, e ainda assim, extremamente conveniente.

A lâmina da Ari veio para fora, seus ombros em alerta. Toquei levemente um deles.

— Está tudo bem. Por ora, não tem perigo nenhum. Ela é uma amiga.

A valquíria seguiu preocupada. Parecia até que não confiava plenamente em *minha* capacidade de julgar qualquer ameaça.

— Loki — disse a mulher em uma voz melodiosa, mas ligeiramente rouca. — Estive procurando por você.

— Não costuma ser tão difícil me achar, quando se está realmente tentando — respondi. — Presumindo que eu não importo

que me ache. Aliás, quase não a reconheci, Muninn. Já faz bastante tempo.

A mulher corvo me lançou um sorriso que me fez lembrar os ângulos de seu bico. Quantas décadas, ou talvez séculos, se passaram desde que Odin retornara de uma de suas andanças sem seus companheiros plumosos de costume? Ele nunca se preocupou em explicar por que tinham se separado, além do típico “Era hora deles procurarem por algo diferente” em seu jeito enigmático. O que seus antigos bichinhos andavam aprontando desde então?

— Realmente faz tempo — concordou Muninn. Sem dúvidas, ela sabia dizer exatamente o dia e a hora em que o viu pela última vez. Antes de hoje, eu nunca a tinha visto se transformar em uma forma humana, mas não me surpreendia ser capaz de fazê-lo. Todos nós mudávamos com o passar do tempo, e os corvos de Odin sempre se mostraram bastante humanos.

— Permita-me lhe apresentar Muninn — disse para Ari, com um gesto de meu braço. — Senhora da memória e, por vezes, uma das grandes aliadas de Odin. — Decerto, era interessante vê-la reaparecer agora. Olhei novamente para a mulher corvo. — Tem algum motivo específico para estar me procurando?

Ela inclinou a cabeça de um jeito assustadoramente semelhante à de um pássaro em direção à Ari.

— Você arrumou uma valquíria — comentou. — Fascinante.

Ari se irritou, mas eu sabia que ela não precisava de nenhuma ajuda minha.

— Quase tão fascinante quanto um corvo virar uma mulher — retorquiu Ari.

Muninn simplesmente piscou para ela.

— Imagino que esteja aqui pelo mesmo motivo que eu — disse, virando-se para mim. — Estou com a sensação de que algo horrível tenha acontecido a Odin. Procurei por ele por toda Midgard, mas não encontrei vestígio algum. Asgard está fora de meu alcance sem a ajuda dele, tampouco ele tem atendido ao meu chamado. Acho tudo isso muito preocupante. Você não acha?

— Sim, achamos — falei. — Ele não está em Asgard, disso temos certeza. Suponho que você não conseguiu reunir nenhuma pista do paradeiro dele, não é?

— Nenhuma até agora — replicou. — Mas eu quero oferecer a minha ajuda, caso também estejam procurando. Nós costumávamos achar que duas cabeças pensam melhor do que uma. — Ela sorriu levemente com sua piada apática.

— Por onde anda o Huginn? — perguntei. O seu parceiro, o corvo do pensamento, estava sumido há tanto tempo quanto ela.

Ela balançou a cabeça.

— Ele partiu atrás de suas próprias aventuras. Ansioso para abrir as asas e sair do ninho, se é que entende. Não nos falamos há muito tempo.

Seu comportamento não sugeria nada além de preocupação e um pouco de anseio, fora que os corvos de Odin sempre demonstraram lealdade nos séculos em que convivemos. Eu nunca confiava em ninguém, e em nada, piamente, mas poderíamos aproveitar a ajuda dela.

— O que sabe sobre os elfos sombrios? — questionei e a indiquei para a marcação na parede. — Ou sobre os símbolos deles como esse, aqui em Midgard? Eles parecem estar de alguma forma envolvidos nesse nosso problema.

— Eu vi marcações como essas nas cavernas deles também — acrescentou Ari.

Muninn franziu o cenho, estudando os símbolos.

— Os elfos sombrios nunca chamaram minha atenção, mas posso pensar em alguns locais que podemos investigar.

18.

Aria

— Você viu elfos sombrios por essa parte da cidade ultimamente?
— quis saber Hod, conforme andávamos por um bairro empobrecido nos arredores de Pittsburgh.

Muninn, que nos indicava o caminho, assentiu. Com seu queixo pontudo, o movimento me lembrou ainda mais o corvo que já vira ela se transformar algumas vezes. Era ainda mais perturbador do que ver as diversas transformações de Loki. Pelo menos, ele ainda se portava como um humano, quando estava na forma de um.

— Não me lembro exatamente quando — mencionou ela em uma voz estranha, que parecia um trinar rouco. — Mas foi no ano passado. E aqueles símbolos que mencionou, vim conferir ontem para ver se eram os mesmos. É isso que vou mostrá-los agora.

Thor balançava seu martelo em um arco perfeito ao seu lado. Ele o sacou de seu cinto no segundo em que chegamos por nossos variados meios mágicos e alados.

— Se tiver algum comedor de terra por aqui, ele vai se arrepender.

Loki lançou um olhar para o deus parrudo.

— Se tiver algum por aqui, nós vamos capturá-lo para que possamos interrogá-lo sobre a entrada ao mundo deles. E não quebrar a cabeça deles na porrada, por mais prazeroso que possa ser.

Ele falou isso de forma humorada, do mesmo modo como falava

de tudo, mas a recordação da nossa conversa de ontem seguia vívida: a seriedade ao admitir o quanto era importante encontrar Odin para ele. Não tardou para desaparecer por detrás de sua fachada brincalhona, mas a emoção em suas palavras havia ressoado profundamente em meu coração. Lembrando disso, tive vontade de me aproximar dele.

Ou talvez fosse apenas uma parte mais necessitada de mim, que se lembrava da sensação de seu braço em volta do meu corpo.

— Nós ainda não sabemos como os elfos sombrios estão envolvidos no desaparecimento de Odin — apontou Baldur, me trazendo ao presente.

— Eles arrebentaram a Ari — grunhiu Thor. — De um jeito ou de outro, eles estão tramando alguma coisa. E isso é tudo que preciso saber.

— Acho que este é um daqueles raros momentos em que não se pode ver o lado bom das coisas — comentou Freya, erguendo uma sobrancelha para o deus da luz.

— Se bem que, descobrir o que eles sabem sobre o Odin seria bom — riu Baldur em seu jeito sonhador.

— Se conseguirmos encontrá-los — eu disse. Até agora não tínhamos identificado nenhum vestígio sobrenatural nesse subúrbio deteriorado. Era pouco mais de meio-dia, mas parecia um anoitecer devido às nuvens que cobriram o céu pela manhã e esconderam o sol. No entanto, não havia sinal de chuva. Só aquele mormaço abafado tão denso que era possível tocá-lo.

— Estamos quase lá — alertou Muninn, aumentando seu ritmo, os passos acelerados enquanto atravessava a rua. No meio do caminho até o próximo quarteirão, ela virou em direção a uma casa

tipo bangalô, mais decrépita do que as outras vizinhas. O vidro em uma das janelas estava quebrado, apenas cacos despontavam de sua estrutura. Metade de um degrau de concreto da varanda da frente havia ruído.

No bloco de concreto de sustentação da casa avistamos gravadas cinco linhas retorcidas.

Muninn empurrou levemente a porta que se abriu com o ranger de suas dobradiças. Na mesma hora me arrepiei. Eu já não gostei da *vibe* daquele lugar. Ela me fazia lembrar demais as casas e apartamentos que tive de viver nos meus primeiros anos me virando sozinha, antes de ter o suporte necessário para algo melhor.

A sala do outro lado confirmou minhas suspeitas. Pelo chão de linóleo rachado vários frascos coloridos estavam jogados por entre as poltronas esfarrapadas. Uma seringa amarelada repousava sobre alguns jornais manchados. O fedor de urina seca, fumaça de algum produto químico e bolor me assaltaram. Torci o nariz, enquanto dava a volta ao redor de um cobertor puído e manchado sabe-se lá com o quê.

— Uma casa para uso de craque — informei aos deuses que seguiam atrás de mim. Hod fazia uma careta e até mesmo Baldur parecia enojado. Se eu ainda não tinha certeza de que os elfos sombrios estavam atrás de pessoas que dificilmente seriam dadas como desaparecidas, tinha agora.

Freya se aventurou um pouco mais pela sala e com a ponta do pé remexeu uma marmita amassada.

— Parece que faz um tempo que alguém andou por aqui — disse ela. — Olha só essa poeira.

Ela estava certa. Uma camada fina de poeira acumulara por sobre

os móveis, até mesmo sobre o chão que agora estava marcado pelos nossos passos.

— Isso é estranho — comentei, olhando ao redor. — A casa ainda está aberta. Tem até mesmo... — Cutuquei um saquinho murcho com a ponta do pé. — Eles nem terminaram de usar as drogas. Tampouco parece que teve uma batida policial. — Eu havia presenciado uma dessas, brevemente, enquanto tentava escapulir por uma janela e descer pela saída de emergência. Esse lugar estava uma bagunça, mas era uma bagunça ordenada para padrões de drogados, não o caos completo deixado por um bando de policiais invadindo o local. Se tivessem encontrado esta casa, ela estaria fechada cheia de tapumes.

— O que acha que isso quer dizer? — perguntou Thor se aproximando ao meu lado.

— Eu não sei — respondi. Indecisa, passei a mão sobre meus lábios, sem querer dizer o que estava pensando. Mas qual necessidade em negar isso? — Acho que *todas* as pessoas que estavam usando esse lugar foram levadas daqui, só que não pela polícia.

Thor rosnou alto.

— Você tem certeza que não posso arrebentar alguns deles? — perguntou ao Loki.

O deus trapaceiro observou a sala com uma curiosidade absorta.

— Por mais que eu respeite aqueles que vivam às margens da sociedade, essa aqui parece mais a casa da escória — disse ele. — Não sei ao certo se o que os elfos sombrios fizeram com eles foi pior do que o que eles já faziam consigo mesmos. — A entonação de sua voz era convincente, mas o brilho costumeiro de seus olhos

havia desaparecido. Ele estava longe de não se sentir afetado por isso, como tentava demonstrar.

— Não quer dizer que eles mereciam isso — retrucou asperamente Thor, com seu rosto ficando vermelho.

— É claro que não — disse Loki lhe lançando um olhar mais compassivo. — Só estou comentando isso para acalmar a sua raiva, ou você vai se estourar antes de chegarmos ao fundo disso.

Thor murmurou algo que soou ultrajante por entre sua respiração, mas não prosseguiu com a discussão.

— Bem, claramente não tem ninguém aqui, humano ou elfo — declarou Hod. — Se não há mais nada interessante nesse lugar, que tal continuarmos?

Loki vasculhou os demais ambientes que se ramificavam da primeira sala.

— Nenhuma entrada élfica secreta, nenhum outro símbolo, nenhuma pista até onde pude ver — anunciou ele ao retornar.

— Eu dificilmente chamaria isso de um trabalho meticuloso — reclamou Thor, marchando para longe do deus trapaceiro e indo conferir por conta própria.

Freya balançou a mão em frente ao seu nariz.

— Enquanto ele está fazendo isso, podemos sair daqui?

— Tem um outro local — garantiu Muninn, seus olhos vagando para baixo de forma lastimosa. — É mais perto de onde vi os elfos da última vez. Espero encontrarmos algo mais por lá.

Depois de esperarmos mais alguns minutos no pequeno gramado, Thor saiu pisando forte, com uma expressão séria em seu rosto.

— Por aqui! — indicou Muninn, disparando rua abaixo.

Eu alcancei o deus do trovão e caminhei ao seu lado enquanto

seguíamos atrás de Muninn. Eu nunca o tinha visto tão irritado assim antes. E era por causa de um bando de viciados.

Mas se eu tivesse tido menos sorte naqueles primeiros anos quando saí de casa, poderia ter terminado como eles. Eles ainda eram pessoas. Pessoas das quais os elfos sombrios precisavam se afastar completamente.

— Você realmente se preocupa com eles — comentei. — Com todos aqueles que os elfos sombrios podem ter machucado. Não é?

Thor respirou fundo e olhou para mim. Seu rosto ainda ruborizado pela raiva.

— Eu sou o deus dos homens. Deveria proteger seu mundo todo. Claro que não posso fazer muita coisa quando vocês machucam uns aos outros, apesar disso me corroer às vezes, mas eu deveria ao menos ser capaz de impedir quaisquer outros seres de atacarem vocês. Há quanto tempo isso está acontecendo sem eu perceber?

Ele não estava só com raiva dos elfos, estava com raiva de si mesmo. O homem mais poderoso que já conheci, se sentia impotente agora.

Uma pontada de dor me sobressaltou. Senti a necessidade de segurar sua mão e assim lhe reconfortar de alguma maneira.

Oras, por que não? Não precisava significar muita coisa. Ele esteve comigo quando precisei, e sem dúvidas estaria comigo de novo, enquanto tivéssemos os mesmos objetivos.

Peguei sua mão e deslizei meus dedos por entre seus dedos mais grossos, dando um pequeno aperto. Os músculos de Thor se contraíram levemente. Um indício da mesma energia dourada brilhante que sentira com o Baldur ontem, crepitou por minha pele. Imaginei se tratar da energia vital de um deus.

Thor retribuiu o aperto na minha mão da forma mais delicada que suspeitei ser capaz, o que ainda era bem firme. Meu coração disparou com a súbita sensação de estar presa no lugar, mas logo se acalmou quando ele relaxou o toque.

— Ari — disse ele, de forma tão baixa e carinhosa que meu coração palpitou por um motivo completamente diferente.

— Aqui — gritou Muninn mais adiante. — Este é o outro local que comentei.

O maxilar de Thor se retesou. Deixei minha mão escorregar da dele, quando ele correu para se juntar à Muninn. O que quer que ele estava prestes a dizer, poderia dizer mais tarde. Agora, eu só queria que ele pudesse arrebentar a cabeça de alguns elfos sombrios.

O prédio para o qual Muninn nos guiou era uma escola de ensino fundamental. Os pelos da minha nuca se eriçaram conforme nos aproximamos. Esses filhos da puta estavam pegando *crianças*? Agora fodeu, cabeças iriam rolar, com certeza.

Vi imediatamente o símbolo, riscado contra a guarnição de cimento ao redor da porta da entrada principal. Esse aqui parecia mais recente comparado aos outros, o que acho que corroborava a afirmação da mulher corvo sobre os elfos sombrios terem estado aqui não muito tempo atrás.

Era sábado, então o edifício estava às escuras. Loki se aproximou da fechadura e as portas se abriram com facilidade. Entramos todos juntos.

Nossos passos ecoavam ruidosamente pelo corredor vazio. Toda escola tinha o mesmo cheiro, não é? Uma mistura de papel xerocado e cola barata.

Um bolo se formou no fundo da minha garganta. Fazia muito

tempo que eu não via o Petey, que não falava realmente com ele. Eu queria lidar com os elfos sombrios logo, mas ele vinha em primeiro lugar. Da próxima vez que conseguisse escapulir algumas horinhas, iria visitá-lo.

Freya olhou para dentro de uma das salas de aula.

— Suponho que devemos procurar o edifício todo por alguma pista?

— Ou podemos seguir isso — interrompeu Hod, raspando o chão com a sola do sapato. Um pó arenoso cinzento salpicava o chão em pequenos borrões. O tipo de pó arenoso deixado por alguém que andou perambulando por cavernas recentemente.

Thor avançou um pouco mais à frente.

— Tem mais por aqui — disse ele.

Nós corremos atrás dele, virando uma curva no corredor e através de umas portas duplas que levavam à quadra. Essa parte da escola fedia a meias velhas suadas. Eu me virei na penumbra, olhando para o chão e para as paredes.

— Por que eles viriam...

A arquibancada mais próxima irrompeu com uma movimentação turbulenta. Figuras pálidas de cabelos pretos se atiraram em nossa direção, com o leve cintilar de suas lâminas. Um grito de alerta, tardio demais, deixou meus lábios.

Thor rugiu e girou seu martelo. Eu me atrapalhei ao pegar meu canivete. Um dos elfos sombrios me atingiu, atirando-me ao chão. Virei para o lado, quando ele tentou apunhalar meu peito. Asas. Eu precisava das minhas asas.

Elas emergiram de minhas costas com uma força que, apesar de cambaleante, me pôs novamente de pé. Outros dois elfos sombrios

correram em minha direção. Estávamos cercados por uma horda deles, preenchendo o ar com aquele cheiro de musgo embolorado.

E sangue. Saltei para o ar, conseguindo chutar um elfo que tentara arrancar uma de minhas asas, e vi Muninn se esquivar com um fino lamento ao ter o braço cortado por um atacante. Thor arremessou vários ao longe com seu martelo, mas uma outra pulou em seus ombros, enfiando uma faca nos músculos dele. Rastros vermelhos tingiam o chão da quadra.

Baldur empurrou alguns para trás, com uma brilhante explosão de luz. Hod chicoteava sua sombra ao seu redor, embora não rápido o bastante para impedir um elfo sombrio de se enfiar por entre as sombras e lhe ferir na canela. Loki tinha mudado para sua forma lupina. Ele rosnava e abocanhava os atacantes mais próximos, mas um pouco de sangue já surgia por entre seu pelo acinzentado. Um falcão dourado sobrevoou e mergulhou para agarrar um outro elfo, que o tinha esfaqueado. Aquela era a Freya?

O poder e a habilidade com os quais os deuses lutavam eram de tirar o fôlego. Mas havia muitos elfos sombrios ali, um avançando assim que outro caía, se apinhando a nossa volta em um amontoado raivoso.

Voei para baixo e dei uma joelhada na cara do elfo que se prendia às costas do Thor, cortando com meu canivete o pequeno grupo que cercava Muninn. Assim que eles caíram, ela se lançou ao ar em uma explosão de penas, virando novamente um corvo. Atrás de mim, alguém sibilou de dor. Os elfos elevaram as vozes em um grito de batalha como se já fossem vitoriosos.

Não. Eu não ia permitir. Eu era a porra de uma valquíria. Meu único e verdadeiro propósito era virar o jogo em um campo de

batalha. E eu só precisava jogar esses degenerados de volta para aquelas cavernas infernais de onde eles saíram.

Outro elfo sombrio se jogou em cima de mim e, quando desviei, um segundo, pulando sobre as costas de um outro, veio com a faca apontada para minha cabeça. Eu o acotovelei para longe, rápida o bastante para impedir um empalamento de meu crânio. A faca raspou meu couro cabeludo, seus dedos atingindo minha têmpora em uma explosão de dor.

Tentei invocar o trovão que havia lançado no warg uns dias atrás, mas meu corpo não me obedeceu. Aparentemente, eu precisava estar completamente fora de mim para aquilo funcionar. Contudo, tinha outros métodos de destruição.

A chama da escuridão em meu interior se avivou e percorreu meu corpo quando me virei. Ela despertou com uma fome perturbadora, a qual eu estava mais do que feliz em satisfazer. Abri os braços, cortando a barriga de um elfo e enfiando meus dedos ao redor dos cabelos ensebados de um outro.

O pulsar da energia vital da criatura saltitou contra a palma da minha mão e foi tragada. A escuridão tomou forma e devorou aquela energia. O elfo sombrio desabou sem vida. Eu tirei sua vida em um instante.

Fui arrebatada por uma euforia dolorosa. Uma atacante empunhou uma adaga em direção à minha asa, mas a tirei do caminho com um soco e me lancei de volta para a batalha. Tudo aconteceu em um segundo. Mergulhei, espalmando minha mão contra o couro cabeludo de um elfo prestes a penetrar o escudo dourado de Baldur. Apanhei um outro que estava enfiando sua lâmina na lateral do corpo do Hod. A escuridão em mim se

avolumou e abocanhou uma vida atrás da outra.

Eu não conseguiria alcançar a todos, mas consegui alcançar o bastante para virar o jogo. Conforme os corpos se empilhavam ao meu redor, Thor rugiu novamente e investiu contra a horda de atacantes. Seu martelo derrubando pelo menos meia dúzia deles. Loki se jogou para o espaço que Thor abria, rasgando e degolando gargantas com seus dentes e garras de lobo.

Outro grito ecoou dos elfos, contudo este soou mais desesperado. Em um piscar de olhos, os poucos que ainda restaram de pé recuaram para as arquibancadas. Thor partiu atrás deles, seu rosto tão rubro quanto a cor de seus cabelos, os olhos arregalados com a fúria. Loki pulou em um outro elfo com um estalar de sua mandíbula. Muninn disparou para baixo e cortou o pescoço de um elfo em fuga com seu bico afiado.

— Baldur! — chamou Freya. Ela estava com Hod, caído de joelhos. Sangue encharcava as calças do deus sombrio devido ao ferimento em sua cintura.

— Não — disse ele entredentes. — Estou bem.

Ela o ignorou. Seu gêmeo brilhante correu para seu lado. Eu também me deixei desabar ao chão, o latejar de meus próprios ferimentos cobrando o preço. Uma dor penetrante atingiu minha têmpora. Minha asa machucada estalou com a dor.

Corpos dos elfos sombrios nos rodeavam, todos sem vida. Thor enfim parou, seu peito arfando, o rubor começando a deixar seu rosto.

— Não faço ideia de para onde o resto deles foi — grunhiu ele.

Não tínhamos capturado nenhum para interrogar. Estávamos ocupados demais tentando não morrer. Mas Loki só fez uma careta,

passando uma das mãos sobre seus próprios ferimentos.

— Por ora, só posso dizer que foram tarde.

Nós vencemos a batalha. E agora sabíamos um pouco mais do que antes. Ao que parecia, os elfos sombrios não tinham apenas problemas com o Odin. Sem dúvidas, eles estariam felizes em nos matar, e chegaram muito perto disso para meu gosto.

19.

Aria

Quando acordei do cochilo curativo que Baldur me induziu, o céu do lado de fora da janela do quarto tinha escurecido, mas não completamente. Um brilho rosa pálido riscava as nuvens com o sol poente. Por um instante, foquei minha atenção naquela bela cor, enquanto resquícios da batalha com os elfos sombrios ecoavam em minha cabeça. O sangue. A pancadaria. A sensação inebriante da energia vital que arranquei de seus corpos.

Meu estômago se embrulhou. Afastei aquelas lembranças. Como o Thor disse quando falamos sobre as lutas, eu estava me defendendo e protegendo as pessoas que precisavam. Um descuido, e minha vida seria destruída mais uma vez. Não era como se eu *gostasse* daquela violência toda.

Agora, só havia uma única pessoa em quem eu queria pensar. Uma pessoa em quem eu deveria pensar.

Eu me desvencilhei da cama, checando se meus membros estavam inteiros e funcionais. Se depois do meu primeiro embate com os elfos sombrios a sensação era de que estava me recuperando de um dia intenso de exercícios, desta vez parecia que estava saindo de uma forte gripe. Fiz uma careta ao sentir a queimação em meus músculos e saí em direção ao corredor.

Pelo horário, ainda dava tempo de visitar Petey antes da sua hora de dormir. Dessa vez, eu tinha que falar com ele. Deixá-lo saber que eu ainda estava cuidando dele. Com certeza, só conseguiria

enfrentar outra batalha depois de vê-lo.

Não ouvi nenhuma voz vindo de baixo. A casa estava calma e silenciosa, apenas com uma luz acesa: a da cozinha. Um cheiro forte e delicioso me recebeu quando cheguei. Um bilhete repousava sobre a mesa.

Querida fadinha,

Thor insiste que deixemos você dormir, e tenho a impressão de que ele enfiará seu martelo na minha cabeça se eu seguir discutindo. Fomos investigar outra pista. Tem um ensopado na geladeira se estiver com fome, e, caso precise, Hod provavelmente estará enfurnado em seu escritório com cara de tacho. Prometo reservar alguns elfos sombrios para você.

Ele não tinha assinado, mas a escrita angulosa já me dizia que foi Loki quem escreveu o bilhete, se o uso do apelido e o tom jocoso não tivessem deixado claro.

Poderia ter me aborrecido, mas a saída deles só facilitou as coisas para mim. Eu só teria que me preocupar com um deus e, convenientemente, era um que eu esperava ter a meu favor. Escancarei a porta da geladeira, ignorando o ensopado, apesar do cheiro delicioso, e peguei um pãozinho que recheei com algumas fatias de presunto antes de me dirigir ao escritório.

— Sim? — respondeu Hod, quando bati à porta. Eu a abri para encontrá-lo sentado à mesa, quase igual da última vez, a única diferença é que ele tinha um livro aberto à sua frente. Sua mão repousava espalmada sobre as páginas, mas até onde pude notar, não havia nenhuma escrita em braile. Imagino que estivesse usando o método mágico de leitura que mencionou anteriormente. — O que foi, valquíria? — perguntou ele, erguendo o olhar cego em minha

direção.

É claro que ele sabia que era eu. Não havia mais ninguém aqui. Pelo que eu notei até agora, ele poderia dizer quem era apenas pelo som da respiração ou o farfalhar das roupas. Apesar de sua cegueira, não deixava nada passar.

— Eu vim te avisar — informei. — Para não precisar me perseguir de novo. Estou indo ver meu irmão. Não vou me demorar.

— Eu não acho... — começou a retorquir ele, franzindo o cenho.

— Eu estou indo — afirmei decidida. — Fiz tudo que vocês me pediram para fazer, e muito mais, agora vou fazer algo por mim. A menos que queira brigar comigo sobre isso.

Eu não tinha certeza de como poderia brigar com um deus completamente formado. Hod não pareceu nem um pouco preocupado. Ele suspirou e esfregou a têmpora, dispersando as pontas de seu cabelo curto da testa.

— Está bem — respondeu. — Mas você não vai sozinha.

Eu me irritei quando ele se levantou.

— Você ainda não confia em mim?

Ele me lançou um olhar amedrontador.

— Primeiro, eu não confio nos elfos sombrios e quem quer que pode estar ao lado deles. E não, eu também não confio completamente em você. O motivo pelo qual Loki te escolheu foi porque você sempre se preocupa com você mesma em primeiro lugar. Ou estou enganado, e você na verdade é uma pessoa completamente altruísta e dedicada a tornar o mundo um lugar melhor?

Agora estava realmente puta da vida.

— Você não precisa ser um babaca — rebati. Mas também não

havia muito mais o que dizer. A verdade era que eu já tinha planejado quebrar ao menos mais uma regra nas próximas horas. E não era como se eu tivesse qualquer intenção em seguir por aqui, cumprindo meu dever divino, depois de resolvermos todo esse problema com os elfos sombrios.

Aquilo tampouco era altruísmo. Eu pensava no Petey, tanto quanto pensava em mim mesma.

— Vamos ou não? — fora tudo o que Hod disse.

Murmurei algo bem ultrajante sob minha respiração e marchei para a porta da frente, tentando fingir que eu não o sentia me seguindo.

No gramado da frente, forcei minhas asas para fora. Elas saltavam de minhas costas com quase nenhum incômodo agora, deslizavam tão facilmente quanto a lâmina para fora do cabo de meu canivete. Como se elas estivessem se tornando cada vez mais parte de mim, ao invés de algum apêndice alienígena que haviam enfiado ali.

Eu ainda não gostava totalmente da ideia, mas não havia como negar a utilidade delas. Com um leve bater de asas, eu já estava voando em direção a Filadélfia. Hod sendo conduzido atrás de mim por seu tapete mágico de sombras.

Eu queria me deixar levar na agitação do vento e no cenário correndo abaixo de mim, mas a ansiedade me consumia por dentro. Eu tinha me distraído demais com os elfos sombrios e com os horrores que presenciei no mundo deles. Não importava quantas pessoas eles estavam atacando, Petey vinha em primeiro lugar. Ele precisa de mim mais do que qualquer outra pessoa. Eu prometi que estaria sempre com ele.

Mas por ora, ele ainda estava há quilômetros de distância. Não tinha nada para me distrair, além do deus da escuridão deslizando ao meu lado.

— Aliás, por que deixaram você para trás? — perguntei, chamando sua atenção.

Hod manteve o rosto virado para frente, como se estivesse se guiando pela visão.

— Fui quem mais se feriu durante nosso embate de tarde. Eles presumiram que eu precisava descansar.

O mesmo motivo que tinham usado comigo. Acho que nem poderia me sentir ofendida, pois eles fizeram o mesmo com um deus como eles.

— Tem certeza de que está bem para voar? — questionei. — Eu já lhe disse, vou ficar bem sozinha.

— Isso não funcionou quando estávamos em casa — disse, virando enfim seus olhos em minha direção, os tons verdes ainda mais escuros por causa do anoitecer. — Então, não será agora que vai funcionar.

Dei de ombros, com um leve giro de minhas asas, como se aquilo não fizesse diferença alguma para mim.

— Não pode culpar uma garota por tentar. — Uma outra pergunta começou a me intrigar. — Você realmente acha que precisamos nos preocupar com os elfos sombrios por aqui?

— O que quer dizer?

— Foi você quem mencionou, sem contar que eles nos pegaram de jeito hoje. Se não estivéssemos todos juntos... — parei por um instante. — Loki disse que vocês ainda podem morrer. E que não sabem se poderão retornar, caso aconteça.

— Loki fala um monte de coisas — desdenhou Hod. — Admito que isso até pode ser verdade, mas nós somos muitos mais resistentes do que qualquer humano. Os comedores de terra tinham a vantagem, por um breve momento, porque eles nos pegaram de surpresa e não estávamos esperando sermos atacados assim. Mas não cometeremos o mesmo erro novamente.

Isso não descartava a possibilidade deles nos surpreenderem de outra forma. Contudo, sacudi essa inquietação para longe, impulsionei minhas asas para ir mais rápido conforme as luzes da Filadélfia surgiam mais à frente. A proximidade com minha casa afrouxou um pouco o embrulho em meu estômago. Meus sentidos de valquíria podiam captar até o zumbir leve de todas aquelas vidas humanas à nossa frente, respirando, comendo, gargalhando e fazendo todas as coisas mundanas que os humanos deveriam fazer.

Eu ainda podia fazer todas essas coisas como uma valquíria. Só não em companhia de outros humanos, de acordo com a opinião dos deuses.

Eu planei por alguns telhados, até chegar à rua em que minha mãe morava. Então, deslizei em um arco perfeito para aterrissar no parapeito da janela do Petey.

Ele estava agachado no chão do quarto, fazendo vozes roucas para seus bonecos conforme travavam uma guerra sobre o tapete esfarrapado. Sua cabecinha nem mesmo se moveu, quando me ajeitei na beirada de sua janela entreaberta.

Sentei-me ali por alguns minutos, observando meu irmãozinho brincar. Seus olhos azuis acinzentados estavam brilhantes, mas distantes, enquanto se concentrava em seu mundo imaginário. Qualquer que seja a história fervilhando em sua caraminhola, ela

envolvia metade da sua caixa de brinquedos, embora não fosse uma caixa muito grande. Uma mecha de seu cabelo loiro, mais do que comprido, caiu sobre o rosto, e meus dedos coçaram para colocá-la de volta ao lugar.

Agora, só precisaria ser rápida e ágil. Sequer lancei um olhar ao Hod, mas eu o senti sobrevoando a uma certa distância, aguardando. Ele não iria embora, nem se eu pedisse, nem mesmo por um minuto. Isso estava claro. Então, eu precisava contar com minha velocidade e com o senso de discrição dele.

Petey fez seu super-herói decolar. Eu agarrei a beirada da janela e concentrei toda a minha atenção no meu corpo: no ar abafado da noite, apesar da brisa gelada contra minha pele, na tinta descascando sob as palmas das mãos. Ao mesmo tempo, contraí minhas asas de volta para minhas costas.

— Valquíria! — bradou Hod, e na hora eu sabia que tinha conseguido.

Eu me enfiei pela abertura da janela, um instante antes dele agarrar o ar atrás de mim, por pouco não alcançando meu braço.

Meus pés pisaram no chão e eu me estremeci. Mas eu estava ali dentro, respirando o odor azedo dos lençóis que minha mãe quase nunca se incomodava em lavar. Petey se virou. Um sorriso largo surgiu em seu rostinho, tão alegre que fez cada momento doloroso da última semana valer a pena.

— Ari — sussurrou ele, sabendo que precisava se manter quieto apesar de sua felicidade. Ele correu e atirou seus braços ao meu redor, pressionando o rosto contra meu ombro, quando me agachei para abraçá-lo. O cheiro doce de sua pele infantil substituí os odores menos agradáveis do quarto.

Meu coração palpitou. O abraço de Petey parecia diferente do que o de costume, mais apertado e desesperado.

— Ei — disse docemente, passando minha mão sobre seu cabelo despenteado. — Aconteceu alguma coisa?

— Mamãe disse que eu nunca mais te veria de novo — balbuciou ele contra minha blusa. — Eu *sabia* que ela estava errada.

Essas duas frases me disseram tudo que eu precisava saber. Minha mãe descobrira sobre minha morte, e ela preferiu machucar o Petey, o fazendo pensar que eu o tinha abandonado, do que lhe dizer a verdade.

Eu abracei meu irmãozinho ainda mais apertado. Infelizmente para ela, eu sempre dava meu jeito de voltar e mostrar o quanto ela estava enganada.

Dedos soaram contra a janela. Quando Petey não reagiu, percebi que só eu poderia ouvir. Como o esperado, Hod seguia invisível. Ele não poderia entrar aqui e me tirar de perto do Petey sem provocar um alvoroço.

O deus da escuridão poderia ser insensível, mas era inteligente. E sua lógica, provavelmente, lhe dizia que me deixar brincar um pouco com meu irmão, por mais alguns minutos, faria menos mal do que se tentasse intervir.

— Valquíria, saia já daí — rosnou ele. Eu ignorei o chamado.

Apertei Petey uma vez mais e beijei sua bochecha. Quando me afastei, a gola de sua blusa escorregou um pouco pelo ombro, revelando uma marca disforme roxo-amarelada, logo acima de sua clavícula.

Meu coração vacilou.

— Petey, o que aconteceu?

Os olhinhos do meu irmão se arregalaram.

— Não é nada — tentou se desvencilhar rápido. — Eu tropecei e caí.

Uma onda de raiva e culpa invadiu meu estômago.

— Deixe-me dar uma olhada — pedi, tentando manter a voz gentil.

Petey se empertigou um pouco, mas ficou paradinho, enquanto eu levantava sua camiseta um pouco mais para o lado. Seu ombro magro (puta merda, por que nossa mãe não o alimentava direito?) ostentava não um, mas quatro hematomas disformes, como marcas de dedos grandes e grossos. Tropeçou e caiu, o caralho. Meus próprios dedos se agarraram ao tecido de sua camiseta, com cuidado, para não roçar a pele já sensível.

— Foi o Ivan ou a mamãe? — perguntei, mas já sabendo muito bem a resposta. Nossa mãe agia negligenciando e abandonando propositadamente, fora a tortura emocional. Ela só levantou a mão para mim uma única vez, e tinha sido no dia que saí de casa. Mas ela tinha um fraco por homens violentos, que, mesmo depois de ver o filho mais velho morto, não fez nada para mudar.

O lábio inferior de Petey tremeu. Eu me obriguei a relaxar as mãos e, então, acariciei seu braço.

— Está tudo bem, carinha. Você pode confiar em mim. Não vou te meter em nenhum problema.

— Eu derrubei a caneca favorita dele da bancada da cozinha, e ela quebrou — gaguejou ele. — Foi um acidente.

— É claro que foi. Ele só é um... só é um valentão. — Consegui proferir depois de engolir todos os xingamentos que queria dizer, e puxei Petey para meus braços de novo. A escuridão que havia se

avivado em meu íntimo durante a batalha com os elfos de tarde se agitou novamente. De alguma forma, eu conseguia me sentir invencível e insegura ao mesmo tempo.

Não queria que meu irmãozinho percebesse o que eu sentia. Nem mesmo imaginasse o que essa Ari era capaz de fazer agora.

— Eu não posso ficar — disse. Ele já estava acostumado com isso. — Eu só precisava te ver. Eu *sempre* estarei por perto, cuidando de você, mesmo que não me veja por um tempo. Tá? E, na próxima vez, vou te trazer mais um pack daquelas cartas que gosta.

Ergui minhas sobrancelhas para ele, e um sorriso retornou ao seu rostinho. Ele não tinha notado a fúria que irradiava em minhas veias. Baguncei seu cabelo uma última vez e me endireitei.

— Eu te amo, Ari — disse ele com seu jeitinho inocente, típico de uma criança de seis anos.

— Eu também te amo, moleque — respondi, mas com um bolo na garganta. Ele mal sabia quem eu era agora. Nem eu sabia mais.

Mas eu compreendia o que poderia fazer, e sabia exatamente a quem.

Quando enfim consegui sair pela janela, meu corpo já chacoalhava. Hod firmou sua mão ao redor do meu antebraço, e todas as forças que eu dispendera para me deixar visível se esvaíram.

— O que, em nome de Hela^[9], foi isso? — bradou ele.

— Tira as mãos de mim — repliquei, lhe empurrando e desvencilhando meu braço de seu aperto. Mergulhei, com as asas surgindo de minhas costas. Eu podia ouvir a tv ligada no porão. Ivan estaria lá embaixo, em sua maldita caverna de macho. Homenzinho

filho da puta que batia em uma criancinha. A raiva me consumia, queimando cada vez mais fundo e mais sombriamente. O resto do mundo a minha volta desapareceu em meio àquele desespero.

Ele nunca mais iria tocar no meu irmão de novo.

— Ari!

Hod me agarrou por trás e ergueu uma parede de sua sombra mágica à minha frente. Nós dois caímos sobre o gramado, a poucos metros da janela do porão por onde eu almejava atacar. Eu sibilei e me defendi com cotovelos e joelhos, mas o deus sombrio me manteve firme no chão com suas mãos e as gavinhas de sua sombra.

— Me deixe *ir* — disse, me debatendo completamente agora. — Ele merece isso. Ele merece todo o inferno que posso fazer na vidinha de merda dele. Esse canalha filho da puta!

— Ari — chamou-me Hod com sua voz baixa, mas contida. — Seu lugar não é aqui. Você não pode simplesmente sair matando qualquer pessoa porque está com raiva.

— Ele não é qualquer pessoa. Ele é o arrombado que bateu no meu irmão. Agora sai de cima de mim, porra!

— Eu não vou sair — retrucou Hod. — Não até você me escutar. E eu tenho mais poder no meu mindinho do que você tem no seu corpo todo, então nem tente.

— Eu *tenho* que fazer isso — disse entredentes. — Você não entende.

Os olhos de Hod encontraram os meus, olhos tão rasos, mas ao mesmo tempo tão profundos.

— Então, por que não me explica?

Puxei o ar, cada músculo estremeando com a sensação de estar

presa, toda a raiva, dor e culpa se contorcendo em minhas entranhas, então, comecei a chorar.

Hod fez uma careta e saiu de cima de mim. As sombras segurando as minhas pernas se afrouxaram. Dei uns tapinhas no rosto para me controlar, mas não consegui segurar as lágrimas nem o soluço preso em minha garganta. Merda, merda, merda. Controle-se, Ari.

Engoli em seco e esfreguei meus olhos. Algumas lágrimas seguiram percorrendo minhas bochechas, mas consegui respirar sem soluçar. Hod seguiu de braços cruzados entre mim e a janela do porão, seus olhos atentos, a boca retorcida. Era impossível imaginar o que ele estaria pensando agora.

Quando ele falou, sua voz ainda estava contida, mas havia uma doçura que eu nunca tinha notado antes.

— Vamos, pode me contar. Sou todo ouvidos.

O canto da minha boca se ergueu, apesar da situação. Minha raiva tinha se esvaído com todas as lágrimas. Agora eu só conseguia sentir um vazio incômodo dentro de mim.

Eu queria mesmo me tornar uma assassina? Não sabia. Mas talvez eu já fosse uma.

No entanto, nunca tinha matado um ser humano antes.

Umedeci meus lábios e dobrei os joelhos, deixando minhas mãos repousarem sobre eles. Meu olhar fixo sobre meus dedos sujos de terra, enquanto lutava para encontrar as palavras.

— Não é uma história muito legal. Eu tive uma mãe de merda. Ela gostava de namorar outros caras de merda. Meu irmão mais velho tentou me proteger, mas ele também ainda era só uma criança.

— Seu irmão *mais velho* — repetiu Hod.

— Francis. — Há anos eu não dizia o nome dele em voz alta. Isso deixou minha boca ainda mais seca. — Ele quem me deu aquele canivete. Ele disse que era o jeito dele de estar comigo, mesmo se não estivesse por perto, caso eu precisasse. Mas mesmo quando as coisas pioraram, eu não o usei quando mais precisei. Eu acabei *cedendo*. Covarde para cacete, né. Quando Francis descobriu, ele atacou o cara. O cara o atacou de volta e bateu com a cabeça do meu irmão no canto da bancada da cozinha.

Tentei puxar o ar novamente.

— Segundo a polícia, mais um caso de homicídio doloso simples.

Essa era a única memória que eu nunca seria capaz de apagar. Também não queria esquecê-la. Francis merecia mais do que ser esquecido, até mesmo aquele último momento devastador, quando me aproximei do seu corpo encolhido, vendo o sangue empoçando por baixo de seu cabelo claro, com lágrimas borrando minha visão e um grito em minha garganta.

— O homem que fez tudo isso — mencionou Hod —, está preso?

Ele não me perguntou sobre o que eu teria cedido. O que o Francis tinha descoberto. Eu não sabia que podia me sentir tão grata naquele momento. As lembranças daquelas noites horríveis, pressionada contra o colchão empelotado, afastando minha mente para longe enquanto aquele canalha grunhia e me apalpava cada vez mais... Eu teria apagado todas essas lembranças se pudesse. Elas me machucavam muito, até mesmo quando não pensava diretamente nelas.

— Sim — consegui responder. — Pelos menos por mais uns cinco anos até a audiência para tentar a liberdade condicional. Mas o Ivan pode ser tão ruim quanto ele. Eu não posso deixar nada disso

acontecer com o Petey. Eu não posso simplesmente deixar as coisas *acontecerem*, deixá-lo se machucar porque não consegui impedir.

Minha voz começou a embargar novamente. Eu me calei. Ficamos lá por um longo período em silêncio.

— Eu te entendo — comentou Hod, repentinamente.

Meu olhar disparou para seu rosto. Ele franzia o cenho, cabisbaixo.

— O que você quer dizer? — Como um deus poderia ter alguma ideia...

— Eu sei como é — falou. — Eu sei como é se sentir culpado pela morte de alguém que você ama. — Ele riu asperamente. — Eu sei disso melhor do que qualquer um. Pelo menos você... Quantos anos você tinha, Ari?

— Doze. — Meus dedos caíram sobre a grama e comecei a puxá-la pelas raízes. — Mas isso não importa. Eu devia ter feito alguma coisa.

— Mas você não pôde — disse Hod. — Você não pôde fazer nada. Tudo o que resta é lidar com o passado.

Ele disse isso de forma tão vaga, que reverberou pelo vazio que me consumia. Eu queria discutir com ele, mas sua declaração fazia sentido, não fazia? Mesmo se eu tirasse a vida do Ivan, isso não mudaria porra nenhuma do que eu fiz ou não consegui fazer dez anos atrás.

Hod estendeu a mão para me ajudar a levantar. Eu hesitei um pouco antes de aceitá-la. Seu aperto se afrouxou quando me pus de pé, mas ele deu um passo à minha frente, levantando a outra mão com cautela. Prendi a respiração quando ele a pousou em meu

cabelo, logo acima da minha orelha. Não era nem de perto um abraço, mas talvez fosse o mais próximo que poderia aceitar dele por ora. Parte de mim queria se inclinar e encostar nele, e parte queria fugir. Então, só fiquei ali onde estava, parada e indecisa no meio. Sendo abraçada, mas não totalmente.

— Você não vai decepcioná-lo — disse baixinho. — Eu sei disso. Vamos achar um jeito. Só não é esse.

Minha garganta se fechou novamente. Pisquei segurando as lágrimas. Eu ainda não tinha me permitido dar um passo adiante, mas deixei minha cabeça se reconfortar em seu toque, só um pouco. Aceitando o alento que ele tentava me oferecer durante aquele breve instante.

A energia que sussurrava por sob a pele do deus sombrio era da mesma calidez dourada que vislumbrei com Thor e Baldur. Nesse aspecto, ele e seu gêmeo eram completamente idênticos.

— Eu quero acreditar nisso — murmurei.

— Coisas ainda mais estranhas se tornaram realidade para você na última semana, não foi?

Eu relanceei para o Hod, embora nossos olhos não se encontrassem. Sua boca se curvou em um leve sorriso acridoce.

— Vamos — sugeriu ele. — Você não vai matar ninguém hoje à noite. Vamos para casa.

20.

Baldur

Loki estava com o notebook aberto na mesa da sala de jantar, rindo para si mesmo, enquanto seus dedos longos digitavam sobre as teclas. O restante de nós, reunidos à sua volta, olhava para o monitor. Janelas de textos e imagens saltitavam pela tela.

— Deuses usando computadores — exclamou Aria. — Não sei como isso pode ser uma boa ideia.

Sua voz era provocadora, mas ao olhá-la, vi uma tensão em seu rosto. Será que estava preocupada com o computador, ou seria outra coisa? Uma preocupação similar agitou meu peito.

— É uma ideia excelente — declarou Loki. — Meu mais novo amigo, e me refiro ao que me deu o computador, e não o computador em si, mesmo estando apaixonado por essa máquina, me passou um tipo de software de reconhecimento de imagens. Ele vai procurar por imagens que correspondam àqueles símbolos que os elfos sombrios usaram, por todas as fotografias disponíveis na internet. Assim seremos capazes de ver se há algum lugar em que esses símbolos se concentram mais.

— E se houver, deve ser onde está o portal deles para Nidavellir daqui de Midgard — complementou Thor.

— Exatamente! Não há motivo para vasculharmos o mundo todo para encontrá-lo. Embora, não culpe a Muninn por tentar à sua maneira.

— Isso só vai funcionar se eles foram descuidados o bastante

para deixar as marcas à mostra — disse Hod.

Loki o dispensou.

— Ah, pega sua rabugice e vá jogar praga em outro lugar, por favor, sobrinho. Eu tenho acesso à internet. Logo poderei dominar o mundo!

Ele piscou para Aria e ela lhe retribuiu com um sorriso, no entanto não conseguia deixar de notar a tensão em suas feições. Aquilo estava deixando meus nervos à flor da pele.

— Seria uma benção termos quaisquer ferramentas que nos ajude a encontrar Odin mais rápido — eu disse. — Estou certo de que encontraremos algo.

— Aí — indicou Loki. — O deus da luz falou. Não precisamos mais brigar.

— Avise-nos quando enfim resolver todos os nossos problemas — murmurou meu gêmeo. Ele se virou para ir embora, mas hesitou, ergueu os olhos em minha direção e acenou para que eu o seguisse.

Caminhei lado a lado com ele pelo corredor e ao subir as escadas. Sua mão pairando sobre o corrimão, apenas como um senso de direção. No entanto, seus movimentos pareciam um pouco mais contidos.

— Você ainda está com dores devido ao ataque de ontem? — questionei intrigado. — Se você precisar que te cure um pouco mais...

Ele balançou a cabeça rispidamente.

— Eu não estou pedindo nada a você. Já estou perfeitamente curado. Não precisa se preocupar com isso.

Ele me guiou até o escritório e parou ao lado da mesa. Por um

momento, ficou apenas parado, apoiando a mão sobre a superfície de madeira.

— Irmão — comecei a dizer.

— Nós nunca falamos sobre aquilo — disse, virando abruptamente o rosto em minha direção. — Sobre o que aconteceu, com o visgo, a armação do Loki... Nunca. Não realmente.

Um arrepio tão gélido e forte, a ponto de não conseguir ignorá-lo, me sobressaltou.

— Porque nunca foi preciso — respondi, transmitindo um acalento em minha voz, e permitindo que acalentasse meu corpo todo também. — Eu sei que a culpa não foi sua. Sei que não foi a sua intenção. Não há mais nada a ser dito.

— É claro que tem — insistiu Hod. — Que o Pai de Todos me perdoe, irmão, mas eu acho que nunca lhe pedi desculpas. Foi há tanto tempo, e tanta coisa aconteceu nesse ínterim, e então depois estávamos só gratos pelo Ragnarök ter acabado. E eu nunca o quis pressionar. Nunca quis te fazer lembrar o que quer que você possa ter passado. Mas sei que não deve ter sido fácil.

— Hod — eu o chamei. — Já passou. Eu não penso sobre isso, nunca. — Eu não me permitia. — Você não precisa se culpar.

— É mesmo? Porque tudo isso aconteceu pelas minhas mãos. A culpa foi tanto minha quanto dele. Eu sei que ele gosta de culpar tudo o que aconteceu naquelas malditas profecias, mas você merecia um destino melhor que aquele. Você...

— Já passou — retruquei. As palavras cortando, como se o frio que sentira tivesse se misturado à minha voz. — Estamos na luz agora. Deixa isso para lá.

Hod se sobressaltou, e seu corpo todo se enrijeceu. Uma dor

agonizante percorreu meu íntimo. Eu devia estar aqui trazendo paz, alegria, e não perdendo minha paciência quando ele, obviamente, só queria ajudar, por mais que ninguém estivesse pedindo.

— Baldur — disse ele asperamente.

Toquei em seu braço, antes que pudesse prosseguir, invocando toda a luz e calor que eu tinha em mim. Deixando que lavasse todo e qualquer resquício do passado para longe. Eu posso ter parafraseado de modo equivocado, mas era tudo verdade. Nós tínhamos que nos focar no presente, onde nós estávamos e tudo de positivo que podíamos tirar dele.

— Não há motivos para se desculpar — declarei — porque não há nada a ser perdoado. Nós tínhamos nossos papéis a desempenhar, e tudo aconteceu como deveria ter acontecido. Eu juro que não guardo nenhum rancor. — Isso, ao menos, também era verdade. — Vamos pensar no que está à nossa frente, não no que deixamos para trás.

Hod parou por um instante e então concordou.

— Não devia ter lhe incomodado com isso. Você está certo.

Ele se sentou à mesa. Olhei ao redor para as fileiras de livros, dos mais antigos aos mais atuais expostos nas prateleiras, e um arrepio gélido me sobressaltou novamente.

— Fique em paz — desejei ao meu irmão, enquanto saía em busca de um pouco de paz para mim mesmo.

A sala de música era minha melhor opção. Conforme me dirigia para lá, o rangido das escadas chamou a minha atenção.

Aria estava subindo. Aquela aura desconfortável ainda pairava ao redor dela. Meu peito se apertou ainda mais.

Eu não acho que tivesse sido de muita ajuda para meu irmão,

mas poderia tentar um pouco mais para nossa valquíria. Eu deveria, ou também estaria falhando com ela.

Aguardei até ela me alcançar. Com um arquear de suas sobancelhas, ela me olhou intrigada. Acenei para uma das portas ao final do corredor.

— Você se importa em me fazer companhia na sala de música? Acredito que nós dois podemos fazer algo para clarear nossas cabeças, para os desafios que estão por vir.

Ela respirou fundo e, por um segundo, achei que fosse recusar. Então, deu de ombros.

— Claro — respondeu ela. — Mal não vai fazer.

Ela me seguiu até a sala. Bastava adentrar o ambiente para a calma me percorrer. Inspirei aquelas notas fragrantas da madeira fina e do metal polido e meu âmago se acalmou.

Sim, era disso que eu precisava. Eu não poderia diminuir o caos a nossa volta, a menos que meu espírito estivesse em paz. E se eu pudesse acalmar também o espírito de Aria, então eu teria pelo menos conseguido realizar alguma coisa frutífera por hoje.

Aria inclinou a cabeça, conforme estudava as fileiras de instrumentos.

— Eu não sei tocar nada. Nem acho que canto tão *bem* assim, mas se você realmente quiser minha companhia...

— Você gosta de cantar, não gosta? — Notei o quanto ela apreciava a música, quando a ouvi cantar brevemente junto a minha viola de arco no outro dia. — Isso importa mais do que a habilidade.

Ela bufou.

— Acho que isso depende de quem está ouvindo. Mas, tudo bem. Embora, não acho que conhecemos as mesmas músicas. O quão

bem você conhece as músicas pop?

Eu ri. Só de conversar com ela, já me sentia mais calmo, antes mesmo de sequer pegar um instrumento. Ela parecia sempre tão... inatingível.

— Acredito que não conheça as mais recentes — me desculpei.
— Mas eu me intrigo pela música contemporânea tanto quanto pelas mais clássicas. Contudo, devo estar algumas décadas defasado. Sempre que viajamos para Midgard, eu vejo que tenho muito ainda a aprender.

— Algumas décadas. Vejamos. Por que não me diz que tipo de música das mais modernas que você gosta, e daí veremos onde consigo me encaixar?

Levei em consideração minhas últimas descobertas.

— Eu me tornei um certo admirador de Liza Wang e do Ahmed Rushdi, mas acho que músicas de língua inglesa seriam melhores, não é? — O olhar perplexo dela já me dizia mais do que o suficiente. — Decerto há algumas obras de Elvis Presley, Stevie Wonder e os Beatles que aprendi a gostar.

Aria gargalhou.

— Sério? Tá. Eu consigo me virar com elas — comentou ela, estalando os nós dos dedos. — Eu tive no mínimo uns três professores de música na escola que eram *beatlemaníacos*. Vamos fazer um pot-pourri disso daí. Você conhece *Ob-La-Di, Ob-La-Da*?

Tirei o violão da parede.

— O suficiente para conseguir tocar.

Um brilho irradiou pelo rosto de Aria quando iniciamos a música, em perfeita sincronia com o brilho que se espalhava por meu peito ao mover minhas mãos pelas cordas. Havia algo tão puro e alegre

em evocar uma melodia cadenciada de um mero objeto. Não importava se ela não conseguisse alcançar perfeitamente todas as notas. A voz dela se entremeava pelos sons emitidos pelo violão daquela música e depois em *Can't Buy Me Love* e *Hard Day's Night*.

De alguma forma, acabei escolhendo músicas ao acaso, só para ver se ela conseguia acompanhar. Quando ela não pegava a nota no primeiro verso, eu simplesmente mudava de novo. Aria sorria, adorando ser desafiada.

Sem pensar sobre isso, alternei de músicas agitadas para algumas mais melódicas. Meu polegar dedilhou os primeiros acordes de *You've Got To Hide Your Love Away* e a boca de Aria se contorceu.

Sua voz ressoou doce como antes, mas mais grave, com uma leve tremulação conforme chegamos ao refrão. Não, esse exercício acabou saindo completamente ao contrário do que esperava.

Interrompi minhas mãos de continuarem sobre as cordas, a voz dela se esvaindo. Ela balançou a cabeça, passando os dedos pelas ondas revoltas do cabelo.

— Desculpa, podemos tentar de novo?

— Você estava ótima — eu disse. — Maravilhosa. — Talvez agora eu precisasse ser mais direto. Ser sutil, claramente, não tinha dado tão certo. — Qualquer que seja o problema, Aria, você está conosco agora. Nós temos centenas de anos em experiência lidando com o que quer que os mundos colocam em nosso caminho. Nós vamos superar. Vai ficar tudo bem.

Ela me lançou um olhar enviesado por entre as mãos.

— Você não tem como garantir isso — replicou. — Você nem sabe o que está me incomodando. E se não estiver tudo bem? Nem

todos os problemas se resolvem, sabe.

— Então você coloca essas preocupações de lado e encontra outras coisas para lhe alegrar — respondi. — Por que insistir em algo que não pode mudar?

— Porque você não sabe se pode ou não mudar — disse ela, balançando o braço. — Enfim, não é como se desse para apenas ignorar tudo que te incomoda, guardar lá e esquecer.

Eu pisquei aturdido. Essa era a única coisa que se *podia* fazer, e com demasiada frequência, eu diria.

— Por que não?

— Porque... ainda está lá. E você sabe que ainda está lá, mesmo que não se permita pensar nisso. Mesmo que se distraia e aja como se só existissem coisas boas no mundo. Eu já tentei. E nunca funciona por muito tempo.

Senti algo apertar em meu peito, não era doloroso, tampouco agradável. O comentário que deixei escapulir não era um que eu costumava proferir também.

— Se você guardar a sete chaves, pode esquecer da existência dele por séculos.

Seu olhar voltou a me encontrar. Eu me obriguei a encará-la, apesar da sensação em meu peito se apertar ainda mais.

— Até mesmo nesse caso, as coisas não se vão completamente, não é? — disse ela baixinho.

— A sensação é a mesma — comentei. — Se nunca mais ressurgir. De qualquer forma, o que realmente importa, se todos estão mais felizes assim?

— Eu acho que não sou muito boa em guardar as coisas.

Pousei o violão ao lado do meu banquinho e me levantei.

— Então, permita-me lhe ajudar.

Ela se manteve no lugar, enquanto me aproximava dela. Levantei minhas mãos para cada lado de seu rosto e as aproximei o bastante, apenas para roçar suas bochechas com os nós dos meus dedos. Ela conseguia sentir minhas emoções superficiais, assim como eu sentia as dela. Recordei-me dos últimos dias, de tudo que a vi fazer e deixei minha admiração fluir até ela.

— Você encontrou um caminho até o Pai de Todos — eu disse. — Você lutou por si mesma e por todos nós. Você tem suas asas para se elevar ainda mais, uma força inigualável a qualquer humano.

Os cantos da boca dela se curvaram.

— Eu também quase morri umas duas vezes — disse ironicamente. — E consegui de fato *morrer* uns dias antes. Eu sou egoísta e ardilosa quando preciso, e se tivesse me conhecido antes de me tornar uma valquíria, nem estaria me elogiando.

— Disso não tenho certeza — retorqui. — Contudo, você é uma valquíria agora, apesar de ter sido ardilosa e egoísta. Por causa disso, na verdade, já que Loki lhe escolheu. Isso é o que lhe faz forte.

— Certo. Uma nota desajustada e desafinada em meio a uma sinfonia piedosamente divina.

A metáfora trouxe um sorriso aos meus lábios. Nenhum dos meus companheiros divinos teria feito uma comparação como aquela. Ela se encaixava aqui até mais do que pensava, mais até do que, até então, tinha notado. Ela era parte de nossa harmonia, entrelaçando-se em nossas díspares melodias. Eu não gostaria de deixar esse momento escapar, não importa quais outras emoções ela despertava em mim, emoções que eu desejava manter guardadas e

esquecidas.

Abri a boca para lhe contar essa última parte, mas seus olhos se afastaram dos meus. Sua testa franzida.

— Aria?

— Tem alguma coisa... — ela se interrompeu, os olhos cada vez mais distantes. Sua atenção voltada agora para algo além desta sala, algo que eu não conseguia detectar. De certa forma, seus sentidos de valquíria eram mais aguçados do que os meus.

Ela me relanceou brevemente.

— Muito obrigada — disse ela. — Por tentar. Só que tem uma coisa que preciso... que preciso conferir.

Sem mais delongas, ela deixou a sala de música.

21.

Aria

Pela primeira vez, desde que deixei a sala de música e desci sorrateiramente as escadas, eu comecei a achar que tinha imaginado ouvir... o que quer que eu tenha ouvido. O ruído fora tão fraco, quase fora do alcance de minha audição, agora aprimorada, para ser perceptível, mas algo naquilo arrepiara os pelos de minha nuca. Isso merecia ser investigado, apesar de não conseguir explicar o motivo.

Lá estava de novo. Fiquei imobilizada no último degrau, apurando meus ouvidos. O som mal parecia um sussurro. De qualquer forma, um arrepio me sobressaltou. Eu precisava descobrir o que era, para saber o que isso tudo queria dizer.

Loki, Thor e Freya seguiam conversando na sala de jantar às voltas com o computador. Presumi que Hod estivesse em seu escritório de novo, seu canto preferido da casa. Ninguém me seguiu quando abri a porta da frente. Ou estavam todos ocupados demais para me notar saindo ou, neste ponto, já confiavam em mim para, pelo menos, voltar.

Espalmei meu canivete e o abri, enquanto perscrutava o gramado. Nada parecia diferente. Se o som fosse algo ameaçador, Loki ao menos teria percebido, não? Os sentidos dele eram ainda mais aguçados do que os meus. Afinal, foi ele quem me deu tais poderes.

Hesitei um pouco, me perguntando se eu deveria seguir em frente sozinha ou se devia pedir ajuda primeiro, mas a brisa trouxe consigo

um som um pouco mais nítido. Uma risada. Uma risada infantil de algum lugar ao longe.

Uma risada que soava como a do *Petey*.

Meus ombros se empertigaram. Isso não fazia sentido. Ninguém além dos deuses sabiam que eu estava aqui, e ninguém além do Hod sabia da existência do Petey. Por mais gentil que ele fora comigo ontem à noite, eu não acreditaria por um segundo sequer que o deus da escuridão teria trazido meu irmão até aqui para uma visita.

Eu me espreitei pela grama aparada sob o sol quente do meio-dia. Quão longe poderia estar essa criança? Vasculhei por dentre algumas árvores ao redor da propriedade e perambulei me afastando do caminhezinho quando ouvi a gargalhada novamente, ainda distante, mas ficando cada vez mais alta. Eu estava me aproximando.

Andei por mais alguns minutos, quando vi algo se agitar por entre as sombras de um velho olmo, do outro lado do campo arborizado. A gargalhada vinha dali. E soava cada vez mais familiar agora. Apesar dos nervos em rebuliço, prossegui, o capim chiando contra minhas calças conforme avançava. O cabo plástico do meu canivete se melecando com o suor da minha mão. Mas se era uma criança, eu não iria querer machucá-la.

— Quem está aí? — gritei. — Você aí perto da árvore. Pode se mover para onde eu possa te ver?

Eu estava a uns dez passos de distância, quando a figura se esgueirou até a beirada da sombra. Fugindo ainda da luz, mas perto o bastante para que pudesse discernir suas características. Cabelo preto escorrido, pele esquelética, olhos sinistramente pálidos. Uma

elfa sombria.

Minhas pernas estancaram no lugar. Girei a cabeça, mas não vi nenhum outro da espécie dela por perto.

— O que você quer? — perguntei. Será que essa elfa teria vindo aqui para nos ajudar?

O sorriso torto dela transformou a possibilidade em pó. Ela abriu a boca e deixou escapar mais uma gargalhada. Brilhante e alta como a de um menino. Os pelos da minha nuca se eriçaram completamente.

Era a risada do Petey. De algum modo, ela a imitava, perfeitamente

— Ari — disse ela, na voz do Petey. — Você não deixaria nada de ruim acontecer comigo, né?

Ergui a mão com meu canivete, mas me mantive imóvel, por mais que desejasse atacá-la.

— O que fez com ele? Que porra você acha que está fazendo?

A elfa sombria abaixou a cabeça quase envergonhada. Quando falou de novo, foi em um tom ríspido e rouco que em nada se parecia com meu irmãozinho.

— Nós não fizemos nada com ele... ainda. Se quiser vê-lo a salvo, é melhor nos deixar em paz.

Eu a encarei. Minha mente tentando lidar ainda com o surto inicial de raiva e pânico.

Como eles descobriram sobre o Petey? Será que tiveram sorte e me viram ontem à noite quando fui visitá-lo? Não é como se eles pudessem ter me seguido, seria difícil acompanhar o ritmo das minhas asas com aquelas perninhas atarracadas deles.

Mas isso não importava, não é mesmo? Eles sabiam do Petey e

tinham estado perto o bastante dele para saber como era sua voz. Eles estavam dispostos a atacar os deuses, a matar pessoas sem teto e crianças em idade escolar... Nem por um segundo, eu acreditaria que eles hesitariam em machucar o Petey, se achassem que isso daria o que eles queriam.

— Está bem — consegui dizer. — Certo. Você faz o caralho que quiser, e não vou dar nem um pio. Só fiquem longe do meu irmão.

Ela fixou seus olhos sobrenaturais nos meus.

— Você é que precisa ficar longe. Fique longe dos deuses que anda ajudando. Não diga sequer uma palavra sobre isso ou qualquer coisa sobre a gente com eles. Vá agora mesmo e não volte mais.

— O *quê*? — balbuciei.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Nós estamos de olho. Nós saberemos. Se você colocar os pés perto daquela casa ou na dos deuses de novo... — Ela arreganhou a boca mostrando os dentes. Dentes afiados como pedras lascadas.

Meu coração acelerou. Deixar os deuses. Era por causa deles que eu ainda estava por aqui, sem contar que tinha que agradecê-los por todos os poderes..., mas minha intenção sempre foi deixá-los, assim que possível, quando encontrassem o Odin. Eu ia seguir vivendo em Midgard, fim de papo.

No entanto, me sujeitar à ameaça dela era diferente. Era como fugir com o rabo entre as pernas. Não entrava em batalhas que eu não sabia que poderia vencer, mas também não era uma covarde.

Porém, não tinha saída, não é? Eu tinha pensado nisso ontem mesmo: que Petey vinha antes de qualquer outra pessoa. Os elfos sombrios poderiam estar arrebatando com o resto do mundo, e eu

protegeria o Petey primeiro. Eu tinha prometido isso a ele. Ontem mesmo, com aquele rostinho esperançoso me encarando...

Senti uma pontada de culpa em minhas entranhas, mas tinha que ignorá-la, por ele. Ignorá-la e guardá-la a sete chaves, assim como Baldur sugerira. Agora eu só tinha que me enfiar em algum lugar longe o bastante, onde os deuses não pudessem ou, ao menos, nem se incomodassem de ir atrás de mim.

Na verdade, eles não precisavam mais de mim, né? Eu os tinha mostrado os sequestradores de Odin. Isso era tudo que eles esperavam da valquíria questionável deles. Desde então, eles vinham me mantendo na casa. Não podem alegar que eu decepcionei.

A lembrança de nossa batalha de ontem passou novamente pela minha cabeça. A escuridão queimando dentro de mim com as vidas que traguei. A excitação de momentos como esses...

O aperto no meu peito se intensificou. Mais uma memória para guardar e esquecer. Pelo Petey. Tudo era sempre pelo Petey.

— Tudo bem — disse. — Eu vou. Não se atreva a tocar nele ou vai se arrepender.

Fechei a lâmina do canivete para dentro do cabo com mais força do que o necessário.

A elfa sombria não pareceu nem um pouco intimidada. Ela só me observou com seus olhos ovalados, enquanto eu libertava as asas das minhas costas. Eu me lancei para os céus, me afastando dela e da casa dos deuses.

Eu tinha que ser rápida, pelo menos durante essa largada. Não sabia até qual distância eles podiam sentir a nossa tênue conexão. Assim que tivesse ganhado bastante distância, poderia ir atrás do

Petey...

Minhas asas seguiam batendo contra a corrente de ar de forma rápida e constante, mas meu estômago se embrulhou.

Eu não podia ir atrás do Petey. Seria o primeiro lugar que Hod me procuraria, mesmo se ele não pudesse me sentir. Os elfos sombrios, tampouco, iriam se importar se eram os deuses *vindo* atrás de mim ou não. Eles só veriam que eu estaria com eles novamente.

Eu me movi ainda mais rápido pelo ar, o cenário abaixo passando por mim como um borrão, o vento ferindo meus olhos. Só vai. Para longe e mais longe, onde eles nunca pensariam em te procurar. Sumir para valer. Até nada mais importar, até eles conseguirem voltar para Asgard e tudo na minha vida conseguir voltar a ser, bem, o mais normal possível.

#

O resquício do pôr do sol tingia o céu em tons laranjas-amarronzados ao horizonte. A dor se espalhando pelas minhas asas se intensificava cada vez mais. Cada bater de asas parecia que iria arrancá-las.

Eu estava voando há horas. Não tinha nem ideia de onde estava, além de ter deixado Nova Iorque e a Filadélfia para trás. Nenhum deus tinha vindo ao meu encontro, então acho que fiz o certo. No entanto, minhas asas estavam prestes a me deixar na mão. Era hora de descer.

O zunir da energia humana me chamou mais à frente, onde luzes da cidade cintilavam. O pulsar de todos aqueles corpos vivos respirando, comendo, dançando...

Isso. Era o que eu queria. Era o jeito perfeito de guardar e

esquecer todo o vazio que estava me consumindo desde que parti nessa jornada. Uma noite fingindo ser a garota que era umas semanas atrás, ou até mesmo alguém mais livre do que ela.

Eu mergulhei cada vez mais para baixo, conforme estudava os subúrbios e a cidade de forma adequada. Meus pés tocaram a calçada abaixo de uma placa com luzes neon, e minhas asas contraíram-se de volta para as costas com um suspiro. Fui direto para a boate.

Lá dentro, o ar abafado me assaltou com o cheiro forte de álcool. Luzes estroboscópicas agitavam-se sobre a multidão ondulante de corpos na pista de dança. Peguei uma dose da bandeja de um garçom, que passava por mim, e tomei em um gole só. O líquido azedo rasgando minha garganta.

O garçom olhou para os lados, tentando encontrar quem tinha roubado o copo. Parecia que eu ia beber de graça hoje à noite. Um sorriso se esboçou em meu rosto com o efeito inebriante do álcool. Peguei outro copo e me joguei na pista de dança.

Os corpos se afastavam conforme eu passava, de um modo que nunca aconteceu quando era mais uma na multidão. Eu rodei e me balancei em sincronia com a música pulsante. Meu cabelo chicoteando contra o rosto; meus braços movendo-se junto comigo.

Uma música terminava e logo emendava em outra, depois em mais uma. Minhas asas estavam esgotadas, mas o restante ansiava para se esbaldar. Peguei uma terceira dose, que era forte o bastante para me fazer contorcer o rosto ao engolir e me jogar ainda mais na pista de dança. Na quarta dose, minha cabeça começou a rodar. O que era bom. Uma cabeça rodando não conseguia pensar nas pessoas que havia deixado para trás.

Mas dançar desse jeito não era a mesma coisa. Eu gostava de não ter que me preocupar com nenhum cara se roçando em mim, mas ao mesmo tempo, eu meio que sentia falta de ser tocada. Algumas cotoveladas acidentais. Esbarrar em outros seres humanos para conseguir passar. Saber que eu era parte de alguma coisa, parte deles.

Mas eu já não era como eles. Não mais. E jamais seria novamente.

Tudo bem! Hora de outra dose. Peguei uma dose azul dessa vez e bebi até a última gota. O copo escorregou da minha mão e se espatifou no chão. Por um momento, fiquei olhando para ele, então pisei sobre os caquinhos, deixando o estalar se misturar à música.

Eu rodei mais uma vez e alcancei outra dose, meus colegas dançarinos se afastando sempre que me aproximava. O latejar na minha cabeça soava quase tão alto quanto a música. Eu rebolei e girei novamente, e me sobressaltei, quando meu olhar caiu sobre uma figura alta se esgueirando pelo apinhado de corpos, vindo em minha direção. Como se soubesse exatamente onde eu estava.

Porque é claro que ele sabia. As luzes multicoloridas realçavam ainda mais os cabelos ruivos de Loki e sua pele clara. Ele ergueu uma sobrancelha quando me alcançou, seus lábios formando aquele sorriso sarcástico de sempre.

22.

Aria

A princípio, Loki não disse nada. Ele se moveu conforme a música, com movimentos graciosos que não deveriam me surpreender, mas que no meio daqueles humanos me surpreendeu. Ele deslizava para perto de mim e depois se afastava um pouco. Sua sobrancelha arqueada, como se me desafiando a acompanhá-lo.

Eu recomecei a dançar, apesar do palpitar furioso de meu coração. Pisando cada vez mais forte, girando cada vez mais rápido, seguindo cada compasso como se soubesse de cor. Loki seguia todos os meus movimentos, cada gesto tão fluído que era impossível não admirar. Eu queria me aproximar e percorrer minhas mãos pelos músculos definidos que podia notar por baixo de sua túnica, do modo que eu faria se estivesse em uma outra boate, em um dia qualquer, se um outro cara qualquer, de quem estava a fim, me olhasse daquela forma.

Os olhos do Loki não deixaram os meus, até mesmo ali, eles brilhavam com aquela faísca âmbar. Ele se aproximou e colocou cuidadosamente a mão em minha cintura, conforme nos movíamos em sincronia. Um rubor percorreu toda a minha pele com seu toque. Ele abaixou a cabeça em direção à minha, próxima o bastante para que eu não sentisse nada além do cheiro doce e picante de seu corpo, uma mistura de gengibre, cardamomo e uma pitada de mel. Delicioso o bastante para comer.

— Não precisava cruzar quase o país todo para vir dançar,

fadinha — disse ele ao pé do meu ouvido. — Eu mesmo poderia indicar algumas boates perto da gente, em Manhattan.

— Talvez eu estivesse atrás de uma mudança de ares — retorqui.

— Hum. Eu até pensei que estava tentando fugir da *gente*. Mas por que você iria querer fazer isso?

Uma onda de pânico rompeu a névoa embriagada de minha mente. Os elfos sombrios. Será que poderiam nos ver aqui? Será que eles iriam me punir por ter sido encontrada?

Meu corpo ficou paralisado. Eu me afastei o suficiente para encontrar seus olhos.

— Alguém mais sabe que você está aqui? Não essas pessoas — gesticulei em direção à multidão. — Mas os elfos sombrios, ou qualquer outra coisa.

Loki parou assim como eu. Contudo, ele se manteve perto, com a mão ainda repousando em meu lado.

— Ninguém, nem humano ou comedor de terra, ou qualquer outra coisa, poderia ter me seguido — declarou ele, estreitando os olhos. — O que aconteceu, Ari. Por que você fugiu?

Um bolo se formou em minha garganta. Mas eu tinha que contar para ele, não tinha? Ele me encontrou. Eu não tinha nenhuma desculpa boa o bastante para que ele me deixasse ir embora.

— Uma elfa sombria apareceu na casa — disse, da forma mais controlada possível. — Eu tenho um irmãozinho lá na Filadélfia. E eles, de alguma forma, descobriram. Ela disse que iriam machucá-lo, matá-lo, se eu continuasse ajudando vocês. Ela disse que estariam me vigiando para terem certeza de que jamais me aproximasse de vocês de novo.

Os músculos do maxilar de Loki se retesaram.

— Petey — disse ele, e ao ver minha reação acrescentou. — Hod comentou de suas escapadelas quando percebemos que tinha desaparecido. Ele foi até lá procurar por você. Não precisa se preocupar com isso, fadinha. Quando eu não quero ser visto, não sou. Embora, na maior parte do tempo, era você quem eu não queria que me visse.

Um pouco do peso em minhas costas se aliviou. O zunido da minha cabeça retornou, me acalmando o bastante para atizar minha curiosidade.

— Como você me achou? — sondei.

Ele deu de ombros como se não fosse nada demais.

— Instinto. Nós todos firmamos uma conexão com você quando lhe invocamos, mas fui eu quem lhe encontrou da primeira vez. Eu conheço até as profundezas da sua alma — seus lábios se curvaram em um sorriso. — Dá até para dizer que somos como almas gêmeas, se acreditar nesse tipo de bobagem.

Não pude deixar de revirar meus olhos para ele, apesar do calor que suas palavras me provocaram.

— Uma das zilhões de almas gêmeas que por acaso morreram naquela mesma hora?

— Viu só, você entende. — O sorriso dele se alargando. — Você me compreende completamente. Embora “zilhões” seja um certo exagero.

Ele se inclinou novamente sobre mim, seu hálito roçando minha bochecha, e meu coração saltitou no peito. A turba ainda dançava à nossa volta, mas não me importava com nada além da pequena bolha que acolhia ele, eu e a pergunta que pairava no ar.

— Agora que te encontrei — sussurrou ele — como faço para te

convencer a voltar para casa?

— Você acha que precisa me convencer? — Perguntei com mais coragem que sentia. — Estou surpresa que não me jogou por cima dos ombros e me levou porta afora.

— Oras, convenhamos — riu ele. — Você devia saber que esse não é meu estilo. Só agradeça que não foi Thor quem veio te buscar.

— Eu não posso voltar — respondi. — Não enquanto os elfos sombrios estiverem de olho no Petey.

— Eu posso garantir que eles nunca saberão que você está conosco — afirmou Loki. — Eu não sou conhecido como o mestre das ilusões à toa. Você, e ele, estarão a salvo comigo.

Deixei meu ceticismo transparecer. Ele tocou minha bochecha com a outra mão e se afastou um pouco. Seus olhos procurando os meus.

— Eu sei o quanto se importa com ele. Eu posso ver isso. Sei como se sente. Odin pode não ser meu irmão por nascimento, mas eu já renunciei a tanta coisa por suas malditas... — ele se interrompeu com um balançar de cabeça. — Se precisa acreditar em alguma coisa, acredite que protegeremos o seu irmão. E que eu nunca mais retorne a Asgard, se estiver mentindo.

Suas últimas palavras carregavam uma certa energia conforme ele as proferiu, como se o atassem magicamente àquela promessa. Eu hesitei, querendo acreditar nele, mas ainda assim...

— Seria mais seguro se eu não voltasse. Vocês não precisam de mim. O que importa onde eu esteja?

— Você é nossa valquíria — disse Loki. — Você é nossa responsabilidade. E podemos até não *precisar* de você agora, mas

não pode negar o quanto já nos ajudou.

As lembranças que tentei guardar e esquecer se revolveram na minha cabeça. Baldur estava errado. Não era tão fácil assim ignorá-las.

— Matando pessoas — comentei.

— Bem, eu não chamaria elfos sombrios de pessoas, mas... — a cabeça de Loki pendeu para o lado. — É isso que está lhe incomodando? Você só estava nos protegendo para que eles não nos matassem.

Umedeci meus lábios. Aquele vazio em meu âmago ressurgiu, ainda mais fundo e voraz que nem mesmo a música pulsante ao nosso redor conseguia silenciá-lo. A verdade que eu tentara ignorar, tanto que nem sabia que estava lá, mergulhada em meu subconsciente.

— Não eram somente eles que eu queria matar. Eu não sei se o Hod já contou tudo, que ele teve que me impedir de ir atrás do namorado da minha mãe ontem à noite.

— Porque ele tinha machucado seu irmão.

Então, Hod tinha fofocado sobre isso também.

— Eu teria matado ele — assenti. — Mesmo se ele estivesse deitado lá dormindo e completamente indefeso... Acho que até teria *gostado* de fazer isso. Tirar a vida daqueles elfos sombrios dava até uma sensação *prazerosa*.

Loki acariciou com os dedos o meu cabelo. O gesto carinhoso golpeou meu coração. Eu queria me aproximar mais, mas ao mesmo tempo queria me afastar, porque essa não era a intenção dele. Essa não deveria ser a intenção dele, não comigo.

— Ari, você é uma valquíria agora — falou. — Seu propósito é

fazer justiça mudando os rumos de uma guerra.

— Isso não quer dizer que eu deveria me *divertir* com isso — retruquei, o zunir do álcool deixando minha língua mais solta. — Houve tantos momentos, tantas pessoas que eu quis ser capaz de tirar do meu caminho, quando nunca consegui... E se eu quiser fazer isso não apenas para alterar o rumo de uma batalha?

Engoli em seco, antes de prosseguir:

— Acho que uma pessoa como eu nunca deveria ter acesso a esse tipo de poder. Deve ter um bom motivo para que todas as valquírias que o Odin costumava invocar serem de coração puro, ou seja lá o que.

Loki balançou a cabeça em negativa, seu sorriso de alguma forma sombrio e divertido ao mesmo tempo.

— Você sabe com quem está falando, não é? Ei, uma vez fui capaz de arquitetar o fim do mundo. Você não vai conseguir me convencer de que é de alguma forma uma alma tão corrompida que não merece os dons que recebeu.

— Mas, isso é diferente — protestei, embora soasse fraco até mesmo para mim.

Loki se aproximou de novo, seu rosto a milímetros do meu, trazendo seu doce perfume picante consigo. Por um segundo, achei que fosse me beijar. Minha pulsação acelerou antecipando o momento.

Mas ele apenas falou, o ar saindo de seus lábios acariciando minha bochecha.

— Isso é bom, fadinha. Não importa o quão má seja, não importa o quão má se torne, você nunca será a pior pessoa por aí. Eu já carrego este título.

Sua voz soava leve, até mesmo irreverente, mas uma pontada de dor ecoava dele até mim naquele momento. O deus trapaceiro se importava muito mais do que gostaria de admitir. De algum modo, aquilo me atraiu ainda mais do que a proximidade de seus lábios.

— Venha comigo — prosseguiu ele. — Venha comigo e arrebente aqueles malditos habitantes das cavernas e mande-os para fora do seu mundo. Nós não deixaremos que eles toquem um dedo sequer no seu irmão. Pegue toda essa escuridão dentro de você, e libere-a em cima deles.

Eu estremeci. Suas palavras ressonaram mais fundo do que queria admitir. Minhas mãos se fecharam. Minha língua mais uma vez se adiantou.

— Estou com medo — confessei, tão baixinho que não tive certeza de que me ouvira. Eu não tinha certeza de que queria que me ouvisse. — Estou com medo de mim mesma, desse jeito, do que posso fazer. — Com qualquer pessoa, se mereciam aquilo ou não. Medo de ter que decidir se, de fato, eles mereciam aquilo.

Na verdade, medo de tudo que significava me tornar a porra de uma valquíria.

— Bom — disse Loki, sua voz carregando apenas calidez agora. — É *isso*, e não um “coração puro” que faz toda a diferença entre você e alguém que não seja merecedor. E pense nisso, Ari. Se está com medo, imagina só o medo que os elfos sombrios devem ter de você e do que você pode fazer, para te ameaçarem daquele jeito.

Ele soava quase impressionado com essa última observação. Ele me via, via cada cantinho sombrio dentro de mim e estava *impressionado*.

Eu ainda estava um pouco zozza por causa das doses que tinha

ingerido, e o calor e a admiração que senti dele me envolveu com um desejo tão louco que não conseguia mais ignorar. Eu agarrei a frente da camisa do Loki com as duas mãos e inclinei um pouco minha cabeça para reduzir aquela pequena distância para pegar sua boca com a minha.

O deus soltou o ar sobressaltado, mas logo já estava me beijando de volta, com mais força e vorazmente. Seu polegar traçando um arco em minha cintura. Onde nossos corpos se tocavam, um calor formigou por meus nervos, como se estivesse me fazendo pegar fogo, literalmente. Mas que fogo intoxicante.

Eu me deixei afundar nele, na sensação ardorosa e inebriante de seus lábios contra os meus, onde nada mais importava. Se ele estava disposto a me dar, então eu aceitaria tudo que pudesse ter.

Ele me beijou de novo e as faíscas de eletricidade me incendiaram novamente. Um gemido fraco escapou de meus lábios quando sua boca se afastou da minha e começou a desenhar um caminho abrasador ao longo do meu maxilar.

— Me fala que vai voltar — sussurrou ele no meu ouvido. — Eu não vou te arrastar de volta. Eu aceito o que você quiser. Nós podemos fazer esses filhos da puta pagarem por tudo, Ari.

Sim, sim, sim. Puta merda. Como que eu ia discutir com um deus? Meu aperto na camisa dele ficou mais firme.

— Eu volto — respondi. — Mas antes, eu quero dançar.

Ele soltou uma risada e mordiscou minha orelha, já se balançando com a batida da música. O remexer de seus quadris com os meus enviou uma outra onda de calor pelo meu corpo. E me entreguei a ela. Se fosse para me queimar, então aceitaria as consequências.

Apenas a tênue claridade do amanhecer atravessava a janela do meu quarto. Pisquei sonolenta e esfreguei os olhos.

A janela do meu quarto, o quarto na casa dos deuses. Um lençol, que eu agora reconhecia, me cobria até os ombros; minha cabeça repousava sobre o travesseiro macio. Uma dor incômoda atingiu minha têmpora, mas não era tão ruim, considerando todas as doses que entornei em um curto intervalo de tempo. Seis doses: cinco antes do Loki aparecer na boate e uma depois que voltamos a dançar, antes de voltarmos a nos beijar...

Meu coração vacilou por um segundo. Essa era a última coisa da qual me lembrava: dos lábios dele contra os meus. Será que eu, será que *nós*...?

Eu me mexi sob os lençóis e senti o tecido das minhas roupas farfalharem comigo. As mesmas roupas que estava usando ontem à noite: uma daquelas regatas estilo nadador e uma calça jeans. Nada parecia fora do lugar.

Um misto de alívio e decepção me invadiu. Eu realmente preferia estar completamente consciente quando estava com alguém. E minha primeira vez com um *deus*? É, eu gostaria muito de me lembrar dos detalhes.

Mas eu queria ter ficado com ele, praticamente me atirei nele e, obviamente, ele não me queria tanto assim.

Bem, o que eu esperava? Ele *era* um deus.

Eu me sentei, chutando o lençol, quando a porta se abriu. Loki se esgueirou para dentro, fechou a porta atrás de si e se sentou na beirada da cama. Seus olhos cor de âmbar brilhavam na luz fraca da manhã. De alguma forma, isso já bastava para me tirar o fôlego.

Merda, eu precisava trepar logo, ou eu ia virar uma completa

idiota.

— Dormiu bem?

— Parece que sim — meu olhar disparando de volta para a janela. — Você se assegurou de que ninguém me viu voltando contigo?

— No dia que um elfo sombrio conseguir ver através de minha ilusão, eu juro que me deito em posição fetal e me mato de vergonha — retorquiu Loki. — Conversei com o Hod enquanto você dormia. Ele deu uma conferida no seu irmão, quando foi atrás de você. O garoto está bem. Hod voltou lá para ficar de olho nos elfos sombrios. Bom, não exatamente “ficar de olho”, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Soltei o ar que tinha prendido.

— Estou certa de que ele adorou ser obrigado a isso — disse sarcasticamente.

— Na verdade, eu não o mandei fazer nada, por mais que tivesse adorado a ideia. Ele que se ofereceu.

Um sentimento repentino de gratidão me invadiu. O deus da escuridão tinha sido gentil o bastante depois que o arrastei até lá na outra noite, mas eu não esperava que ele fosse de bom grado até lá por mim. Hod devia se importar até mais do que deixava transparecer.

Engoli minha surpresa e olhei para o Loki. Dava para notar que, apesar de correr todo o país logo nas primeiras horas da manhã, ele ainda estava magnífico como sempre. Eu tinha que parar de notar essas coisas.

— Bem, estou de volta. Ainda não sei exatamente o que acha que posso fazer e como posso ser útil, agora que estou aqui.

— Ah — sorriu Loki. — Estou certo de que podemos achar algo para te manter ocupada.

Sua voz soava animada, mas seus olhos estavam ansiosos, como se à espera de algo que eu ainda não lhe dera. Lutei para encontrar as palavras adequadas.

— Sobre ontem à noite...

— Foi uma noite e tanto — indicou ele, o sorriso se alargando ainda mais quando hesitei.

Oras, bota logo para fora, Ari. Minhas mãos agarraram o lençol.

— Eu não me lembro muito da viagem para casa, mas obviamente dormi sozinha — questionei, sem realmente lhe fazer uma pergunta.

— Sim — respondeu Loki. — Bem. Nos meus séculos de experiência, pessoas embriagadas são péssimas na cama.

Minha coluna se empertigou. Uma onda de calor, que estava longe de ser agradável, tingiu minhas bochechas.

— Sinto muito por ter me atirado em você. Você não precisa se preocupar. Isso não vai acontecer de novo.

— Ari — Loki suspirou e então acenou para mim. — Vem cá!

Meu corpo empacou, porém, a sinceridade inesperada naqueles olhos cor de âmbar derreteram quaisquer defesas que eu tinha. Deslizei um pouco para o lado dele. Loki olhou para a distância que deixei entre nós com uma expressão divertida e depois ergueu a cabeça para encontrar meus olhos.

— Lamento que estivesse bêbada — disse ele. — Mas nada em você me deixa arrependido. Você pode se atirar à vontade. Só tenta fazer isso quando estiver sóbria, é só o que estou te pedindo. Eu tenho autocontrole, mas não posso dizer que gosto tanto assim de

exercê-lo.

Ah. Ah. O calor que queimava meu rosto desceu pelo corpo todo, e se acumulou lá na parte de baixo do meu ventre. As palavras saindo atropeladas.

— Estou sóbria agora.

Loki sorriu daquele jeito que transformava meu corpo todo em uma bolinha de desejo.

— É, parece que está.

Eu me aproximei mais dele, roçando minha mão em sua coxa. Ele tocou minha bochecha e brincou com meu cabelo com os dedos. Prendi a respiração.

— Isso ainda parece ser uma péssima ideia — senti a necessidade de ressaltar.

O sorriso de Loki aumentou.

— Meu tipo preferido de ideia.

E então nossas bocas colidiram.

Eu não tinha imaginado o calor de seus beijos na boate. Aquela sensação ardente se espalhou por meus nervos mais uma vez, atijando cada pedacinho do meu corpo. O deus trapaceiro separou meus lábios com uma chicoteada habilidosa de sua língua, enviando um choque de desejo por mim.

Eu me pressionei contra ele conforme nossas línguas digladiavam, e subi em seu colo. Loki me ajudou a montá-lo, com um som encorajador, colocando a mão em meus quadris. Eu me arqueei contra ele. Arfei quando o senti duro por baixo do zíper de suas calças, perfeitamente alinhado ao meu íntimo. Eu queria muito mais do que apenas beijá-lo dessa vez.

Loki deslizou sua mão por debaixo da minha regata, atijando

aquele fogo ardente com seu toque. Seus lábios se afastaram dos meus por tempo suficiente para conseguir arrancar minha camiseta. Logo nossas bocas se encontraram de novo, trocando ar e calor enquanto ele lidava rapidamente com meu sutiã.

Ele apalpou meus seios, girando as palmas das mãos para estimular meus mamilos com um arrepio das mais quentes de nossas faíscas. Gemi contra sua boca. Seus dedos esguios brincando com o volume e a ondulação deles, como se explorando cada curva.

Seus lábios e sua língua começaram a desfrutar o contorno do meu queixo e desceram pelo meu pescoço. Puxei sua túnica, e ele me a ajudou a tirá-la. Nós colamos nossas peles nuas, onda após onda de um fogo divino me incendiando, conforme seus dentes roçaram a pele sensível da minha garganta. Corri minhas mãos por seus músculos definidos, que até então só tivera indícios, firmes, macios e tesos sob meu toque.

Com um leve impulso, Loki nos ergueu e nos derrubou na cama, seus quadris ainda entre minhas pernas. Seu peso me pressionando um pouco, e uma faísca de algo que se assemelhava mais ao pânico do que ao prazer se contorceu em meu peito. Meu coração disparou um pouco.

Reprimindo essa reação, dei um leve empurrão em seu ombro. Quando ele recuou um pouco, dei outro empurrão, agora mais forte. Ele me deixou ficar sobre ele novamente e me lançou um sorriso antes de reivindicar outra vez minha boca.

Eu rebolei contra ele, capaz de me perder na sensação agora que estava de novo por cima e com um pouco mais de controle. Meu sexo pressionado contra o volume de sua ereção. Ele gemeu e me

beijou ainda mais avidamente.

— Ari — murmurou ele, mordiscando meu lábio inferior. Quase suplicando. Como se ele quisesse isso tanto quanto eu. Ele agarrou meus quadris, arremetendo-se em ritmo com os meus e eu gemi também.

Eu me atrapalhei um pouco com sua braguilha e puxei suas calças. Aparentemente, os deuses usavam cuecas tipo boxer. Arranquei ela também e seu pau pulou para fora. Grande e esbelto, assim como o homem que ele era, e tão duro que era glorioso para caralho. Sem pensar, lambi meus lábios. Engoli em seco. Embora não fizesse boquete, porque de jeito nenhum aquilo terminava bem, confesso que até fiquei com vontade depois de vê-lo.

Eu me contentei em acariciar a pele aveludada de sua ereção, enquanto desabotoava minhas calças jeans. Loki se apoiou em um cotovelo e se ergueu o suficiente para puxar minha boca para a sua. Nos beijávamos entre arfadas para respirar, nossos beijos cada vez mais molhados. Quando enfim chutei meus jeans para longe, ele deslizou a mão pelo meu corpo e a mergulhou no meio das minhas pernas.

Seus dedos tracejaram o contorno de minha calcinha encharcada, e a alegria se avivou no meu íntimo. Meu aperto sobre o pau dele aumentou. Loki emitiu um outro gemido. Seus dedos engancharam-se no cóis da calcinha. Com um rápido puxão, o tecido rasgou.

Me fode. Eu me esfreguei contra o pau dele, meu clitóris latejando. Um gemido me escapou quando ele enfiou seu dedo indicador todo dentro de mim. Nossos beijos começando a ficar cada vez mais frenéticos agora. Mas eu ainda não tinha perdido completamente a cabeça.

— Precisamos... — comecei a dizer, mas então ri roucamente devido à loucura que era a pergunta. — Valquírias podem engravidar?

Loki também riu comigo com sua risada sem fôlego.

— Não sem um outro nível de magia envolvida, fadinha. Pode deixar que não terá nenhum bebê trapaceiro por aí.

— Neste caso...

Eu posicionei a cabeça de seu pau sobre minha abertura. Ele tirou os dedos de dentro de mim e apertou minha coxa, enquanto eu descia sobre ele. Com uma pequena investida de seus quadris, ele me preencheu completamente. A cabeça de seu pau atingindo bem aquele ponto em meu íntimo para me deixar trêmula de desejo.

Nós conseguimos estabelecer um ritmo que era quase frenético, eu o cavalgando e ele erguendo os quadris para me encontrar, cada estocada como um choque ardente de desejo percorrendo meu corpo. Suas mãos estavam em todos os lugares, incendiando minha pele por onde passava: acariciando meus seios, tocando em minhas costelas, girando meus quadris para que eu pudesse tê-lo ainda mais fundo.

Uma onda de prazer ardente irradiava de meu íntimo até meu coração. Eu joguei a cabeça para trás, contraindo ainda mais minha musculatura ao redor do pau dele para atingir meu orgasmo. O polegar dele provocou meu clitóris, rodeando-o de novo e de novo; e então pressionou mais fundo. E eu explodi.

A explosão de êxtase sacolejou meu corpo todo e ofuscou minha visão. Eu me remexi em cima do Loki com um grito. Ele manteve a mão em meu clitóris e seguiu metendo em mim com um suspiro sem fôlego, quando gozei novamente, junto com o jarro quente de sua

própria liberação. Naquele momento, meu corpo não era nada além de calor e satisfação, e eu acreditei que seria capaz de tacar fogo no que quer que aparecesse à minha frente.

23.

Aria

Estávamos esparramados na cama, Loki deitado de costas e eu de conchinha ao seu lado, seu polegar subindo e descendo vagarosamente pelas minhas costas. Quando estava prestes a perguntar se era só isso, se ele já tinha terminado o que queria e se já ia se mandar, ele abaixou a cabeça e buscou meus lábios. O beijo não era desesperado como os primeiros, mas ainda incitava o fogo do desejo em mim.

Talvez fosse melhor esclarecer as *minhas* expectativas aqui.

Tirei um momento para recuperar o fôlego e então comentei:

— Só para saber, não estou procurando nenhum tipo, sei lá, de compromisso ou qualquer coisa assim. Isso, de qualquer jeito, não é muito a minha praia.

Loki gargalhou ruidosamente e acariciou o topo da minha cabeça com movimento doce de seus dedos.

— Então, o que está me dizendo é para não me emocionar demais e não sair proferindo juras de amor eterno?

— Estava planejando fazer uma? — Virei a cabeça para encará-lo.

Seus lábios curvaram-se em um sorriso divertido.

— Isso também não faz meu estilo, fadinha. Eu sou, como os humanos dizem, “uma pessoa rodada”, até mais do que os seus mitos indicam. Não vou presumir nada, nem sair achando que você me pertence apenas por termos aproveitado a companhia um do

outro. Você pode ir atrás de quem quiser. — Suas sobrancelhas se arquearam. — Talvez eu até mesmo possa me juntar na sua próxima conquista.

Dois caras ao mesmo tempo? Dois *deuses*? Porque era isso que minha mente começou a imaginar: as mãos fortes de Thor, o toque gentil do Baldur, a presença impactante do Hod. Eu nunca tinha feito um *ménage* antes, era bem mais fácil se sentir no controle quando se tinha apenas um parceiro, mas a ideia me pareceu subitamente interessante. Talvez fosse porque um desses parceiros poderia ser o deus gostoso para cacete que estava deitado comigo.

— Você já fez isso antes? — perguntei.

Loki balançou despreocupadamente a mão.

— Já fiz um pouco de tudo. — Ele ficou em silêncio por um momento e depois retomou o toque delicado por meus cabelos. — Embora, para dizer a verdade, faz um tempo que não faço nada. Tudo ficou tão ordinário. Eu tinha esquecido o quão estimulante era estar com alguém que consegue me manter na linha.

— Estimulante, é? — sussurrei.

— Você não ficou estimulada? — provocou ele. Seu tom de voz de repente ficou mais sério. — Eu nunca vou mandar em você, Ari. Pode acreditar nisso. Mas, só para saber o que penso sobre nós, eu realmente espero que possamos ter outros momentos como esse.

— Hum — resmunguei tentando disfarçar. A verdade é que só o toque breve de sua mão em minha cabeça, o calor do seu corpo alinhado ao meu, já bastavam para eu querer me atirar nele agora mesmo. Mas eu não queria admitir que isso seria uma boa ideia. Loki era “estimulante” para porra, mas ele também era um completo trapaceiro. Havia motivos para tentar ignorar essa atração.

Contudo, agora estávamos aqui, então parecia razoavelmente seguro apoiar minha cabeça embaixo de seu queixo e tragar aquele cheiro doce e picante de sua pele. Um estremecimento de sua energia vital tremeluzia sob aquele aroma, aquela pulsação fraca a qual meus sentidos de valquíria estavam sintonizados.

Assim como os demais deuses, sua energia era mais brilhante do que a de qualquer humano ou elfo que já tinha visto. Brilhante e intensa, no entanto, não era tão calorosa como a que sentia dos outros. Quando concentrei meus sentidos nela, consegui detectar um frio cortante em meio ao brilho. A cor mais em tons acobreados do que dourados. Fiz uma careta.

— Você ficou calada, fadinha — sondou Loki. — O que está pensando?

— A sua... energia vital, ou sei lá. As energias dos outros deuses eram muito parecidas entre si, mas a sua é um pouco diferente. Será por que eles são irmãos?

Sua mão ficou imóvel em meu cabelo. Fora apenas por um segundo, mas bastou para perceber que eu não deveria acreditar no tom casual quando ele me respondeu.

— Não, isso é porque eu não sou um deus.

Eu me afastei um pouco para encará-lo.

— Haha. Muito engraçado.

— Não — respondeu suavemente. — É sério. Você obviamente não conhece toda a mitologia. Thor, Baldur e Hod são todos Aesir, os habitantes legítimos de Asgard. Eu sou um gigante intrometido que conseguiu se dar bem com o dono do pedaço. É claro que fico mais do que satisfeito em aceitar o título de deus, quando as pessoas o oferecem.

— Ah — acho que isso explicava um pouco melhor o motivo de haver tanto atrito, que notava de vez em quando, entre ele e os demais. E pensar que mesmo depois de tanto tempo juntos, eles não tinham superado nada.

— Ficou chateada com isso? — questionou Loki. — Achou que tinha conseguido um deus, mas acabou não sendo o que esperava?

Revirei os olhos.

— Não ligo a mínima para essa merda. Só não tinha compreendido.

— Está bem — mencionou ele, com seu tom extremamente leve de sempre. Então, uma cadência mais natural se sobrepôs em sua voz. — Todos os mais diversos seres possuem um tipo próprio de energia. Imagino que Freya tenha uma energia diferente da do clube do bolinha também, ela é uma Vanir, não uma Aesir, embora eu realmente não veja diferença alguma entre eles. Os humanos também são algo completamente diferente. Assim como as valquírias.

Ele inclinou a cabeça, seus lábios roçando levemente em minha testa. O beijo breve enviou uma nova onda de arrepios por meu corpo, mas a minha cabeça fervilhava com outra coisa.

— E os elfos sombrios também — acrescentei.

— Bem, sim. Acho que isso seria muito útil, se não tivéssemos que estar perto o bastante para captar essa energia.

Eu me sentei e endireitei minha postura.

— Eu não preciso estar perto. Acho que consigo identificar e reconhecer a energia de uma batalha de qualquer lugar.

— Onde você quer chegar com isso? — questionou Loki, com um brilho ávido cintilando em seus olhos.

Meu coração disparou ainda mais.

— Eu não acho que consigo detectar no país todo, quiçá o mundo, daqui, mas se eu estiver voando, poderia ser capaz de identificar onde um bando de elfos sombrios estejam reunidos em um mesmo lugar, emergindo e desaparecendo. Como se estivessem entrando e saindo deste mundo.

— Através do portal! — exclamou Loki, se desvencilhando da cama e colocando suas roupas em uma demonstração impressionante de graça caótica. — Você pode dar um descanso para suas asas. Posso correr mais rápido do que elas. De acordo com as atividades dos habitantes de cavernas do lado de cá do oceano, acho que nem será preciso procurarmos pelo mundo todo. Assim, podemos vasculhar o país todo em uma hora.

Peguei minhas próprias roupas. A empolgação se misturando ao medo. E se não funcionasse, e se eu o mandasse nessa jornada para nada?

Mas foi para isso que tinha voltado. Eu voltei para tentar. E, também, pelo sexo divino com alguém que não era bem um deus.

— Você vai me carregar? — indaguei, enquanto vestia as calças de linho emprestadas. Eu realmente precisava de mais algumas calças jeans.

— Não é hora de se preocupar com dignidade — respondeu o trapaceiro. — Eu posso te levar nas costas. Vamos logo. Se formos rápidos, podemos voltar com boas notícias antes que esse bando de lesmas desça para o café da manhã.

Corri atrás dele até a janela da trapeira. Minhas pernas empacando, quando a abriu.

— Se os elfos sombrios me virem...

Ele me chamou para segui-lo.

— A ilusão que coloquei ao seu redor irá durar até eu tirá-la. Ninguém lhe verá comigo, a menos que eu permita.

— Tá bem, tá bem — murmurei, passando pela janela atrás dele. Ele me levantou e me acomodou em suas costas, da forma como ele tinha dito que faria antes. Envolvei os braços ao redor de seus ombros, abracei minhas pernas ao redor de sua cintura, e ele levantou voo.

Quando avançou cada vez mais alto pelos céus, percebi como ele tinha me encontrado tão rápido ontem na boate. Ele não estava logo atrás de mim; ele fora capaz de cruzar aquela distância de forma muito mais rápida do que eu.

Em poucas arfadas, ele já estava a uma altitude tão alta, que todo o estado estava visível abaixo de nós. Em nossas viagens anteriores, ele deve ter se contido para que o restante pudesse acompanhá-lo.

— Alguma coisa por aqui? — perguntou ele.

— Primeiro, eu tenho que descobrir o que estou procurando — comentei. Eu andava muito ocupada evitando ser morta pelo elfos sombrios, ou me preocupando com eles matando o Petey, para prestar de fato atenção na energia singular deles. Mas conforme respirei, revivendo aquelas memórias, notei que quase poderia sentir o gosto dela. Um pulsar mais vagaroso e um pouco mais denso do que a energia dos humanos, ligeiramente oleaginosa. Franzi meu cenho ao aguçar meus sentidos.

A vida vibrava por todo o cenário abaixo: uns fragmentos nas cidades menores, uma explosão estrondosa ali por Nova Iorque e tudo o mais pelo caminho. Captei traços daquela energia mais

oleosa vez ou outra, mas quando eu focava minha atenção nela, ou ela se esvaía entre a força vital da multidão humana ou eu tinha a impressão de se tratar apenas de um ou dois espécimes. Nenhuma grande variação.

— Não acho que o portal esteja aqui — conclui.

— Sigamos em frente!

Loki correu em disparada, quilômetros sendo percorridos a cada passo. Por fim, estabelecemos um padrão: ele parava, eu vasculhava a área com meus sentidos, então seguíamos em frente. Por vezes, não captava nenhum traço dos elfos sombrios. Outras, encontrava apenas alguns poucos, como antes. Estava prestes a perder as esperanças. Será que eles conseguiram de alguma maneira camuflar a presença deles em relação à minha percepção de valquíria?

Loki parou novamente, e eu me concentrei para encontrar a energia zunindo e me chamando logo abaixo. Uma cidade aqui, um município acolá, mais cidades pontilhando o cenário montanhoso, e um rastro de energia oleosa.

Eu me enrijeci contra as costas de Loki. Ele tocou na minha panturrilha apoiada em sua coxa.

— Aqui?

— Espera. — Um bando de elfos sombrios não era o bastante. O que importava aqui era o que eles estariam fazendo.

Conforme concentrei mais minha atenção naquela porção de vidas, três delas sumiram, uma após a outra, como se tivessem morrido. Um minuto depois, outras cinco apareceram do nada. Esbocei um sorriso em meus lábios.

Não era do nada. Eles tinham saído da passagem entre o mundo

deles e o nosso.

— Lá — afirmei, apontando enquanto tentava precisar ainda mais o local.

Nós estávamos tão alto que o aglomerado de prédios, para o qual estava apontado do outro lado de uma montanha, parecia uma pequena mancha no terreno.

— Agora pegamos eles. — falou Loki, rindo sozinho.

Quando ele virou para voltarmos à casa, também ri, deixando o alívio me percorrer. Ele passou por alguns estados, quando girou a cabeça surpreso.

— Olha quem está aqui.

Ele deslizou até parar. Uma forma envolta em penas pretas planou para se juntar a nós. Com uma leve tremulação ao seu redor, Munnin se transformou em sua forma humana, apesar de manter duas asas pretas enormes que ela seguia batendo para ficar na mesma altura que estávamos.

— De onde você está vindo, Loki? — indagou ela, olhando apenas para ele. — Você parece extremamente satisfeito. Descobriu alguma coisa?

— Só o local exato em que está o portal dos elfos sombrios — retorquiu ele com um sorriso. — Teremos Odin de volta até a hora da janta.

Seus olhos se arregalaram.

— E onde fica o portal?

— Em uma área montanhosa do Kentucky. Estou indo reunir o pessoal para investigarmos melhor. Suponho que venha se juntar a nós?

— É claro — disse ela.

Eu me reajusteí nas costas de Loki, mas o olhar dela não deixou o rosto dele. Por fim, compreendi. Ela não podia me ver. A ilusão do Loki me escondia dela também.

— Eu devo ter algumas armas úteís para a batalha — prosseguiu a mulher corvo, com um brilho sombrio em seus olhos. — Deixe-me buscá-las e me encontro com vocês assim que possível.

Loki acenou com a cabeça para ela, que retornou a sua forma de corvo. Com um rápido bater de suas asas, ela voou para longe da gente.

Quando Loki partiu de novo, comecei a ficar cada vez mais inquieta.

— Então, nós vamos direto para esse portal, atravessá-lo, lutar contra os elfos sombrios e trazer o Odin de volta?

— Essa parece a opção mais plausível — concordou. — Qual é o problema, fadinha?

— A sua ilusão pode impedi-los de me verem. Mas se eu for lutar ao seu lado, se eu for matá-los como uma valquíria, eles saberão que estarei lá.

E eles irão atrás do Petey como eles mesmo já avisaram.

— A luta não é sua, você não precisa tomá-la para si — sugeriu Loki.

Ele realmente queria dizer isso, assim como os outros quando disseram que eu podia ficar de fora se quisesse. Mas eu não achava que isso era a solução, nem naquele momento, nem agora.

— Mesmo se resgatarem o Odin, vocês não irão impedir completamente os elfos sombrios de continuarem em Midgard, não é?

— Verdade. Não podemos simplesmente justificar, ou executar,

um extermínio completo deles. Talvez possamos bani-los deste mundo, se encontrarmos provas suficientes de seus crimes, e assim que tivermos os poderes de Odin de novo ao nosso lado...

— Mas isso vai levar tempo — interpelei. — Mesmo que eles não saibam que eu ajudei vocês novamente, pelo que sei eles podem muito bem matar o Petey apenas por maldade.

Loki ficou calado por um momento.

— Não vou negar a possibilidade, Ari — disse ele.

Soltei um suspiro pesaroso.

— Então, o que devo fazer? Enquanto eles souberem onde ele está, eles podem muito bem machucá-lo sempre que quiserem. Eles até já podem tê-lo machucado.

— Não — ressaltou Loki de modo firme, interrompendo meu surto crescente de pânico. — Hod está vigiando seu irmão. Ele pode acabar com um monte de elfos sombrios sozinho, e se tivessem tentado algo, ele teria nos alertado.

Certo. Respirei fundo. Eu agradeceria imensamente ao deus cego assim que o visse novamente. Mas ainda...

— Eu não posso esperar que protejam o Petey para sempre — recomecei. — Ou até por mais tempo. Todos vocês precisam estar juntos para lutarem contra os elfos sombrios, não é? E, depois, voltarão para Asgard.

— Assim como você — comentou Loki docemente, como se eu precisasse do lembrete.

Mesmo que, de alguma forma, eu conseguisse escapar do alcance dos deuses, ou os convencesse de me deixarem ficar no mundo humano, eu, tampouco, conseguiria proteger o Petey da retaliação dos elfos sombrios sozinha. A noção caiu como um peso

sobre meus ombros.

— Eu não posso deixá-lo lá — supliquei. — Ele nunca ficará realmente seguro. — Assim como nunca estive, nem quando era apenas minha mãe e sua revoltante corja de namorados. Eu também não poderia levar o Petey comigo para qualquer lugar, não é?

Engoli em seco. Loki tocou novamente em minha perna conforme nos aproximávamos da casa.

— Acho que já sabe o que precisa fazer. Nós vamos levar seu irmão para algum lugar onde os elfos sombrios jamais o encontrarão. Então, você pode mostrar àqueles comedores de terra como é a fúria de uma valquíria.

24.

Hod

O cabelo de Ari farfalhou quando ela abaixou a cabeça. Do outro lado da rua, três pares de passos seguiam pela calçada da frente de uma casa. O sol estava quente, esquentando as telhas do telhado onde estávamos empoleirados, e a brisa trazia um aroma pungente de narcisos de um jardim logo abaixo, mas nada disso afetou a sombra taciturna que pairava sobre a valquíria.

Uma voz infantil chegou até nós.

— O que estamos fazendo aqui?

— Vamos conhecer sua nova família — respondeu Baldur, com sua candura serena.

Ari soltou um suspiro sôfrego.

— Esse é realmente o único jeito? — sussurrou ela baixinho.

Eu sabia que ela já tinha a resposta para aquela pergunta.

— Se deixássemos suas memórias, ele poderia fugir. Dizer algo que pudesse complicar as coisas. Ele até poderia terminar de novo com sua mãe. Até mesmo um adulto, que tem completa noção da gravidade da situação, tem problemas em viver uma mentira por tanto tempo.

— Eu sei. — Ela puxou as pernas para a frente. As penas de suas asas, ainda abertas nas costas, tremulavam suavemente com a brisa. — Eu sempre achei que um dia teria um trabalho decente, uma casa, tudo certinho para conseguir brigar com minha mãe pela guarda dele...

— Você não poderia dar nada disso a ele, não do jeito que você é agora.

— Não como uma valquíria. Eu sei — ressaltou ela sem fôlego. — Eu só fico tentando me lembrar de que isso é o melhor para ele, de que é melhor do que estar morta e não poder fazer realmente mais nada por ele.

A emoção naquelas palavras provocou um aperto em meu peito. Eu sabia que a Ari amava seu irmão, desde o primeiro momento em que a vi falando dele, mas o amor também poderia ser possessivo, até mesmo egoísta. Em vez de se apegar, ela abdicou de seu lugar na vida dele para o bem do menino.

— Você está fazendo a coisa certa — comentei. — Assim, você o está protegendo da melhor maneira possível. Ele tem sorte de ter você como irmã.

A próxima inspiração dela pareceu estrangulada. Sua mão esfregando suas bochechas. Imaginei que secando as lágrimas. O aperto em meu peito aumentou. A vontade em tomá-la em meus braços crescia, desde o instante que bolamos esse plano com ela. Uma vontade de puxá-la para mim, como não tinha me atrevido naquela outra noite, no entanto, eu era capaz de dizer que ela não teria gostado nada. Como poderia saber se agora seria diferente? A última coisa que queria era lembrá-la do homem que a machucara antes.

Então, fiquei parado onde estava.

As três figuras do outro lado da rua se aproximaram da porta da frente da casa. Um deles, provavelmente o Loki, bateu à porta. Um momento depois, a porta se abriu.

— Ah — surpreendeu-se, um pouco resfolegada, a mulher que

atendeu. — Vocês estão aqui. Olá. É um prazer conhecer vocês.

— Podemos entrar? — perguntou Loki, em uma voz doce como de costume, mas em um tom mais agudo. O trapaceiro, dessa vez, havia se transformado em uma dama elegante para, supostamente, desempenhar o papel de uma assistente social de uma agência de adoção local. Nós escolhemos uma família que estava aguardando na fila de adoção e que parecia a melhor opção para o irmão da Ari, depois Loki adulterou todos os documentos necessários. Baldur o acompanhava como seu assistente, para conduzir boas vibrações e facilitar a transição.

Meu trabalho, como sempre, era espalhar a escuridão. Eu apaguei qualquer memória de reconhecimento da cabecinha do menino. Apaguei da cidade toda qualquer lembrança que alguém poderia ter dele: a mãe que o deixou ser maltratado, o namorado que o maltratava, os elfos sombrios que andavam à espreita, os professores e colegas que poderiam perguntar sobre ele. Ninguém agora iria pensar em procurá-lo.

Não consegui alcançar cada um dos elfos sombrios que poderiam ser uma ameaça, mas nós conseguimos arrastar o garoto para uma cidade no Canadá, onde o computador do Loki não encontrou nenhum sinal de atividade deles. As chances de eles perambularem por aqui e encontrá-lo por acidente eram ínfimas.

Ele estará a salvo. E não tinha ideia alguma que já teve uma irmã, muito menos uma irmã que estava disposta a sacrificar tudo por ele.

— Estou bem — disse Ari de repente. Sua voz não soava mais chorosa.

— Eu sei que está — respondi, porque sentia que era o que ela precisava ouvir. E não tinha dúvidas de que ela ficaria bem. Essa

nossa valquíria era extremamente resiliente de todas as maneiras possíveis.

A porta da casa se abriu e se fechou novamente. Apenas dois pares de passos desceram pelo trajeto. E eles devem ter se tornado invisíveis aos humanos mais uma vez, porque um momento depois, Loki já deslizava ao nosso encontro.

— Está tudo em ordem — declarou ele. — Ele pareceu se entrosar bem com os pais adotivos.

Ouvi o sussurrar dos tecidos e percebi que a mão dele apertava levemente o ombro de Ari.

— Você ganhou essa batalha, fadinha. — Ela se mexeu e se inclinou ao toque dele. Fora apenas por um segundo, mas foi o bastante para tornar o aperto em meu peito em um fervilhar de ciúmes. Quando os dois tinham ficado tão íntimos?

— Quero ficar um pouco mais — falou Ari. — Então, iremos arrebentar aqueles elfos sombrios.

— Nós vamos terminar os preparativos para nossa *outra* batalha — comentou Loki, rindo.

— Você vem, irmão? — chamou Baldur.

Balancei a cabeça.

— Vou retornar junto com a valquíria.

Quando eles partiram, Ari se sentou novamente e inclinou-se um pouco para trás, apoiando-se sobre as mãos com um leve ranger do telhado.

— Você não precisa ficar — começou ela. — Eu não passei por tudo isso para estragar as coisas agora fazendo algo idiota. Eu só... quero ficar perto dele um pouquinho mais.

— Eu não estou preocupado com você fazendo algo precipitado

— afirmei. — Você *quer* ficar sozinha?

Ela fez uma pausa antes de admitir.

— Não. Não quero.

Sentamo-nos por um longo período em silêncio. Cada movimento que ela fazia provocava arrepios em meu corpo. Eu tinha que dizer algo mais.

— Eu sinto muito.

A cabeça dela se virou com o sibilar de seus cabelos.

— Pelo quê?

— Por dizer que você era egoísta. E por... Olha, eu lhe tratei mal desde o início. Admito que lhe julguei precipitadamente. Dessa vez, Loki fez uma boa escolha, ao te escolher.

Ela ficou quieta por tanto tempo que até acreditei tê-la ofendido ainda mais. Então, ela me respondeu, em um tom sugerindo um sorriso em seus lábios.

— Está bem. Desculpas aceitas. E é bom você se sentir assim, porque agora mesmo que não se verão mais livres de mim.

— E isso é ruim? — provoquei.

— Não. Acho que não. Quero dizer, considerando a alternativa... Aliás, muito obrigada, por cuidar do Petey e por fazer isso tudo dar certo.

— Sei o quanto ele significa para você. Na verdade, você jamais o deixou sozinho.

— Eu sei. — Ela esfregou a mão ao redor da boca. — Agora que sabe todos os meus segredos mais trágicos, você acha que algum dia poderá me contar sua história de merda? Parece mais do que justo.

— Eu não sei — respondi, os cantos da minha boca se curvaram

em um sorriso, apesar do bolo em minha garganta. — Não contarei nada agora, mas quem sabe um dia.

— Bem, assim que você quiser. Estou preparada para me enfurecer e te defender.

Gargalhei ao ouvi-la, porém as palavras me trouxeram o aperto de antes. Eu tinha um pressentimento de que ela realmente se enfureceria, se eu permitisse. Mas eu nem mesmo me permitia, nem por um segundo.

Senti um certo alívio quando percebi que havia alguém que poderia se rebelar ao meu lado, caso eu precisasse.

Sem me permitir questionar novamente o momento, deslizei minha mão pelas telhas até meus dedos roçarem nos dedos da Ari. Peguei de forma leve sua mão e apertei gentilmente. Ela não se afastou.

— Um dia... — repetiu ela antes de hesitar. — Eu dormi com o Loki.

Uma angústia me atormentou da cabeça aos pés. Minhas costas se enrijeceram, mas consegui manter meu toque sobre sua mão frouxo e minha voz controlada.

— Por que está me contando isso?

— Oras, de qualquer maneira você seria o primeiro a descobrir. E eu meio que fiquei preocupada se isso lhe importava.

— Não é da minha conta — respondi, me perguntando o quanto das minhas intenções ela seria capaz de perceber. — Se você quer ficar com ele dessa forma, não vou lhe julgar. — Ela não, de qualquer maneira. Agora ele, eu até poderia me imaginar o estrangulando com mais frequência.

— A questão é que não é apenas com ele — balbuciou ela para si

mesma. — Eu me sinto ligada a vocês quatro. Até achei que isso sumiria assim que desse um jeito nessa necessidade..., mas parece que só piorou. Com todos vocês.

— Nós lhe invocamos — assenti, mas não acho que isso explicava os sentimentos que ela me descrevia. A verdade era que, cada vez mais, eu sentia algo parecido. — De um modo estranho, acho que todos nós precisávamos de você. Ou de alguém como você.

— Estranho, é?

— Bem, eu quero dizer... — Não sabia direito se eu conseguiria me livrar dessa. Então, me contentei em dizer-lhe a verdade. — Você não é o que esperávamos em uma valquíria. Mas, obviamente estávamos errados. Faz muito tempo que somos nós cinco, e Odin quando está entre suas andanças. Não acho que isso tem sido bom para ninguém.

— Então, você está feliz por eu chegar aqui jogando tudo para o alto?

— Diria que sim.

— Bom saber — soltou ela, com um riso trêmulo. — Sabe, nos últimos cinco anos eu dormi com um bom número de caras. Mas você foi a primeira pessoa com quem eu me permiti chorar desde meus doze anos. Então... fica a seu critério se isso conta mais do que outra coisa.

Virei minha cabeça na direção dela. Eu não a podia ver, isso não, mas seu contorno não podia estar mais nítido em minha mente. Uma sensação se espalhou por entre minhas costelas, mas não era dolorosa.

Talvez eu fosse algo que ela também precisava. Algo que ela

ainda necessitava.

Levantei minha mão para acariciar sua bochecha. Ela sobrepôs sua mão sobre meus dedos, apertando-os. Depois, ela inclinou levemente a cabeça e pressionou um beijo leve na palma da minha mão.

Meu coração disparou com o súbito choque que senti percorrer pelo meu braço, e me aproximei sem pensar duas vezes. Meus dedos deslizaram por entre as ondas de seu cabelo, enquanto a puxava para lhe beijar de verdade.

Fazia tempo desde a última vez que tinha beijado outra pessoa. Eu não era realmente ligado a namoricos impulsivos. Mas minha boca parecia saber exatamente como se mover contra a boca da Ari, para enviar um tremor de prazer pelo meu corpo e arrancar um gemido satisfeito dela.

Ela retribuiu meu beijo, sua mão repousando em meu pescoço. As sombras no meu íntimo se ataçaram ao se encontrar com o poder sombrio em seu espírito, mas ela não era apenas escuridão. Nem de longe. Um brilho como a luz do sol permeava seu interior junto à escuridão, todo o calor e vitalidade que ela possuía. A nossa valquíria era cheia de luz.

Quando sua boca enfim se afastou da minha, fora apenas para que pudesse descansar a cabeça contra meu ombro. Ela pegou minha mão na sua, mais uma vez, e a apertou com força.

— Acho que é melhor irmos andando. A batalha não será travada sozinha.

— Não, por mais conveniente que isso seja.

— O resto... Podemos ver quando tudo se acalmar, não é?

Ela disse isso casualmente, mas, ao mesmo tempo, senti ela se

retesar um pouco ao meu lado. Como se estivesse insegura de minha resposta. Como se o que eu respondesse pudesse lhe machucar.

Logo notei que minha resposta aqui realmente poderia determinar tudo.

Retribuí o aperto em sua mão, minha voz quase em um sussurro.

— Não vou a lugar nenhum.

Essa pareceu ser a resposta certa. O corpo dela se relaxou. Ela se levantou e se virou novamente em direção a nova casa de seu irmão.

— Seja feliz, Petey — disse ela, soprando um beijo para a casa. Depois, ela se virou para mim. — Vamos nessa.

25.

Aria

Nós paramos, sobrevoando a alguns quilômetros da cidade onde estaria o portal dos elfos sombrios, se é que podíamos chamar aquilo de cidade. Consegui discernir umas dezenas de construções de madeira, todas em péssimo estado de conservação. Alguns telhados tinham cedido, outros estavam prestes a desabar. Ervas daninhas brotavam por toda a estrada de cascalho.

As figuras baixas e atarracadas dos elfos sombrios moviam-se de uma construção a outra, por aqui e por ali, mas não vi nenhuma pessoa. Tampouco conseguia sentir alguma coisa além da energia densa e oleosa característica dos elfos.

— Não acho que tenha humanos morando por aqui há muito tempo — comentei.

— Uma cidade fantasma — declarou Thor, batendo de forma ansiosa seu martelo contra a palma da mão. — Não há lugar melhor para um portal.

— Eu não vejo nenhum portal — disse Muninn, virando a cabeça para o lado como o pássaro que ela era.

— Está por ali — indicou Freya para um caminhezinho entre as árvores na encosta do morro. A sua boca torcida em uma careta. — Eu posso sentir o frio da caverna deles até mesmo daqui.

Loki girou sua adaga curva no ar com um sorriso cortante.

— Então, vamos enfrentar o frio.

Meu canivete já estava à mão, mas era com a minha habilidade

de tomar vidas como valquíria que eu precisava contar. Hod já tinha reunido bastantes sombras ao redor de seus braços definidos e de seu peitoral rijo. Baldur estava pronto e de pé na porção brilhante de magia que o havia levado até ali, um completo oposto de seu gêmeo, como sempre.

— Chegar até o portal será a parte mais fácil — lembrou-nos Freya. A deusa do amor e da guerra parecia mais linda do que nunca, mas um brilho feroz cintilava em seus olhos a ponto de eu nunca ousar cruzar seu caminho. Ela levava uma espada curta consigo, embora acreditasse que ela usaria mais sua magia no decorrer da luta. — Dentro das cavernas, nós estaremos mais vulneráveis. Vamos abrir caminho o mais rápido que possível, encontrar Odin e então retornar. Sem parar para qualquer distração.

Ela não olhou para ninguém em particular, mas Loki colocou a mão sobre o peito fingindo consternação.

— Não precisa duvidar de mim. Prometo que irei matá-los rápida e precisamente.

— Estamos todos prontos? — perguntou Thor em sua voz baixa.

Respirei fundo e assenti como os demais. Eu ainda não sabia o que os elfos sombrios estavam tramando ao deixar aquelas marcações pelo país, mas não precisava saber. Eles sequestraram o pai dos deuses, ameaçaram meu irmãozinho e quase me mataram na primeira oportunidade que tiveram. Não, eu não ia deixar minha consciência pesar nem um pouco durante nossa batalha contra eles hoje.

— Baldur? — chamou Freya.

O deus da luz levantou as mãos. Seus ombros musculosos flexionando-se com o movimento.

— Às ordens.

Mergulhamos juntos em direção à cidade fantasma tão rápido que o vento uivou em meus ouvidos. Um grito esganiçado ecoou logo abaixo, quando a ilusão que nos mantinha escondidos se esvaiu, e um elfo sombrio nos avistou.

— Agora! — bradou Freya.

Baldur ergueu os braços com toda sua força, enviando uma onda de luz que varreu tudo à nossa frente para atacarmos. A luz sibilou por cada construção, cada corpo, derrubando os elfos sombrios de costas para o chão com os olhos estorricados e completamente pretos. Sem dúvidas, essa aparência combinava muito mais com a personalidade deles.

Nós avançamos passando por eles e corremos por entre as árvores onde Freya sentira o portal. A abertura era nada além de uma rachadura alongada na encosta rochosa da colina, mas uma energia sinistra emanava dela e arrepiava minha pele. O que estava do outro lado do portal não era algo deste mundo.

Corremos para atravessá-lo sem hesitação alguma, com Freya e Thor na liderança. Avancei pela densa escuridão que me lançou para uma caverna úmida e sombria, como aquela que eu visitara pela porta de Yggdrasil^[10].

Thor já estava mais à frente travando uma luta, rugindo de raiva e balançando seu martelo. Fragmentos afiados da magia de Freya zuniam pelo ar. Os poucos elfos sombrios próximos ao portal, quando os dois adentraram, já estavam jogados ao chão.

Corri atrás deles junto aos demais. Nosso grupo irrompeu pela estreita passagem até chegarmos a uma caverna mais ampla.

O bando de elfos sombrios veio ao nosso encontro, dentes à

mostra e alardeando suas facas. Baldur chicoteou mais alguns raios de luz neles, mas seu poder parecia diminuir aqui, ao passo que a resistência deles era maior. O martelo de Thor vibrou pelo ar. A cada batida, mais elfos surgiam. Loki se lançou com a adaga, rápido e preciso como o prometido, as chamas lambendo em sua outra mão.

Onde Odin estaria nesse cacete de lugar? Diversas aberturas surgiam ramificadas da caverna maior, embora todas estivessem igualmente às escuras. Eu sobrevoei o exército élfico, tragando a energia vital de alguns deles pelas pontas dos dedos com cada bater de minhas asas, no entanto uma inquietação começou a dominar meu íntimo. Nós estávamos perdidos. Algo estava errado.

Eu não conseguiria explicar a sensação, tampouco conseguia me livrar dela.

Então, Muninn gritou de onde ela havia planado em círculo ao redor da caverna.

— Por aqui! — indicou ela com sua faca. — O Pai de Todos está por aqui!

Os deuses se uniram e numa horda uníssona pressionou os elfos, abrindo caminho e derrotando quem estivesse pela frente. Um elfo sombrio escapou das sombras de Hod, mas o puxei pelos cabelos e lhe tirei a vida. Hod direcionou sua escuridão para uma elfa que tentou se atirar em minhas asas. Eu mergulhei ao seu lado e rocei levemente em seu ombro para lhe agradecer, na mesma hora que vi um enxame de nossos atacantes se jogarem para cima do Thor.

Ele balançou seu martelo contra eles, mas o sangue surgiu por onde as lâminas deles se fincaram em sua coxa e em suas costas. Eu me lancei para frente, atingindo os elfos fora do alcance de seu golpe. Meu braço colidiu com seu corpo musculoso, contudo, um de

nossos inimigos já se contorcia antes que pudesse enfiar sua faca ainda mais fundo nele. Um outro, eu chutei em direção à trajetória da arma do Thor.

O deus do trovão encontrou o meu olhar por um instante cálido. A eletricidade faiscava em seus olhos, o rosto ruborizado com o calor da batalha, mas ele assentiu para mim como se agradecesse, apesar de tudo.

Não tive tempo para aproveitar o breve momento. Conforme avançávamos pela passagem cada vez mais estreita, os elfos vinham cada vez mais raivosos. Eu mal conseguia manter o controle sobre alguns deles, para arrancar-lhes a vida. Por longos minutos sincopados com meu coração, eu me empenhei em apunhalá-los com meu canivete e recorri a joelhadas e cotoveladas para afastá-los. Não importava se eles morriam ou não, contanto que os mantivesse à distância.

Um cheiro bolorento nos cercou, com só um toque daquela podridão que senti nas cavernas da primeira vez. Viramos uma curva e depois mais outra, Muninn mais à frente nos chamando, contudo, a sensação inquietante estava cada vez mais desconfortável. Tinha algo realmente *errado* e não tínhamos percebido o que era. Estava certa disso. Mas não conseguia explicar o quê.

Talvez tal impressão fosse devido a alguma magia traiçoeira dos elfos. Pois, nenhum dos deuses parecia ter notado algo errado.

Chegamos a outra caverna maior, e a mulher corvo soltou um grito vitorioso. Lá estava ele: o Pai de Todos, a figura alta e barbuda que vislumbrei em uma lembrança, que não poderia ser minha, quando olhei para seu trono em Valhalla. Mas não fora um trono que

ele recebera dos elfos sombrios. Correntes envolviam todo seu corpo, o imobilizando junto a uma haste de pedra. Sua cabeça pendia para baixo e ele estava ensanguentado e cheio de hematomas. Difícil acreditar que estaria inclusive consciente.

A voz de Freya ressoou debilitada e furiosa. Ela avançou empunhando a espada, que brilhava junto com os golpes de sua magia. Thor disparou atrás dela. Ele bateu com seu martelo na lateral da pedra, onde uma das correntes se prendia, e tanto o metal quanto a pedra se estilhaçaram.

Loki correu para segurar Odin, enquanto o Pai de Todos tombava para frente com o escorregar de suas amarras. O trapaceiro gesticulou para Thor, um movimento para indicar ao deus parrudo que continuasse balançando o seu martelo. Baldur se desvencilhou do caos para ajudar a carregar o seu pai, dando-lhe o outro apoio. Um brilho curativo emanava dele para a figura curvada, conforme revertíamos a direção de nosso ataque.

Meu coração palpitava freneticamente, mas quase de contentamento. Tudo que precisávamos fazer era sair daqui. Voltar para o sol e o ar fresco. Eu até já poderia senti-lo à nossa frente.

Encontrar Odin havia renovado o ímpeto dos deuses. As chamas de Loki flamejavam entre os elfos sombrios, e as sombras do Hod os chicoteavam com tudo, lançando nossos atacantes para todos os lados. Eles avançaram com uma nova arrancada de velocidade, e acabei ficando para cobrir a retaguarda de nosso batalhão. Empunhei minha lâmina, ataquei e arranquei algumas centelhas de vida, enquanto os elfos sombrios vinham atrás da gente.

Tínhamos acabado de adentrar àquela primeira grande caverna, só faltava essa e mais um túnel até chegarmos ao mundo brilhante

mais adiante, quando uma risada ecoou atravessando os grunhidos e clangores de nossa batalha. Meu corpo enrijeceu na mesma hora, minhas asas estremecendo em pleno ar.

Era a risada do Petey.

O som, que deveria soar alegre, era assustador aqui. Ele ressonou pelas paredes cavernosas, se elevando e aumentando quando outro elfo começou a imitar o som, então outro e mais um. De repente, parecia que a gargalhada do Petey ecoava de todos os lados, de centenas de bocas.

Eles estavam me lembrando de sua ameaça. Estavam me lembrando do que eles fariam com meu irmão, caso o encontrassem. Hod havia me prometido que tinha apagado as memórias de todos os elfos sombrios que estavam à espreita, mas pelo visto muitos outros também sabiam.

Senti o pânico provocar um aperto em meu peito. Chutei para longe um elfo sombrio que segurou meu tornozelo, mas o movimento pareceu letárgico, como se me movesse em câmera lenta.

Eles iriam atrás dele. Eles iriam atrás do Petey, e iriam agarrá-lo com essas mãos ossudas e dentes afiados. Como eu poderia pensar, como poderia lutar...?

Meu olhar frenético disparou pelo ambiente e se cruzou com o de Loki. O braço dele ainda ao redor de Odin, sua adaga perfurando os atacantes à sua volta, mas seus olhos se encontraram com os meus e sua boca proferiu duas palavras.

Eles mentem.

Ele não podia ter certeza. Ele não podia saber o que acontecia com o Petey agora mesmo, ou mais tarde. Porém, a determinação

me consumiu e conseguiu sobrepujar o pânico.

Eu sabia. Sabia que os deuses tinham feito todo o possível para me ajudar com o Petey, que eles seguiriam cuidando dele até quando saíssemos daqui. Eu acreditava que, se alguma coisa o manteria a salvo, seria o plano que tínhamos posto em prática.

E para me assegurar disso, nós *tínhamos* que escapar daqui.

Soltei meu próprio grito, feroz e furioso. Meu poder de valquíria reverberou pelas minhas veias. Isso já não me assustava mais. Era apenas a força bruta ressoando por todo o meu corpo.

Com um golpe de minha mão com o canivete, um trovão rimbombou e atingiu vários corpos élficos, uns caindo sobre os outros. Mergulhei de um lado a outro, degolando uma garganta com minha lâmina, deixando a escuridão serpenteando em meu íntimo tragar vidas de nossos atacantes. Minhas asas batiam vigorosamente com a descarga de energia. Meu corpo se movendo mais rápido do que nunca, o martelo encantado cintilando ao girar pelo ar, as chamas do Loki dançando e os elfos sombrios caindo mortos ao nosso redor. Eles tropeçaram até pararem entre os corpos ali jogados e nos deixaram partir.

Thor disparou investindo contra outra onda de atacantes em nossa retirada pela última caverna. Freya levou um golpe certo no rosto, cortando seus lábios perfeitos. Mas nós conseguimos. Nós nos lançamos à frente com um último rompante de força e vontade, atravessamos o portal, passando pela escuridão adiante e em direção à grama macia sob o sol quente.

26.

Aria

Odin cambaleou em seus próprios pés ao tocar o chão macio. Todos os deuses se aproximaram dele na mesma hora. Muninn segurou o braço do Pai de Todos, olhando-o de forma esperançosa. Loki deu-lhe um tapinha afetuoso, mas gentil, em suas costas.

— Nos leve para casa, irmão. Antes que esses habitantes das cavernas decidam nos estraçalhar aqui mesmo.

O Pai de Todos assentiu sem dizer nada. Ele se endireitou e levantou os braços em direção aos céus. Uma luz faiscou de suas mãos em direção às nuvens, como um enorme e incandescente arco-íris. Ele brilhou com mais clareza e com mais nitidez, até não restar dúvidas de que aguentaria nosso peso.

Thor deixou escapar um som de triunfo e seguiu adiante. Loki e Baldur o seguiram, ainda oferecendo apoio a Odin, e Freya e Muninn de cada lado dele. Os passos do Pai de Todos ficaram mais firmes conforme subia pela ponte cintilante.

Olhei de relance para o portal, mas não vi nenhum sinal de que tínhamos sido seguidos pelos elfos sombrios. Meu corpo estremeceu, liberando a tensão da batalha.

Nós vencemos. Resgatamos Odin e, quem sabe, em breve, ele poderia nos dizer o que os seus inimigos estariam planejando, e o porquê de ele ter sido aprisionado, para enfim conseguirmos derrotá-los de vez. No entanto, apesar de me sentir dez vezes mais leve, meu coração pesava no peito.

Isso era tudo verdade, mas eu também estava deixando meu verdadeiro lar para trás. Talvez nem tivesse grandes coisas para sentir alguma falta, talvez nem tivesse mais um lugar para mim por lá, mas era tudo o que eu conhecia.

Petey estava aqui, com a família nova que conseguimos arranjar para ele. Meu último vislumbre dele, seu cabelinho loiro desaparecendo ao atravessar a porta daquela casa, cintilou em minha mente e formou um bolo em minha garganta. Em vez disso, poderia ir atrás dele. Eu poderia estar com ele, de alguma forma...

Não. Cerrei os punhos ao meu lado. Nós tínhamos resgatado Odin dos elfos sombrios, mas eles ainda estavam por aí. Eles ainda se lembravam de mim e do Petey. Eu não poderia colocá-lo em perigo de novo.

Hod começou a seguir atrás dos demais, contudo, ele parou e se virou em minha direção.

— Valquíria? — chamou-me ele.

Sua atenção não me parecia exigir nada. Eu sabia que tinha que ir, pelo menos por ora. Respirando fundo, pisei com um pé depois do outro na ponte brilhante. No entanto, isso também não me parecia o mais adequado.

Se eu ia como uma valquíria, então voaria como uma.

Eu saltei para o ar e bati minhas asas atrás deles. Hod caminhou com um sorriso breve, mas doce. Vê-lo assim até aliviou um pouco a pressão em meu peito.

Eu ia encontrar um lugar entre os deuses e o gigante, um lugar que, quem sabe um dia, pudesse chamasse de lar. Ainda havia muito pelo qual esperar.

O cenário abaixo de nós ficou turvo e, então, se transformou no

mais puro céu azul. Um arco dourado surgiu mais à frente. Quando o avistaram, todos se apressaram. *Asgard*, presumi, com a ansiedade me consumindo.

Atravessamos por baixo do arco e chegamos a um pátio quadrado enorme lajeado de mármore. Um edifício de pedra reluzente, que parecia maior que um campo de futebol, despontava a nossa direita, Valhalla, pelo que supus. De algum modo, ele não me cativava pelo lado de fora da forma como me cativara quando andei por seus saguões, porém parecia igualmente impressionante.

Estruturas de pedra menores, porém, não exatamente minúsculas, se estendiam um pouco mais adiante, além do incrível chafariz com uma dúzia de cascatas gorgolejando águas cristalinas. Uma brisa morna agitou as penas de minhas asas, trazendo um aroma doce e cálido como mel.

— Ah! — exclamou Thor, espreguiçando os braços. — É bom estar de volta.

— Tudo parece em ordem — comentou Baldur com um sorriso.

— Afinal, nada muda quando ninguém mais pode entrar — declarou Loki, lançando depois uma piscada em minha direção. — Mas é bom saber que a Ari não deu nenhuma festinha quando teve o lugar só para ela.

— Nós precisamos achar uma casa para você — disse Freya, olhando para mim, enquanto acariciava a têmpora do marido. — Não há nenhuma necessidade de ficar naquele saguão de guerra sozinha. Há alguns palácios disponíveis por aqui, mais tarde podemos dar uma voltinha e você pode escolher o seu preferido.

— Isso parece... parece uma boa ideia — respondi, e me peguei sorrindo de volta para ela.

A cabeça de Odin virou bruscamente ao ouvir a minha voz. Thor pegou o braço dele, enquanto me lançava um sorriso.

— Ainda não tivemos a oportunidade de lhe apresentar a nossa Valquíria, Odin. Ela já fez o bastante para lhe deixar orgulhoso.

O Pai de Todos se arrastou um pouco para o lado, ao se virar para me encarar. Antes, eu achava que um de seus olhos estava inchado demais e por isso estaria fechado, mas agora notei que ele estava fechado com um talho cicatrizado. Um ferimento antigo, pelo que dava para notar, nada que os elfos sombrios tivessem feito com ele, já que ninguém estava falando sobre isso.

Seu outro olho viajou pelo meu corpo meio sem foco. Seus ombros ainda estavam curvados. A inquietação que me acometeu nas cavernas, crepitou novamente em meu coração. Ele tinha apanhado dos elfos, mas, agora que estava em casa, não deveria estar se recuperando? Ele era um deus como os outros. Baldur havia emprestado sua energia curativa.

— É por causa dela que fomos capazes de lhe encontrar — afirmou Hod, do outro lado de Odin. — Nós a enviamos ao Valhalla, e ela seguiu pela passagem de Yggdrasil até descobrir onde você estava.

Meu desconforto aumentou com o calafrio que percorreu minha pele. Isso. Eu tinha seguido o chamado de Odin até aquela porta que me levou às cavernas. Eu tinha sido capaz de senti-lo daquela vez, o deus de todas as valquírias.

No entanto, agora eu não conseguia sentir nada, mesmo estando a poucos metros de distância dele.

Loki saracoteou ao nosso lado. Seu olhar indo de Odin até a mim, e uma sombra perpassou seus olhos.

— Onde aquela corvo-fêmea se enfiou?

Aparentemente, Muninn havia escapado, enquanto todos respiravam aliviados por estarem de volta à casa. Mas eu, na verdade, não me importava com ela. O que importava era o deus à minha frente.

Dei um passo em direção a Odin e pousei minha mão sobre a dele. Calor emanava pela sua pele, mas meus sentidos de valquíria foram mais a fundo. Sua pulsação de energia veio ao meu encontro: uma energia fraca e gélida que me fez estremecer.

Ela não se parecia nem um pouco com o brilho cálido que os demais deuses emanavam. Mal parecia uma energia *viva*.

— Esse não é o Odin — declarei, puxando minha mão de volta.

Todos no pátio se enrijeceram. Freya franziu o cenho e tocou suavemente o ombro de Odin.

— Meu bem?

— Pai? Os elfos sombrios fizeram algo contigo? — questionou Baldur, o rosto gentil enrugando-se em preocupação.

Odin começou a chacoalhar. O cabelo começou a despencar, depois sua cabeça e assim por diante, até sua forma se desintegrar completamente e virar um monte de cinzas. Em um piscar de olhos, a figura que acreditávamos se tratar do Pai de Todos se esvaía.

Freya soltou um grito esganiçado e levou a mão à boca. Sua outra mão se fechando com força no punho da espada. Thor rugiu ferozmente e ergueu o martelo, vasculhando pelo pátio por um inimigo para arrebentar. O olhar de Loki perscrutou os arredores com mais calma, mas sua boca estava rija, formando uma única linha.

— Só Odin pode invocar a ponte para Asgard — mencionou ele.

— Então, se esse não é Odin... onde nos nove mundos nós estamos?

[1] N.T. As Nornas são as três anciãs da mitologia nórdica que vivem em Asgard (a morada dos deuses). São as tecedoras do destino dos deuses e dos humanos. Nas mitologias romana e grega elas são referenciadas, respectivamente, como parcas e moiras.

[2] N.T. Odin é conhecido como “Allfather” (Allföðr), o Pai de Todos.

[3] N.T. Midgard é o nome dado para o mundo/reino da Terra na mitologia nórdica. Ela fica localizada no centro da Yggdrasil, a árvore do universo que conecta os nove mundos na cosmologia nórdica.

[4] N.T. Ragnarök é a série de eventos que levariam ao fim do mundo, a última e decisiva batalha dos deuses.

[5] N.T. Fenrir é um lobo monstruoso, um dos principais causadores do Ragnarök.

[6] N.T. “Amazing Grace” (Maravilhosa Graça) é um hino muito conhecido pelos cristãos. Como há diversas versões, optamos por manter a letra original. A seguir a tradução literal dos versos aqui transpostos:

Por entre os perigos, privações e tentações, nós prevalecemos. Foi a graça divina que nos manteve a salvo até aqui, e será a graça divina que nos levará a salvo para casa.

[7] N.T. A Viola de arco é um instrumento clássico de cordas. Sua forma se assemelha ao violino, mas é um pouco maior e possui um som mais grave, alegre e menos estridente.

[8] N.T. Nidavellir por vezes também é dito ser o mundo dos Anões. Há algumas referências apontando Svartalfheim como a morada dos elfos sombrios, contudo, estudos apontam uma interrelação entre ambos os mundos impossibilitando determinar a qual mundo de fato tais seres residem.

[9] N.T. Hela é a deusa nórdica do submundo, ora conhecida por

Hel ou Hell. Ela é a guardiã dos mortos e seu nome deu origem à palavra “Hell” que, em inglês, designa inferno, apesar de na mitologia ela não ser classificada como uma deusa “boa” ou “má”.

[[10](#)] N.T. Yggdrasil é a árvore mitológica que conecta todos os mundos inferiores à Asgard, considerada o eixo dos mundos. Em sua base (raízes) está o Niflheim, o tronco corresponde a Midgard (o mundo dos humanos) e no cume da árvore está Asgard. Os frutos da Yggdrasil possuem todas as grandes respostas da humanidade, por isso costuma ser protegida pelas Valquírias.

Se você chegou até aqui, então deve estar desesperado pela continuação. Nós também! Conectada aos Deuses já está em tradução e chega ainda em 2021.

Inscreva-se na nossa newsletter neste [link](#) para não perder nenhum lançamento da Galuba Editorial.

Enquanto isso, é a sua vez de ser o escritor! Faça uma resenha para ajudar esta história a alcançar mais leitores.

Sobre a autora

Eva Chase é uma escritora apaixonada por histórias sobrenaturais de tirar o fôlego, com mulheres fortes e homens que as valorizem. Ela vive no Canadá com a família e dedica seu tempo a escrever romances sobrenaturais e de fantasia urbana com muita ação, cenas *calientes* e personagens inesquecíveis.

Fatos curiosos sobre a autora:

Cor favorita: roxo violeta

Comidas favoritas: curry verde de frango, *california roll* (sushi) e pizza

Local favorito para férias: Cancún

Animal favorito: golfinhos

Você pode conhecer seus outros projetos em evachase.com ou acessar as redes sociais da autora:

 / [AuthorEvaChase](https://twitter.com/AuthorEvaChase)

 / [EvaChaseBooks](https://www.facebook.com/EvaChaseBooks)

Caso queira fazer parte do grupo de leitores e fãs da autora, acesse o seguinte grupo e considere-se um “servo da magia” (*minion of magic*):

 / [groups/minionsofmagic](https://www.facebook.com/groups/minionsofmagic)

Conheça a Galuba Editorial

Das profundezas da literatura, surge a Galuba: uma editora 100% digital e feminina. Fundada pelas amigas Carina Derschum e Marcela Nogueira, nosso propósito é encorajar as mulheres no mercado editorial e promover a bibliodiversidade.

Mergulhe nessa história conosco!

Conheça outros títulos publicados em:

 / galubaeditorial.com

 / [galubaeditorial](https://www.instagram.com/galubaeditorial)

 / [galubaeditorial](https://www.facebook.com/galubaeditorial)

 / [galubaeditorial](https://www.pinterest.com/galubaeditorial)

 / [galuba](https://medium.com/galuba)

Créditos e copyright

TÍTULO ORIGINAL

Claimed by Gods

EDITORA DE AQUISIÇÃO E REVISÃO

Carina Derschum

TRADUÇÃO

Juliana Carneiro

CAPA E PRODUÇÃO DE EBOOK

Marcela Nogueira

IMAGENS DE CAPA

Alexander Krivitskiy, Andy Art, Jeremy Thomas, Katie Harp, Raphael Schaller / Unsplash

© Eva Chase, 2018

© Galuba Editorial, 2021

Todos os direitos desta edição reservados à Galuba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C487a

Chase, Eva

Arrebatada pelos Deuses. [recurso eletrônico] / Eva Chase;
tradução de Juliana Carneiro. – Rio de Janeiro: Galuba, 2021. (Série
O Despertar da Valquíria)

220 p.; 1,28 Mb

ISBN 978-65-991303-8-0 (e-book)

Tradução de: Claimed by Gods

1. Literatura americana – Romance. 2. Erótico. 3. Fantasia. 4.
Mitologia nórdica. I. Carneiro, Juliana. II. Título. III. Série.

CDD 813

Isabela Lustosa CRB-7: RJ-007115/O